



WELCOME HOME,

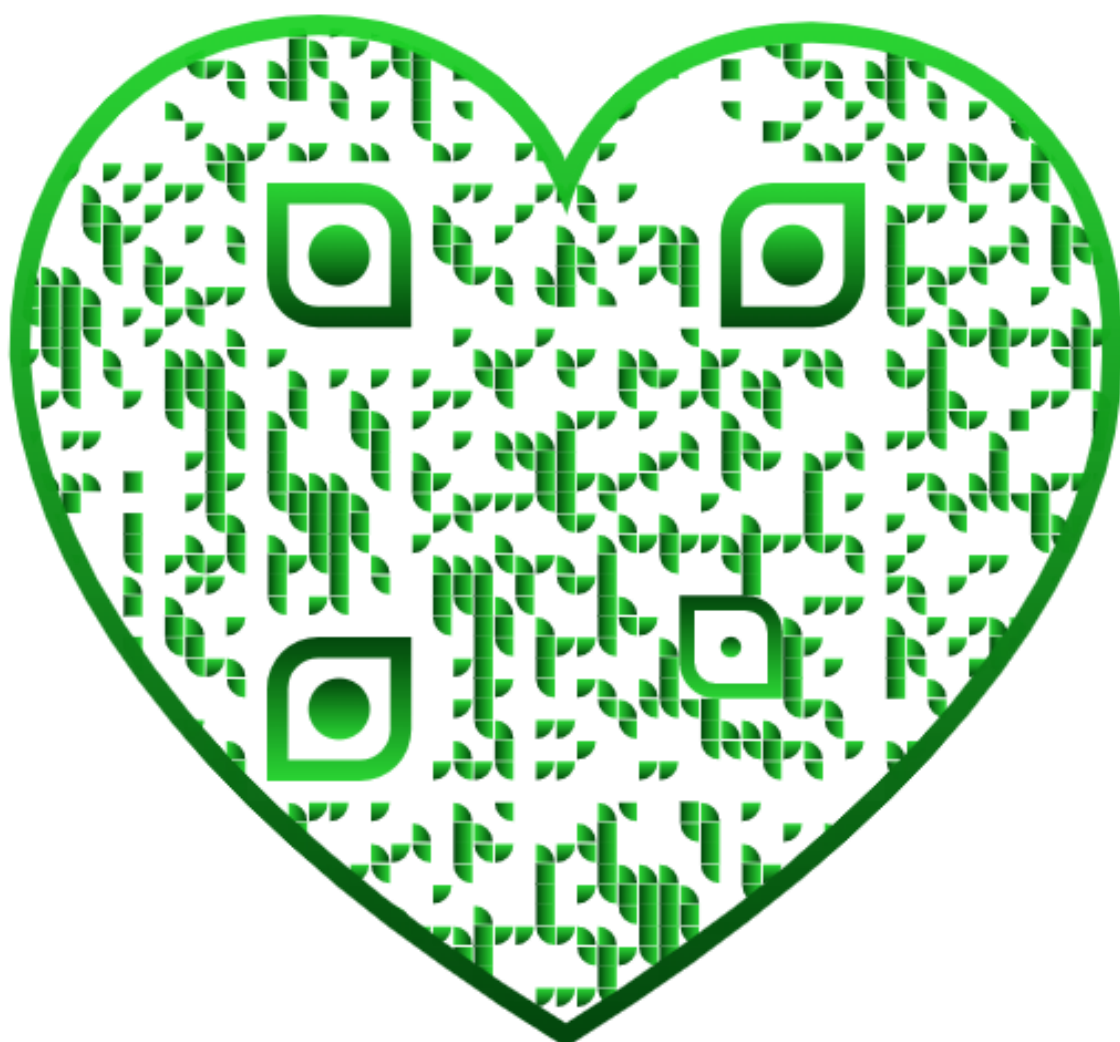
little doll

PRETTY

Lost

DOLLS

KER DUKEY & K WEBSTER





Ker Dukey e K. Webster

#2 Pretty Lost Dolls

Série Pretty Stolen Dolls



Tradução e Revisão Inicial: Deni

Revisão Final: Sil

Leitura Final: Anne Pimenta

Data: 01/2017

Pretty Lost Dolls Copyright © 2016 Ker Dukey e K. Webster

SINOPSE

Apenas 18.

Benny tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Assim como ele, sua boneca precisava de escuridão como uma correção, correção, correção.

Então eles atormentaram, caçaram e fizeram traveçuras, traveçuras, traveçuras.

Juntos seus pecados formaram uma mistura letal, letal, letal.

Até que Benny perdeu sua boneca que estava perdida, perdida, perdida.

Ele precisava encontrá-la e amá-la a qualquer custo, custo, custo.

Não querendo que ele e sua boneca ficassem sozinhos, sozinhos, sozinhos.

Ele fez planos para trazer sua bonequinha suja pra casa, casa, casa.

Alguma vez você já tocou a alma de outro com a sua própria essência, os afastou para que eles se separassem de você?

Eu sim.

Finalmente, comecei a viver, sentir e me apaixonei entre todo o caos que me rodeia.

Baixando minha guarda e deixando outro entrar em meu coração.

Eu deixei minha alma aberta.

Eu deixei meu coração aberto.

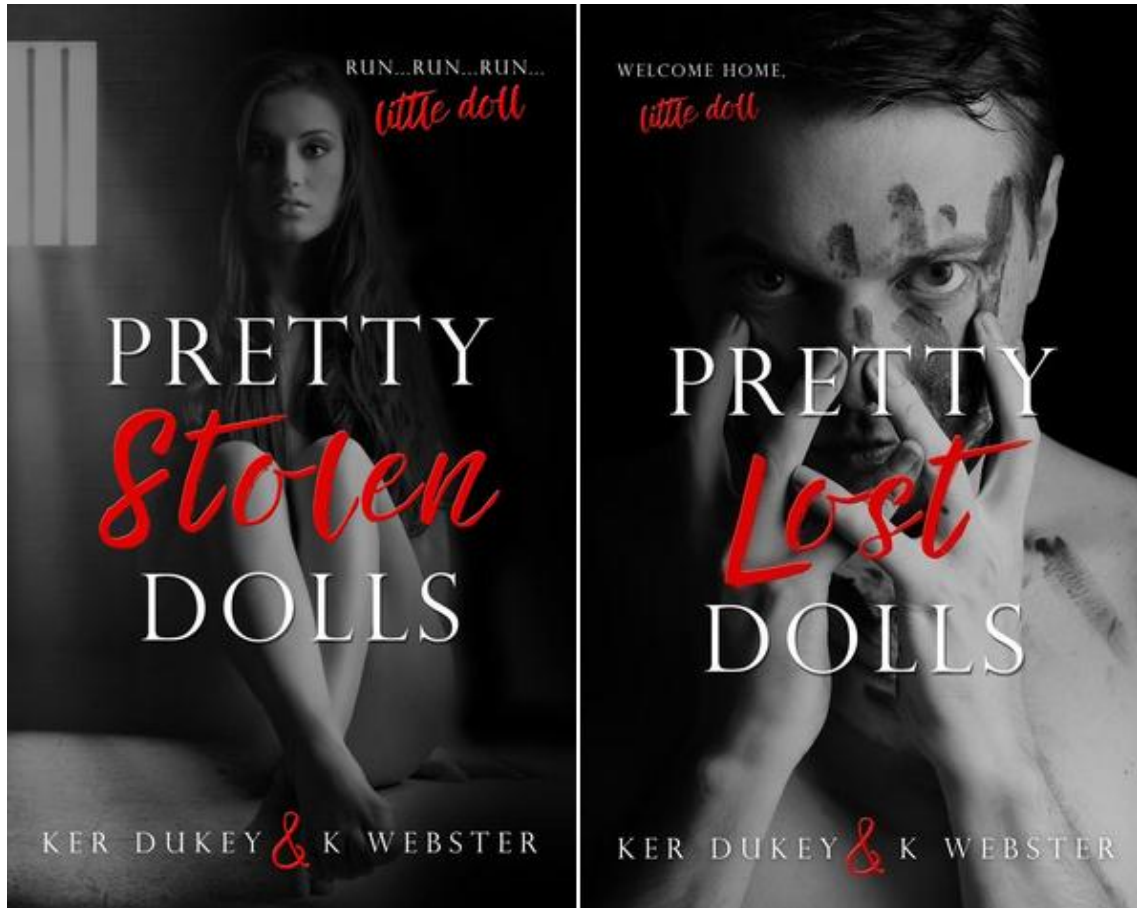
Deixei a porta aberta.

E ele me roubou.

Dillon... Desculpe.

A SÉRIE

Série Pretty Stolen Dolls – Ker Dukey e K. Webster



Capítulo um

Black

BENNY

Olhando através das barras de metal que me separam dela, eu vejo o momento em que ela desperta de seu sono. Seu corpo tenso. A veia em sua garganta começa a pulsar. Em um único momento, o terror a supera.

Em pânico e ofegante.

Perdida e confusa.

Tão perfeita.

Bonequinha perfeita.

Enquanto eu a carregava daquele lugar que ela chamava de casa, seu cheiro me dominou, e eu quase tinha permitido que lágrimas de alegria escorressem para que Macy pudesse testemunhar.

Vulnerável e desesperado para trazê-la até aqui, minhas emoções lutaram muito para trair meu coração endurecido.

Ela. Me. Deixou.

E por isso, ela pagaria.

Ela não sabia ainda, mas ela sempre foi apenas uma convidada naquele lugar que ela chamava de casa. Aqui é onde ela pertence - aqui. Esta cela é a casa dela. Ela só precisa se lembrar desse fato.

— Como eu terminei de volta aqui? — ela grita em um soluço sufocado, os olhos arregalados e balançando a cabeça. Ela está em choque. Não registrou realmente que esta é a realidade e não seus pesadelos a embebendo em seu almíscar escuro e úmido. — Oh, Deus.

Sua voz cantarola em meus ouvidos. Eu quero chorar. Eu estive tão sozinho sem ela. Será que ela sabia o quanto eu a amava? Quanto eu senti falta dela?

Vê-la andar pela cela como um caranguejo preso dentro de uma armadilha não é tão gratificante como eu sonhava que seria. Meu coração encolhe dentro da cela que a prende. Se eu pudesse sobreviver sem ela, eu a cortaria do meu peito, então a agonia dela nos abandonando - não, me abandonando - não apertasse mais a minha sanidade agora que ela voltou.

O amor é uma besta selvagem presa dentro de mim, engrossando e saboreando seu desejo apresentado diante dela. Tudo logo estará bem. Ela precisa de tempo para chegar a um acordo com os fatos.

Ela nunca terá outra chance de se afastar de mim.

Ela.

Ê.

Minha.

Eu acreditava que um dia ela voltaria a esse quarto. Esperando por mim sempre que o desejo de estar dentro dela acenasse. Mas então... ela não estava aqui mais.

Minha bonequinha suja.

Ela me superou e se libertou das correntes do meu amor.

Eu tentei ser outra pessoa, evoluir para um novo homem, mas a memória dela não me permitia libertar da dor que ela deixou em mim.

Seu corpo inteiro tenciona quando sua mandíbula se solta e um grito envia um banho de arrepios brotando por toda a minha pele.

Deus, como eu senti falta dela. Ela será minha bonequinha suja mais uma vez. Ela só precisa ser quebrada para lembrar que eu sou seu mestre e ela pertence a mim.

— Macy, — ela soluça. — Não. — sua cabeça balança para frente e para trás em negação. — Isso não pode ser real. Como estou aqui?

Água explode sobre minha língua com a necessidade de provar seu sofrimento.

Ela se enrijece quando as palavras fluem de minha boca.

— Essa é uma ótima pergunta, bonequinha suja.

Faz muito tempo que ela não ouve minha voz.

Que senti meu corpo firme contra o corpo suave dela.

Resistiu a minha ira sem fim.

Tanto tempo.

Ela começa a chorar histericamente e um sorriso vira um lado dos meus lábios. Deus, como eu senti falta do som doce de seu desespero.

— Por que você está fazendo isso? — ela exige, lágrimas quentes riscando suas bochechas vermelhas e brilhantes. — Por quê?

Eu coço a minha mandíbula, levantando uma sobrancelha para ela. — Esta é uma longa história. — eu admito com um sorriso perverso. — Ainda bem que temos todo o tempo do mundo.

Enquanto ela quebra, eu deixo minha mente voar de volta para ela.

Minha irmã.

Bethany.

* * *

Eu fui acordado no meio da noite com o movimento e sussurros irritados do lado de fora da porta do meu quarto. Meu estômago vira e pula como um peixe fora da água.

Afastando o lençol da cama que cobri meu colchão velho, levanto e meus pés fazem passos hesitantes em direção à porta.

Não sabendo por que ou o que me levou a enfrentar o medo do castigo, eu rastejo até a porta que range.

Se Papai me pegar fora da cama, ele me punirá com sua vara. Aos sete anos de idade, eu sei tudo sobre sua vara dolorosa. É o que ele usa no trabalho para encontrar os criminosos do mundo... ou pelo menos ele me disse que era.

Papai mente às vezes.

Sombras dançam pela parede cinzenta do corredor. Meu peito sobe e desce erraticamente com o som do meu coração batendo rugindo em meus ouvidos.

Subconscientemente, minha mão se move para esfregar a área na minha bunda que ainda está dolorida da última surra que eu levei por acordar Papai em uma noite de trabalho. Mas eu preciso saber o que está acontecendo. É como se eu estivesse sendo chamado para testemunhar o barulho além da segurança da porta do meu quarto.

A curiosidade matou o gato, Papai me diz o tempo todo.

Inclinando a cabeça para ver ao redor da porta, meus olhos percorrem o corredor até eu notar a camisola branca da minha mãe. Chacoalhando ao redor de seu corpo esbelto como se fosse para chamar minha atenção.

Olá, Benjamin, parece dizer. Bom te ver aqui.

Ela anda de um lado para outro dentro do quarto da minha irmã mais velha. Seus lábios estão se movendo, mas o som resmungado é silenciado.

Longos cabelos escuros estão em torno de seu rosto, escondendo-a de vista. Se eu não a conhecesse melhor, eu teria achado que ela era um fantasma.

Mas os fantasmas não são reais.

A vida é que assombra os vivos.

Nunca os mortos.

Bethany, minha irmã mais velha, tem onze anos, e mesmo na mente ininterrupta de alguém tão jovem como eu, eu sei que a tristeza se agarra a cada parte de seu ser. Ela não é nada além de um espaço ocupando o corpo em que a envolve. Uma vez, ela me disse que não gostava das coisas que Papai fazia com ela.

Ser espancada com essa vara era uma agonia, mas só éramos punidos quando éramos maus. Meus pensamentos sempre me diziam que ela deveria ser má o tempo todo porque ela não podia se sentar sem estremecer.

Enquanto eu crescia e minha mente me permitia lembrar daquele tempo, eu sabia que suas punições não eram porque ela era má, mas porque Papai tinha uma doença dentro dele.

Ela era o que o infectou.

O fez ter aquele olhar assustador em seus olhos.

Machucou a mente dele.

— Mamãe? — eu gritei em um tom baixo, meus ombros curvados, como se isso fizesse minhas palavras alcançá-la sem que os outros ouvissem.

A cabeça dela vira para mim e seu corpo treme pela surpresa.

— Benny, venha até a mamãe. — ela diz, os braços abertos em convite, — esses mesmos braços me oferecem consolo depois que Papai me castigava por meus erros.

Minhas pernas fraquejam, mas então, com uma respiração profunda, eu corro para ela, verificando atrás de mim para ter certeza de que a porta do quarto que ela compartilha com Papai ainda está fechada. Se ele acordar, ficará com tanta raiva.

Mamãe cai de joelhos na minha frente e pega minha pequena mão na dela, acariciando a palma.

Os sulcos nas almofadas de seus dedos ásperos são estranhos de sentir contra a minha pele jovem.

Ela tem, por suas próprias palavras, dedos de costureira, que os deixaram ásperos com a pele quebrada e rachada.

Ela é uma fabricante de bonequinhas. Essas meninas de porcelana fantasiadas deixam as meninas em feiras super animadas. Suas mães sempre elogiam o trabalho de Mamãe. Dizem que as bonequinhas são únicas. Bonitas. Uma de cada tipo. Mamãe sempre coloca a mão em seu peito e observa com admiração enquanto suas criações se tornam bonequinhas de outra pessoa.

— Todas elas são especiais e precisam ser perfeitas. Ninguém quer uma bonequinha que não seja perfeita, Benny. — ela me diz frequentemente enquanto me deixa ajudar a pintar seus lábios vermelhos e rosados, e ela está certa. Se havia um cílio fora do lugar, às pessoas se queixavam e queriam uma bonequinha diferente.

Minha mãe lutava pela perfeição, e muitos desejavam suas criações.

Agora, agachada diante de mim com os olhos arregalados, os lábios brancos, ela sacode a cabeça com cada palavra que ela diz. — Eu

amo você e sua irmã. Ela era uma bonequinha perfeita, mas Papai a arruinou. — um soluço sufocado escapa dela.

— O que você quer dizer? — meu rosto se curva em confusão, ainda um pouco atordoado do meu estado sonolento.

— Ela era como as bonequinhas da mamãe. Bonita e não era danificada.

Ela não está fazendo sentido e o cansaço está me deixando com sono. Eu aceno com a cabeça e resmungo. — Ok. — porque eu acho que é isso que ela quer ouvir.

A lâmpada de cabeceira de Bethany está acesa e ilumina a mamãe, fazendo-a parecer angelical aos olhos inocentes. Mas o som estranho vindo de trás dela não é angelical. Parece demoníaco.

Como um porco que tosse em um travesseiro ao ser violado.

Errado.

Sujo.

Repugnante.

Minha cabeça se inclina em volta de seu corpo, meus movimentos em câmera lenta, o ar se condensando e me roubando uma respiração completa.

Olhando para além do vestido branco que flui ao redor da minha mãe, vejo uma forma encolhida e curvada no canto do quarto.

Balançando.

Gemendo.

Sibilando.

O corpo está nu e minha respiração some quando percebo que é o Papai.

Terror se aterra dentro de mim. Ele vai ficar tão bravo comigo por estar fora da cama.

Meus olhos se viram de volta para Mamãe, que agora permanece ao lado da cama de Bethany.

Um cheiro quase doce misturado com cobre permeia o ar. Minha boca tem um gosto estranho, como se eu estivesse sugado baterias. A

queimação na minha garganta que ameaça se derramar só demonstra mais medo. Se eu vomitar no tapete de Bethany, Papai vai me castigar com certeza e mamãe o deixaria. Ela odeia bagunça.

Um som quase calmante escapa dos lábios de Mamãe enquanto ela começa a cantar.

‘A senhorita Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então ela telefonou para o médico para ser rápido, rápido, rápido.

O doutor veio com seu paletó e chapéu,

E bateu à porta como um toc-toc-toc’.

Ela está cantando a canção que ela sempre cantava para nós quando estávamos doentes e precisávamos sarar. Um dos travesseiros da minha irmã permanece no colo de Mamãe enquanto ela murmura suas palavras agora estranhas.

Meus olhos se arrastam para o corpo de minha irmã sobre as cobertas.

Vermelho.

Vermelho.

Vermelho.

Assim como os lábios das bonequinhas bonitas da mamãe.

Tantas manchas vermelhas nos lençóis que são tipicamente brancos.

Vergões marcam o rosto dela e um corte profundo se abre de seus olhos até o topo de sua boca. Os olhos consideravelmente marrons que combinam com os meus, estão maçantes e sem vida. Eles costumavam piscar de felicidade, mas isso foi há muito tempo. Agora, eles parecem desaparecer e saber de algo sinistro, algo que espera por ela.

— Bethany. — seu nome cai de meus lábios em um sussurro enquanto minhas pernas tremem e uma dor em minha barriga faz com que a agitação cresça e queime minha garganta. Sinto minha língua amargar, e eu quero engoli-la junto com a ânsia subindo na minha garganta. Eu tropeço para trás até que meu corpo colide com a parede.

Mamãe sobe na cama, ignorando as manchas vermelhas molhadas arruinando sua camisola, e se estende ao longo de Bethany, pairando sobre ela com o travesseiro apertado.

— Mamãe? — eu sufoco, mas ela não me ouve. Ela nem sequer ouve os sons que Papai está fazendo enquanto arranca os tufos de seu cabelo.

Mamãe coloca o travesseiro sobre o rosto de Bethany, e por um pequeno momento, estou feliz por não ver seus olhos vazios e marcas desordenadas. Seu corpo pequeno começa a se debater abaixo de Mamãe, e eu congelo no lugar, silenciosamente pedindo para que ela deixe a minha irmã em paz. Mas ela continua cantando.

‘Ele olhou para a boneca e sacudiu a cabeça,

E ele disse: — Senhorita Polly, coloque-a na cama!’

Finalmente encontrando a minha voz, eu grito: — Mãe, pare! Mamãe!

Debatendo.

‘Ele escreveu em um papel para tomar uma pílula, pílula, pílula,’

— Mamãe, não. — eu soluço. — Mamãe, por favor, pare!

Debatendo.

‘Eu estarei de volta pela manhã, sim, eu vou, vou, vou.’

O quarto de Bethany brilha enquanto as lágrimas me dominam. Rapidamente as pisco, mas é tarde demais. Bethany não está se movendo.

— Bethany. — murmuro.

Ela não responde. Os únicos sons que vêm do quarto são os incomuns ruídos de Papai.

Mamãe desce calmamente da cama e caminha os três passos em direção a Papai. Suas mãos se abrem, e ela começa a bater no rosto dele, fazendo com que a cabeça dele sacuda para frente e para trás com cada golpe. Uma raiva dentro dela que eu nunca presenciei antes a consome, derretendo sua calma.

— Perverso! Seu perverso nojento! Ela era minha bonequinha, e você a arruinou!

Tapa.

— Perverso doente!

Tapa.

— Perverso fodido!

Tapa.

Sem aviso, ele agarra suas mãos e se levanta. Os ombros largos dele se movem para trás até que ele está completamente em pé, e minha alma treme com sua intensidade. Emana dele como o calor de um fogo ardente.

— Chega. — ele rosna antes que a emoção suavize seus traços. — Sinto muito, está bem? Eu não deveria tê-la tocado. Foi um acidente. Eu não queria machucá-la.

— Eu te disse o que aconteceria. — ela responde em um tom morto, um que eu não estava acostumado a ouvir de seus lábios.

Um arrepio chacoalha todo o meu corpo enquanto meus olhos veem a cena, mas eu não entendo o que está acontecendo.

Você pode ver as coisas sem realmente entendê-las.

Não consigo ver os monstros no quarto dela - só a minha mãe e o meu pai.

— Volte para a cama. — ordena Papai, sua voz rouca, mas inflexível.

Com os pés instáveis, eu levo minhas pernas entorpecidas para o meu quarto sem dar um pio. Eu sei que é melhor do que desobedecer.

Meu corpo dói com uma sensação estranha, um medo frio que abre um buraco escancarado dentro do meu peito.

Por que meu coração se sente tão vazio?

* * *

Eu me afastei do meu atordoamento, minha garganta parecia áspera depois de contar à minha bonequinha suja sobre Bethany. No

dia seguinte, depois daquela noite terrível, o quarto de Bethany estava limpo e arrumado como todos os dias.

Mas ela não estava lá.

Se foi para sempre.

E ela nunca voltou.

Por um curto tempo, foi apenas nós três.

Até que um dia não foi mais.

— Pobre e doente Benny, — Jade sai de dentro de sua cela, todo seu corpo tremendo. — Seus pais eram tão fodidos quanto você.

Sua voz persegue as recordações da minha irmã - uma bofetada verbal golpeando minha pele e provocando uma sensação de queimação que sufoca o afeto que tenho por ela.

A raiva explodindo de dentro de mim por suas palavras grosseiras é incontrolável, vibrando sob minha pele, precisando de libertação.

Meu punho colide com o painel de madeira de sua cela e a dor ressoa pelo meu braço, causando uma contração no meu olho.

Ela mal reage à minha explosão, mantendo sua pose tensa e pronta para uma luta.

— Você fez uma pergunta, bonequinha, e aqui estou eu te dando uma maldita resposta, — urro, a besta dentro de mim rosnando dentro da minha cabeça enquanto meu temperamento se acende.

Ela nem sequer se encolhe.

Isso precisa ser corrigido.

Eu troço minha cabeça em meus ombros, minha boca aguando com as possibilidades de seu castigo.

As muitas maneiras que eu poderia machucá-la.

Fazê-la estremecer só com a minha visão.

Minha bonequinha suja aprenderá a me temer mais uma vez.

Estou prestes a virar seu mundo de cabeça para baixo, sacudir tudo o que ela tão desesperadamente se apegava, e encher cada parte dela... de mim.

Capítulo dois

Oleo

JADE

Meus pesadelos

As memórias escuras do meu monstro são ressuscitadas bem diante dos meus olhos.

Oito anos é muito tempo.

Um longo tempo para tentar empurrar este lugar horrível da minha mente.

Para esmagar a culpa de deixar minha irmã sozinha com ele.

Esquecer.

Mas eu nunca esqueci.

Não importa o quanto eu tentasse, as memórias eram tão frescas como quando eu tinha estado lá.

Aqui.

Eu sempre soube que poderia voltar para ele mais uma vez. Porque procurar, esperar, caçá-lo foi o que eu fiz quando eu deixei este lugar. Isso me consumia, sempre.

Talvez eu estivesse livre da minha cela, mas eu sempre estaria presa dentro das paredes da minha mente. Onde ele ainda era o mestre.

Intoxicante e inflexível.

As únicas vezes que eu me senti verdadeiramente livre de suas restrições era durante os momentos que eu estava com Dillon.

Se conectar com alguém que ainda quer você no seu pior e te segura na sua fraqueza, mas mais do que isso, luta junto com você pela sua vingança, é algo que eu nunca encontrei com Bo.

Bo?

Minha garganta está seca de chorar e cada centímetro do meu corpo nu treme.

Desta vez, minha forma nua parece vulnerável.

Como se estivesse faltando uma armadura, meu emblema se tornou minha armadura. Eu lutei por isso. Mas ele me despiu, deixando minha pele nua...

Isso me irrita pra caramba.

Benny pode ter capturado a pequena Jade quando tinha apenas quatorze anos.

Ingênua e tão malditamente estúpida.

Ele a atraiu para sua van, e ela o seguiu.

Caiu em sua armadilha junto com sua irmã.

Ele tinha sido capaz de abusar dela.

A estuprar.

Atormentar e matá-la de fome.

Até que ela fugiu.

Mas dessa vez...

Benny não tem a pequena Jade.

Ele tem a detetive Jade Phillips.

A policial mais implacável do departamento.

Uma cadela.

Um dique de rumores.

Um maldito pesadelo.

Em vez de me encolher na cama enquanto penso nas memórias ruins do meu passado ainda tão vivas em mim, eu permaneço firme.

O observo.

O vejo com novos olhos. O terror da punição que ele planeja está presente e dentro de mim. O tremor na minha mão e da guerra lutando na minha cabeça com flashes dele me acertando, me estuprando, me atormentando, é forte. Eu vivi o pior do que ele poderia fazer comigo, e

eu vou sobreviver a qualquer coisa que ele fizer novamente. Eu passei a minha vida me preparando para derrubar homens como ele, o sonho de ter a chance de finalmente *pegá-lo*.

Esta é a minha chance.

Meu medo desvanece quando a mulher que eu trabalhei duramente para me tornar afasta a garota assustada dentro de mim. Estou usando minha educação e experiência. Eu vou acabar com esse filho da puta.

Eu sobrevivi a ele antes. Fugi. E desta vez, vou levar Macy comigo e sair, mas não correndo.

Macy.

Oito anos, ele aparentemente pensava em mim.

Enquanto eu estava obcecada por ele.

Analizando cada coisa que fez comigo.

Tudo o que ele fez com elas.

Incluindo Macy.

Meu coração dói quando eu me pergunto se ela caiu no buraco do coelho louco junto com ele.

Ele fez uma lavagem cerebral nela para esta... bonequinha?

A policial em mim quer dissecar a mente dela e reconstruí-la.

Mas eu sou sua irmã, e saí, só para ele moldar e criar tudo o que ele poderia evocar. Ela não podia deixar de ser a cúmplice dele ao me sequestrar. Talvez ela também tenha sentido a minha falta.

Macy.

A culpa gira e infecta cada veia dentro de mim. Corroendo, calafrios raspam minha pele como lâminas de barbear. Um som que me recuso a deixar sair queima o meu peito.

O que quer que seja que ela fez foi minha culpa. Ela vai me perdoar?

Mas até que ponto Benny distorceu sua sanidade? É minha missão trazê-la de volta para mim.

Vou levá-la para casa.

Benny *vai* morrer.

— Isso não vai funcionar para você. Não desta vez, Benjamin. — eu digo a ele em um tom calmo, limpando a última das minhas lágrimas.

Que vergonha.

Se eu planejar ser melhor que este idiota, eu preciso abandonar o jeito de menina assustada e começar a agir como a policial que eu sou.

Saber que ele estava lá fora e foi capaz de me atrair para uma armadilha irrita a detetive em mim.

Ser mais esperta que ele é algo que eu sou capaz e deveria ter sido – ter visto seu plano de jogo e ter me antecipado a isso.

Seus olhos escurecem e as chaves chocalham quando ele abre a porta da minha cela. Picos de terror batem dentro de mim, mandando meu coração em direção ao penhasco da sanidade.

Enquanto a porta se abre, eu agarro à borda da sanidade e a puxo para dentro de mim.

Um monte de pensamentos se precipitam e colidem dentro do meu cérebro desordenado.

Minha alma morre com cada respiração que eu tomo enquanto meu mundo gira. Whoosh... whoosh... whoosh.

A sala gira enquanto o verdadeiro entendimento se instala em minha alma. Estou realmente de volta a este pesadelo, no olho do furacão da besta mais sombria. Mordendo o meu lábio para parar o tremor, eu inspiro e expiro, tentando me concentrar apenas em respirar e esperando que minhas pernas não travem.

O ar se torna quente e espesso. Sons e imagens estão presentes e vívidos, mas eu estou flutuando acima de tudo enquanto olho, não disposta a experimentar o pesadelo em primeira mão. É como se eu estivesse sonhando ou assistindo uma peça do lado do palco. O ruído se torna um zumbido no meu ouvido e, não importa o quanto eu tente me concentrar, minha visão fica borrada.

Minha mente não consegue entender a realidade de que Benny me pegou de novo - que estou presa ao monstro, sufocando o ar de meus pulmões somente por sua presença.

Um rápido olhar ao meu redor me diz que encontrar uma arma não vai acontecer.

Inferno, oito anos me diz isso.

Qualquer coisa do chão ou fora da porta da cela vale a pena usar.

Quando a porta se abre e o corpo grande de Benny enche o espaço, eu me fortifico, sugando um suspiro audível.

Ele está enorme, maior do que eu me lembro.

Eu nunca vou dominá-lo.

Não fisicamente.

Vou ter que lutar com o meu cérebro.

Fechando a porta atrás de si, ele me olha com os olhos cheios de ódio.

Sua mandíbula se aperta quando seu olhar escorrega sobre minha carne nua. Sua camiseta preta está apertada em seu peito e braços, revelando quão esculpido ele se tornou ao longo dos anos.

Eu o odeio.

Uma vez que ele guarda as chaves em seu bolso do jeans, ele passa uma mão frustrada através de seu cabelo castanho escuro bagunçado e respira profundamente, seu peito inchando como um gorila declarando seu território.

— Você me deixou. — ele murmura, e eu congelo.

Piscando estupidamente para ele, minha testa franze.

Claro que eu o deixei.

No entanto, jogar isso na sua cara seria imprudente.

Em vez disso, levanto o queixo e olho para ele. — Você tomou o que nunca foi seu para tomar.

A sala fica incrivelmente menor à medida que a manifestação de seu verdadeiro eu parece se transformar como uma sombra dentro dele.

Sua cabeça se levanta lentamente enquanto seus ombros tensos e seu pescoço esticam de seu já alto corpo. Escuras esferas brilhantes sondam sobre mim.

Seu braço musculoso se encolhe, traindo suas intenções, e me preparo para o inevitável, um tapa. Mas ele dá um passo inseguro em minha direção.

Aqueles tensos ombros caem enquanto ele vira a cabeça para o lado, arrastando o ar de seus pulmões antes de seu olhar hesitante me estudar com uma sobrancelha franzida. Confusão, talvez?

Como se ele estivesse lutando com como me tratar.

— Eu tinha que ter você e você se tornou minha. Minha bonequinha. E então você fugiu. — suas sobrancelhas e seus olhos ficam mais baixos. Sua mão apertada e desaperta. Sua mandíbula fecha quando ele fica tenso.

— Você me machucou. — afirmo, querendo gritar: — *Você é louco.*

— Você era arredia. — ele diz. — As bonequinhas ruins devem ser punidas.

Franzindo o cenho, eu estudo suas feições. A ruga entre suas sobrancelhas relaxa. Seus olhos não cintilam mais de raiva. Em vez disso, há anseio lá, uma saudade que me surpreende. Ele parece ter sentido minha falta... ou a ideia de sentir minha falta.

Eu sempre me perguntei, por que eu?

Mas tentar entender por que ninguém mais parece satisfazer essa necessidade nele, resultando no assassinato de muitas mulheres, é fútil. Meus pés se movem de um lado para o outro enquanto eu analiso sua postura e tento me preparar no caso dele atacar. Sua mão se levanta para esfregar seu peito enquanto sacode a cabeça para mim. O local está sufocante e tenso, gotas de suor se formam na minha testa. Desejando respirar, encaro seu olhar na esperança de penetrar dentro dele e ler tudo dentro de sua mente. Apenas para saber a resposta que sempre me revisita. Porque eu?

Nunca vou entender os motivos e a obsessão de Benny. Às vezes, todo o aconselhamento, todos os perfis e estudos simplesmente não te dão respostas.

Ler o caso da perspectiva de um detetive também não me deu uma visão de seu raciocínio. Você não pode perfilar uma pessoa completamente quando você não tem conhecimento da composição que as criou. Água brilha em seus olhos, uma tristeza se transformando em uma fera cheia de ódio. Eu não devia ter interrompido a história dele antes. Saber mais sobre seu passado responderia as perguntas de seu

presente. Eu estava finalmente recebendo informações dele - o que é muito - e minha Jade interior que quer matá-lo assume. Dominar essa parte de mim vai ser fundamental a partir de agora.

Meus lábios se abrem e o ar quente corre para fora em um chiado enquanto eu o contemplo pedir que me conte mais.

Deixá-lo me dar todos os detalhes de quem é pode me ajudar a determinar onde nós vamos. Poderia me dar o poder de manipulá-lo para fazer algo estúpido, como deixar a cela destrancada ou a chave acessível. Ele não se moveu e esperei que ele descesse sobre mim como se o diabo me arrastasse para o inferno e me esgotasse. Cansaço cai sobre mim enquanto eu manipulo meu cérebro para usar algo para parar o que ele planeja fazer comigo agora que ele entrou na cela.

Ele mencionou uma irmã. Talvez perdê-la seja o porquê dele ter me deixado ficar com Macy. Le me disse uma vez que a manteve por perto por minha causa.

Ele tinha uma queda por essa conexão?

Varrendo meus olhos sobre ele, eu fixo em seus olhos concentrados que não deixaram os meus o tempo todo.

— Benjamin. — eu murmuro cuidadosamente para usar seu nome preferido. — Eu sempre fui boa. Como Bethany. — eu digo, usando seu relacionamento com sua irmã para minha vantagem.

Seus músculos se tencionam, fazendo com que a veia em seu pescoço pulse e bombeie. Suas mãos se apertam e seu corpo se desenrola quando ele se inclina para mais perto, uma expressão contrita que estraga suas feições.

É preciso tudo em mim para não recuar. A pequena Jade teria fugido para a cama para escapar dele. Lutando e provocando-o. A detetive Phillips espera que ele dê o primeiro passo.

— Você não é como ela. — ele assobia. O terror pisca em seus olhos castanhos, o levando para anos atrás. — Ela é uma bonequinha morta.

Seus olhos não encontram os meus e sua voz afina quando ele fala dela. É quase infantil.

Engolindo seco, levanto meu queixo. Eu nunca fui boa com as merdas emocionais na delegacia. *Por causa* de Benny. Mas agora que eu

estou tentando *lidar* com Benny, eu vou ter que trabalhar arduamente nisso.

— Eu não estou morta. — eu lembro, meu tom de voz leve. — Mas eu ainda estou bem. Ela não mereceu o que aconteceu com ela.

Suas sobrancelhas se juntam e aqueles maníacos olhos castanhos brilham com lágrimas não derramadas.

Bethany é definitivamente seu ponto fraco.

Eu faço uma nota mental e poderosa, dando um passo em direção a ele enquanto endireito meus ombros. — Ele a machucou. Seu pai a machucou.

Um som sufocado escapa de seus lábios. Em voz baixa, como um adolescente ferido, ele diz: — Ela era má.

Vômito sobe na minha garganta, e eu rezo para que desça. Pânico não é uma opção aqui. *Concentre-se, Jade. Foco.* — Mas ela não merecia ser espancada e sufocada até a morte. — meus olhos sondam seu olhar, procurando a criança exposta que ele lembra, mas ele desvia o olhar. — Ela não merecia ser estuprada por um perverso. — eu arrisco, provocando sua vulnerabilidade a virar raiva.

A palavra o faz estremecer, e seus ombros e costas curvam e ficam tensos. Lentamente, ele ergue o queixo, um tremor mortal balançando a pálpebra. Um cacho cai na frente de um de seus olhos escuros, escondendo-o de mim. O outro parece brilhar com fúria enquanto ele me puxa para perto com aquele brilho quente. Isso parece queimar a minha carne, descascando-a e expondo o medo enterrado sob a superfície. Linhas provocam os cantos de sua boca enquanto ele rosna: — Eu não sou um perverso. — sacudindo a cabeça, um rosnado emana de dentro dele, embebedando-o em sua raiva, o afogando em pura insanidade. Suas grandes mãos começam a agarrar seus cabelos selvagens em frustração. Os pés dele andam de um lado para o outro. Eu provoquei a besta enquanto estava trancada na cela com ela.

— Não. — eu o acalmo em um tom que sua mãe usava com ele quando eles estavam doentes, mas há um tremor na minha voz. — Você nunca machucaria uma menina. Tiraria sua roupa. A atacaria. Bateria e abusaria dela até que ela não fosse mais nada.

Mentirosa!

Seus olhos se movem de um lado para o outro como se estivesse rebobinando e conectando os pontos do passado para o presente. Seus pés chegam no pequeno espaço entre nós e eu dou o último passo para mostrar que eu não estou com medo. Mas é uma fachada, e o terror disso bate diretamente em mim, deixando um nó na minha garganta. Estamos tão perto agora que eu inalo seu perfume com cada respiração que eu dou. É familiar, um que eu nunca parecia poder fugir.

Salgado de suor.

Cobre do meu sangue... ou de alguém.

A ligeira persistência de tinta que sempre parecia permanecer em seus dedos de quando ele pintava os bonitos rostos das bonequinhas.

Tão Benny.

Uma vez tão assustador.

Mas agora...

Não posso me dar ao luxo de ter medo. Agora não. Nunca mais.

— Benjamin. — eu sussurro enquanto dou outro passo. — Bethany era como eu.

— Eu não sou como ele! — ele grita, sua mão batendo em mim como uma cobra. Ele trava na minha garganta antes que eu possa pará-lo, e a força que emana dele é muito maior do que eu me lembro.

A raiva o consome enquanto ele me acua para trás. Eu agarro seu pulso, agarrando sua carne, esperando me dar algum ar, mas seu aperto só se torna mais implacável.

Ele nunca vai me perdoar por tê-lo deixado.

Ele nunca ficará feliz até que ele me castigue por isso.

Pense, Jade.

Foco, merda.

Eu fecho meus olhos e relaxo. Seu ar quente sopra sobre mim como o calor de um forno aberto.

Cada terminação nervosa grita para agarrá-lo.

Para lutar com o filho da puta. Mas não sou mais uma garotinha estúpida.

Com uma mão trêmula, estendo o braço e o dedo em seus cachos. Uma respiração fria de ar me recompensa quando ele imediatamente afrouxa seu aperto.

— Benjamin. — eu sussurro, meus olhos se abrem para encontrar os seus estreitados sobre mim com confusão. — Eu sinto muito.

Seu polegar na minha garganta para de cavar na carne, começando um suave círculo em seu lugar. Quase reverente.

— Eu não sou como ele. — ele rosna. — Você entende? Eu não sou como ele.

Uma lágrima escapa e eu odeio ter revelado o meu medo a ele.

Espero que ele me ridicularize por isso.

Que me bata ou me repreenda.

Como nos velhos tempos.

Eu não estou preparada quando ele se inclina para perto e me cheira como se eu fosse a melhor coisa que ele já cheirou. Um gemido cai dos meus lábios.

Ele está tão perto.

É ele.

Estou realmente aqui.

Sua língua desliza para fora e seu calor molhado arrasta ao longo de minha bochecha enquanto lambe minha lágrima. Eu tremo, mas fico quieta, por medo dele estalar a qualquer momento. Seu nariz empurra contra o meu antes dele passar os seus lábios quentes sobre os meus.

A bile sobe na minha garganta, o ácido picando na parte de trás da minha língua. Suas mãos ainda me apertam, se agarrando ao meu pescoço em um abraço agora suave. Engolindo a aflição e mantendo minha respiração uniforme, eu fixo meu olhar no dele.

— Você é melhor que Bethany. — ele me diz, com orgulho em sua voz. — Quando você não está desobedecendo, você é perfeita.

Ele me beija com uma gentileza de que não me lembro muito. Isso me imobiliza completamente. Meu coração troveja em meu peito enquanto minha mente pondera o quão difícil será manipulá-lo.

Vou manipulá-lo.

Mas não posso mostrar todas as minhas cartas imediatamente.

Benny é muito inteligente para isso. Ele sentiria a decepção, e meu corpo se tornaria seu poste de chicote.

— Estou tão cansada. — eu falo contra a boca dele que ainda está quase apertada contra a minha.

Uma risada ressoa dele que faz meu cabelo ficar em pé. — Então vamos dormir, bonequinha. Foi um longo dia.

Ele se afasta e procura nos meus olhos por mentiras. Deixo minhas pálpebras caírem e meu corpo hesitar para ajudar minha admissão. Quando ele me solta para dar um passo para trás, eu tento não pegar em minha garganta que dói, e afundar na cama.

Um arrepio corre através de mim.

— Coloque isso. — ele ordena, e eu levanto meu olhar para vê-lo tirar sua camisa de seu corpo tonificado. Cada centímetro dele está esculpido e fundido em torno de uma massa magra de uma forma que não era antes. Algumas novas cicatrizes pintam sua carne, e eu me pergunto como ele as conseguiu.

Algumas bonequinhas lutam.

Bonequinha linda.

Ele me joga a camisa, balançando a cabeça em direção a ela, e eu fico olhando para ela com admiração.

— Obrigada. — eu me controlo, enquanto eu pego a camisa, embora ela tenha o seu cheiro. No passado, eu teria tido nojo. Agora, eu vejo isso como uma vitória.

Uma pequena fenda em sua armadura dura.

Vou derrubá-lo, um pedaço de cada vez.

A cama afunda com seu peso enquanto ele desliza ao meu lado. Meus músculos solidificam, recuando apesar da minha vontade de relaxar. Eu odeio tudo sobre ele e meu corpo reage por impulso.

Seu pau duro através de sua calça jeans empurra contra a rachadura da minha bunda e um soluço ameaça rasgar do meu peito. Ser estuprada por ele agora não é algo que eu estive preparando minha mente. Há muita coisa correndo dentro do meu cérebro para ter controle, para ser capaz de me levar para longe desta cela, de seu corpo.

Durante esses poucos momentos de tranquilidade, quando ele é suave ao meu redor, quase posso esquecer que ele é um monstro. Mas a lembrança do assassinato brutal de meus pais, a voz enlouquecida de Macy, e Bo falhando me puxam de volta à realidade. Está tudo muito fresco. Está me assombrando, e eu quero respostas. Eu quero arrancá-las dele, destruindo-o até que ele seja carne e sangue, exposto e fraco.

— Benjamin?

— Hmmm? — ele acaricia seu nariz em meu cabelo, seu peito arfando.

— É aqui que você morava com Bethany?

Arriscar obter informações tão cedo é perigoso, mas eu preciso tentar nesses momentos mais suaves e usá-los para minha vantagem. Saber sobre onde ele tem me mantido e onde ele mata suas vítimas é primordial.

— Meu pai ainda possui esta casa, mas é minha. Ele é muito teimoso para me entregar. Meu avô a construiu. Aparentemente, ele ficou um pouco louco e achou que precisava se esconder. Acreditava que o governo nos espionava. Então ele construiu uma casa longe do mundo. Não registrada e em uma propriedade privada cercada por terra e protegida pela mata ao redor.

É por isso que não conseguimos encontrá-lo?

— Seu pai também mora aqui?

— Não. — seu tom diminui.

Me afastando do assunto de seu pai, eu pergunto: — Você amava Bethany?

Quando seu corpo endurece como uma estátua de mármore atrás de mim, eu mordisco a minha língua, estremecendo pela dor e implorando em silêncio que eu não tenha provocado a besta.

— Qual? — ele pergunta, seu tom áspero e grosso.

Qual?

Eu giro para encará-lo. — O que você quer dizer?

Sua mandíbula está tensa. Há uma contração em seus olhos que geralmente acompanha um ataque de raiva. — Eu pensei que você estivesse cansada? — ele urra. Tendões enrolam e meu corpo agita enquanto ele me puxa para mais perto dele.

— Você o amava? — ele pergunta, seu corpo me apertando com a raiva familiar que eu conheço tão bem. — Você amou aquela porcaria indigna?

Amei? Passado. Não.

Bo?

Eu balanço minha cabeça em veemência. — Claro que não.

E se ele estiver falando sobre Dillon? Não, ele deve estar falando de Bo. De qualquer maneira, eu sei a resposta errada aqui.

Ele solta um silvo de alívio. — Ótimo.

Mais uma vez, meus músculos se contraem quando ele chuta suas botas e elas batem no chão com um baque. Ele balança a fivela de sua calça jeans, e eu quase escureço de medo, mas eu rapidamente afasto a escuridão.

Foco, Jade.

Ele não pode fazer nada pior do que ele já fez.

Preciso enfraquecê-lo.

Ele tira a calça jeans e sua ereção se estica através de sua boxer preta. Onde eram coxas magras agora estão tonificadas com músculos novos e mais fortes. O homem se tornou uma besta.

Um monstro.

Meu monstro.

Eu te odeio.

Seu calor me envolve, fazendo com que seja difícil não me esquivar de seu corpo quase nu estando tão próximo, mas eu consigo.

— Eu senti sua falta, bonequinha suja.

Com velocidade rápida de um relâmpago, ele empurra meus ombros para trás. Minha cabeça bate no colchão com um pequeno

salto. Antes que eu possa me proteger, ele agita seu corpo em cima do meu, me prendendo debaixo dele. Ele agarra meus dois pulsos e os empurra acima da minha cabeça, os amarrando com sua poderosa mão. Receio que meu coração esteja prestes a sair do meu peito. Eu espero por seus golpes.

Seu abuso.

Seu terror.

Mas nunca chega.

Sua mão livre acaricia minha bochecha. Um único dedo arrasta meus lábios entreabertos. Ele abre os próprios lábios e um rosnado de prazer lhe escapa.

— Tão perfeita. Tão malditamente perfeita. — ele continua seguindo um dedo ao longo de minha garganta e passando pela minha clavícula. — Nenhuma delas se compara a você. — ele sussurra, as palavras quase inaudíveis. Ele está falando consigo mesmo, não comigo.

— Por favor, me fale mais sobre Bethany. — eu imploro, desesperada para tirá-lo de cima de mim.

— Você não é a Bethany.

O grito na minha garganta morre quando ouço um gemido familiar vindo de fora da minha cela. Meu corpo inteiro endurece, meu olhar selvagem encontra o de Benny. O desejo que brilhou sobre mim apenas alguns segundos antes é assassinado bem diante dos meus olhos enquanto o ódio chega correndo como um garanhão pronto para liderar a batalha.

Pronto.

Furioso.

Uma tempestade que dizimará tudo em seu caminho.

— Bo. — eu engasgo. — Ele está vivo?

— Como se atreve a mencionar o nome dele comigo em sua cama?

— Esta não é a minha cama. — eu digo. — É a minha cela. Eu não pertencço a este lugar, Benny. — a lutadora e a menina roubada dentro de mim se liberta apesar de suprimi-la. Controlar o medo inebriante de ser estuprada é impossível. Cada polegada da minha pele coça, meu sangue inflama em minhas veias, e cada fibra do meu ser me

diz para lutar para tirá-lo do meu corpo. Um de nós vai se curvar e não pode ser eu. Eu não acho que eu sobreviveria novamente.

— Você pertence a mim. — ele rosna. — Você é minha, porra. Esse rosto. — a palma da mão dele esmaga sobre minha cabeça inteira e o peso de seu corpo me mantém presa apesar dos meus esforços para empurrá-lo de mim. — Este corpo. — ele se dobra contra mim para afirmar o que ele diz. — Sua alma.

Pânico, tristeza e raiva explodem em mim como um vulcão em erupção. Minha fachada cai e eu sou apenas uma mulher liberando seu ódio. A raiva, o lado atormentado de sua criação, ergue sua cabeça feia.

— Saia de cima de mim, seu filho da puta! — eu soluço. Ele solta minhas mãos e eu as uso para dar socos nele. Ele tenta segurar meus ombros, mas não antes que meus punhos atinjam seu rosto. — Eu te odeio, porra! Eu vou te matar! Saia de perto de mim!

Um ódio reprimido aflora, e eu estou perdida em uma névoa de histeria.

Todo meu treinamento.

As medidas que tomei se eu o pegasse.

Minha terapia quando escapei pela primeira vez.

Nada disso me preparou para o colapso completo da minha mente neste momento.

Ele tem Bo. O idiota invadiu minha vida mais uma vez e levou outra parte, levou outra pessoa com quem me preocupo, como se ele tivesse o direito de fazer o que quisesse. Ele então usou minha irmã para me sequestrar mais uma vez e me trazer de volta a este inferno, deixando meninas mortas e meus próprios pais mortos ao longo do caminho. Pura maldade estava deitada sobre mim com devoção em seus olhos.

Eu o odeio.

Eu odeio o que ele faz de mim.

Eu *me* odeio neste momento.

— Raaaaa, raaaaaaa, raaaaaa. — ele ruge enquanto eu continuo a bater nele. Ele solta meus ombros, se senta e se encosta na minha cintura enquanto ele começa a se bater. Isso me choca tanto que paro de me mover e apenas olho para ele.

— Jade! — a voz de Bo penetra a atmosfera e meus olhos abrem.

Ele parece tão perto. Ele está na antiga cela de Macy?

Benny endurece acima de mim.

— Você diz que me odeia, mas me deixe dizer uma coisa, bonequinha suja. — ele abaixa o rosto até que ele paira acima do meu. — Há uma verdadeira linha tênue entre o amor e o ódio, e eu gosto que você esteja lá. Faz você ficar mais doce. Não se engane a quem você pertence. — gotas de saliva caem sobre o meu rosto com cada sílaba que ele vomita. Sua respiração é áspera enquanto sua mão serpenteia meu corpo, pairando sob minha buceta.

Não, por favor, não.

Ele empurra seu dedo brutalmente dentro de mim, me fazendo gritar de dor e humilhação.

O dedo me fode de um jeito que eu sei que ele vai tirar sangue.

— Pare. — eu imploro, lágrimas escorrendo pelas minhas têmporas.

Ele rosna. — Não até que eu foda a maneira que você se importa com ele de seu corpo de prostituta! Não até que você se lembre a quem você pertence.

Não.

Não.

Não.

Eu ainda tenho o meu corpo e engulo a dor, levando a minha mente para Dillon, para repreendê-lo por comer todos os donuts e por não colocar creme suficiente no meu café. Ele tomava um café tão forte.

Minhas tentativas de voltar ao passado vacilam quando Bo começa a murmurar e gritar, me arrastando finalmente para o presente. — Jade? Jade? — o terror em sua voz esmaga minha alma.

Ele está aqui por minha causa. Tudo o que Benny fez com ele é por minha causa.

— Bo, shhh. — eu soluço, sabendo que Benny irá descontar sua ira sobre ele se ele não fizer isso.

Grunhidos e palavras ininteligíveis saem dele quando ele arranca o dedo de dentro de mim e o desliza em sua boca. — Ai está você. — ele ronrona.

Saboreando meu cheiro.

Apreciando o meu sabor.

Put a merda.

Bo está agora rugindo de algum lugar da cela, só agravando meu abuso. — Deixe-a ir! Jade! — Bo troveja.

Benny abre os olhos quase negros e explode com fúria assassina. — Esse filho da puta. — ele rosna. — Macy, cuide da sua maldita boneca antes que eu faça!

Macy?

Tento me sentar e pegar Benny, que está saindo do meu corpo. Ele vai punir Bo se eu deixá-lo sair desta cela.

— Por favor, volte. — eu imploro, soluçando com o veneno derramando de minha boca. Deixá-lo dentro do meu corpo vai envenenar a minha alma, e Dillon poderá nunca mais olhar para mim do mesmo jeito depois que eu sair daqui.

E eu *vou* sair daqui.

Não há volta depois de fazer o que for preciso para ter a certeza de levar as pessoas que eu amo para fora daqui comigo. Mas não posso ficar obcecada com isso agora.

— Por favor. — eu murmuro, mas ele não parece reconhecer minhas palavras.

Seus músculos das costas se apertam e flexionam como um homem se transformando em um animal. Com um rosnado, ele se levanta, pondo as calças de novo.

— Benjamin, por favor. — soluço. Eu começo a me levantar, mas minhas pernas estão muito fracas do abuso e eu caio de joelhos. Os evidentes sinais de dor machuca a minha carne, emitindo uma onda de pulsações acima das minhas coxas, estabelecendo em meu estômago.

— Por favor, não.

Gritos do outro lado da parede são de outro mundo.

A cela gira e a bile ganha, me fazendo calar.

— Ele vai pagar por te tocar! — Benny grita.

Eu levanto minhas pernas bambas mais uma vez. Quando eu começo a falar de novo, ele levanta a mão aberta e me bate no rosto. Eu caio no chão duro com um baque e minha cabeça acerta o chão com um som alto.

E depois nada além de preto...

Capítulo três

Céu

BENNY

— Venha aqui e dê uma olhada. É um presente para... bem, eu, mas é por sua causa que eu tenho isso, então...

Seu corpo nu não se move do chão, mas seus olhos bonitos estão nos meus. Ela mudou ao longo dos anos que estivemos separados. Endurecida. Suas feições mais severas. Mais que isso, seu espírito se tornou livre e está me acendendo com cada olhar que ela lança em minha direção.

Me dói ouvir as palavras ‘eu te odeio’ de seus lábios.

Tudo o que eu fiz foi sentir falta dela. Eu sofri e lutei por aquela dor por oito malditos anos para deixá-la ser ‘livre’. Mas ela nunca poderia ficar livre de mim. Ela deixou Bo, aquele idiota, foder e brincar com sua vulnerabilidade. Ela não estava acostumada a ficar sem seu mestre e deixá-lo colocá-la em um tipo diferente de cela.

Trazê-la para casa foi uma misericórdia. Ela sentia minha falta... ela iria ver isso.

— O que você fez, seu filho da puta? — ela assobia.

As curvas moldam seu corpo - linhas suaves, estômago tenso e seios mais cheios. Seu rosto, porém, é o mesmo. Inocente, apesar dos seus esforços para ser durona. Ela ainda é a bonequinha mais bonita que já pus meus olhos.

E meu Deus, era o mesmo quando meu dedo estava dentro dela. Apertada, quente, minha. Sua buceta, apesar daquele lixo sem valor que a fodeu, estava tão perfeita quanto eu me lembrava. Seu sabor tão delicioso como no primeiro dia que eu a saboreei. Lavar cada lembrança dele será minha missão. Ela é minha e só minha.

Nós estávamos nos conectando mais uma vez depois de tanto tempo, mas aquele filho da puta tinha que arruinar com a sua maldita boca. Eu não podia sequer ficar duro ou colocar meu pau dentro dela - minha bonequinha amada - porque ele estava a chamando, fazendo com que seus olhares tenros se tornassem de horror. Eu odiei o jeito que ela olhou para mim. Como se ela temesse por ele. Ele arruinou o momento.

Isso não vai acontecer novamente.

— Se você me desobedecer novamente falando com aquela estúpida bonequinha, eu vou te causar dor. — eu a advirto. Ela não precisa saber que não seria dor física. Tenho outras maneiras de machucá-la. Tantas outras maneiras.

Ela treme, é suave e ela acha que eu não noto. Mas observando-a, vendo tudo o que ela faz, faz com que um sorriso satisfeito rasteje até meu rosto. Ela sabe quem é seu mestre. Não importa o quão longe ela corra, eu estou dentro de seu sangue.

Na mente dela.

Na sua buceta molhada.

Na sua alma fodida.

Enraizado profundamente e inquebrável.

Ela.

É.

Minha.

Levantando-se, ela solta os braços, mostrando toda a sua glória com um olhar firme em minha direção. Eu rasguei minha camisa de seu corpo enquanto ela estava inconsciente. Ela foi impertinente e não merece meu conforto agora. Eu vagueio meus olhos sobre sua figura, acariciando seus mamilos duros com apenas um olhar faminto. São cor-de-rosa e imploram para serem mordidos.

A buceta raspada que eu estava dedilhando a pouco tempo é encantadora. Isso convoca meus anseios, empurrar meu pau nela mais uma vez, mas isso pode esperar. Logo, eu vou estar lambendo sua buceta molhada, e assim como antes, ela vai gritar e gozar para me mostrar o seu amor – de novo e de novo.

Sua pele é mais escura do que costumava ser antes por causa do sol, mas isso não prejudica a sua beleza. Camadas espessas de cabelo caem ao redor de seu rosto enquanto ela se move em minha direção. Meu coração lateja a cada passo que ela dá.

Thump.

Thump.

Thump.

Ela faz meu coração correr e me cativa de uma maneira que ninguém jamais irá.

Tão perto. Seu cheiro se envolve em torno de mim, como quando minha mãe costumava pulverizar seu perfume e isso mergulha em meus poros, me acalmando. Meu braço não teria nenhum problema em alcançá-la e agarrá-la antes que ela pudesse escapar de minhas mãos, mas eu quero que ela fique solta - livre para ser sua própria fera selvagem.

Movendo meu corpo da porta, a deixo observar a cena diante dela. Seus olhos se arregalam e um grito silencioso trava em sua garganta por um longo momento antes de ela o soltar.

— Não!

Ela ofega, suas mãos pequenas segurando as barras, os olhos grandes e selvagens se alargando, observando tudo.

— Bo. — ela choraminga. — Oh, meu Deus, Bo. — seus olhos furiosos encontram os meus e ela assobia: — O que você fez, seu bastardo? — sua voz se quebra quando ela grita para mim.

Ele não pode responder a ela apesar de olhar diretamente para minha bonequinha suja.

— Ele não deveria ter falado. O filho da puta conhece as regras. Você conhece as regras. — eu aviso antes de admirar a dor em seus olhos lacrimejantes. Eu sei que tenho uma doença também. O problema é, eu não sei se ela é um remédio ou um vício.

Seus olhos observam os lábios de Bo.

— Não está tão bem feito como o seu quando *você* falou demais, mas não fui eu que manuseei a agulha desta vez. Cicatrizará com certeza. — eu não reajo, estreitando meus olhos sobre os lábios fechados e costurados do desgraçado.

Bo, aquele idiota patético que tinha provado a minha bonequinha puta. Ele vai morrer, devagar e dolorosamente, e ela vai assistir e sofrer junto com ele até que esteja claro que ninguém a toca, exceto eu. Ela nunca mais vai me deixar.

Macy era uma bonequinha bagunceira. Não importava quantas vezes eu tentasse ensiná-la, ela sempre saía da linha.

Minha bonequinha favorita se vira dentro de sua cela, sem dúvida repugnando o trabalho de sua irmã.

— Você vai ser uma boa garota e ouvir agora? Lembra das regras? Você sabe que eu odeio essa boca quando está sendo selvagem, bonequinha suja. Suas palavras são para *mim*. Seu corpo é para *mim*. Sua atenção é para *mim*. — eu ferveo, meu peito arfando com esforço. — Você precisa de um incentivo?

Eu a olho com uma sobrancelha levantada, passando minhas mãos sobre as ferramentas dispostas na minha frente. O aço frio de um bisturi escova contra as almofadas de meus dedos, e eu me encontro sorrindo. Estou com vontade de causar alguma agonia nesse idiota.

— Benny, por favor. — ela chora, e eu quero puni-la ainda mais por usar esse nome de merda. Antes ela tinha ido tão bem me chamando de Benjamin.

Ignorando sua súplica, aceno o bisturi na frente do predador, Bo. Nós nos referimos a ele como Bonequinho Estúpido. Esta é a casa dele agora... até que não seja mais.

Eu paro acima do homem quase nu e vejo o brilho nos olhos dele. Ele está apavorado e fodidamente aterrorizado. Ótimo. Eu quero que ele cague em cima de si mesmo sempre que ele me vir. Minha bonequinha quebrada choraminga no quarto de princesa, mas eu a ignoro. Ela não pôde mantê-lo quieto, então este é o seu castigo também. Uma vez que ela costurou os lábios do filho da puta, eu a tranquei em seu quarto e coloquei seu bonequinho precioso longe dela.

Eu sempre sigo meus castigos.

— Você atacou aquela garota. — rosno, mostrando os dentes para ele. — Você atacou minha bonequinha.

Soluços de ambas as celas atrás de mim ressoam no fundo. A bonequinha suja quer salvar o estúpido. A quebrada o quer de volta.

O bonequinho estúpido range os dentes no momento em que o bisturi rasga sua carne. Não é fundo, mas o suficiente para o lembrar quem é o maldito mestre por aqui.

Eu perco minha cabeça na minha arte. Assim como todas as bonequinhas que eu pinto... aqueles rostos bonitos... eu artisticamente transformo seu peito pálido em algo glorioso e vermelho. Ele grunhe, geme e luta sem sucesso. Quando termino, ele desmaia.

Satisfeito com o meu trabalho, me levanto e limpo o sangue o melhor que posso. Quando eu termino, eu saio do caminho para mostrar à bonequinha suja minha obra.

Esculpi na carne do merda as palavras: BONEQUINHO ESTÚPIDO.

Eu sorrio para ela, mas depois ela cai como um saco de batatas.

Jesus Cristo, essas pessoas agem como se nunca tivessem visto sangue antes.

Ela está murmurando do chão de sua cela e a curiosidade faz meus pés me levarem até lá.

— O quê?

— Você espera que eu te ame, Benjamin, mas você é um monstro, você sabe disso? Seu pai era um animal e você também é.

Tristeza me preenche e o rugido da minha raiva diminui com as memórias que suas palavras evocam. — Eu nem sempre fui assim. O homem que fui criado pra ser. Eu achava a normalidade dentro de uma família com uma mulher perturbada e um homem pervertido. Foi a única coisa que eu aprendi. Eles eram tudo que eu tinha para aprender.

— Você não é burro, Benjamin. Você sabe distinguir entre certo e errado. Você sabe o que você faz é fodido. Você é louco e precisa de ajuda.

— Não tente sua merda de policial em mim, bonequinha suja. Você acha que pode me analisar e me diagnosticar?

Fungando, ela se levanta e vai para a cama.

Eu quero que ela diga algo mais, mas eu sei que ela não vai.

— Eu sei a diferença entre o certo e o errado, mas eu só gosto do jeito errado. É um impulso, um desejo mais intenso do que qualquer outra coisa.

Ela não responde. Em vez disso, ela se vira para enfrentar a parede e traz seus joelhos para seu peito, virando as costas para mim. Ela deveria descansar. Tenho planos para ela.

* * *

Eu começo a cantar a música favorita de mamãe enquanto eu me lavo na pia. O espelho há muito foi substituído.

Meus olhos escuros inspecionam meu reflexo.

Os mesmos olhos da minha mãe.

O mesmo cabelo escuro.

O mesmo amor por belas bonequinhas.

Mas com os pensamentos dela traz os pensamentos dele. Esfrego o sangue enquanto minha mente volta ao passado.

* * *

O carro da patrulha de papai para lá fora, e eu solto a bola. É cedo - o sol ainda está alto no céu.

Por que ele está em casa? Talvez ele finalmente vai me deixar ir passear com ele. Estou morrendo de vontade de acender essas luzes.

Eu estou na varanda, esperando que ele saia. Ele finalmente sai, mas então ele abre a porta dos fundos e outra pessoa sai com ele.

Nós nunca tivemos visitantes aqui.

Papai disse que o pai dele construiu esta casa quando voltou da segunda guerra mundial no início dos anos quarenta. Estamos isolados e a única vez que eu vejo outras pessoas é quando mamãe me leva com ela para vender suas bonequinhas.

Meus pés se recusam a se mover, não podem se mover, e eu fico congelado no lugar, olhando para uma jovem dobrada debaixo do grande braço do meu pai.

Riscos marcam suas bochechas rosadas.

Bochechas borradas com lágrimas criam riscos de seus olhos até a mandíbula.

Pequena bonequinha suja.

Ela tem o cabelo escuro longo e a pele pálida. Seus lábios são grossos e rosados. Tão linda.

— Sua irmã está em casa. — ele anuncia, um sorriso curvando seus lábios em ambos os lados.

Minha irmã? Bethany se foi há dois anos.

Minha boca se abre, mas antes que eu possa corrigir seu erro, mamãe empurra a porta da frente e se junta a mim no degrau superior da nossa varanda.

— Eu a encontrei, querida. — diz papai. — A bonequinha perfeita.

— Bethany? — mamãe suspira, e meus olhos viajam dela para esta garota que deram o nome de minha irmã.

O que eles estão vendo?

Certamente não o que eu estou...

Mamãe a trás e elas passam por mim. Nossos olhos se chocam por momento breve, mas muito intenso. Ela me pergunta sobre eles, sobre para que loucura ela foi trazida.

— Benjamin. — meu pai me chama, e eu tenho que virar minha cabeça para olhar para ele.

— Sim?

— Você gostaria de ir a um passeio?

Finalmente!

— Sim. — eu bufo para ele.

** * **

A chuva dança pelas janelas e faíscas de relâmpagos aparecem no céu, fazendo meu coração bombear quando o trovão ruge durante a noite.

O dia passou tão rápido e minha mente continuou vagando de volta para a menina que papai trouxe para casa.

Eu tinha imaginado isso?

— Papai, quem é aquela garota?

— Que garota, filho? — sua voz grosseira atravessa o carro, mas seus olhos permanecem focados na estrada lá fora. Estamos dirigindo tão devagar que eu duvido que sentiríamos se acertássemos alguma coisa, mas ele rastreia a escuridão como se alguém estivesse se escondendo dentro dele e pudesse encontrá-lo. Eliminá-lo.

— A garota que você trouxe para casa. — eu o lembro.

Meu pai não gosta que o questione, mas sair em seu carro da polícia me faz sentir corajoso e seguro.

— Sua irmã, você quer dizer?

— A moça de antes. — corrijo.

Seus olhos estalam da estrada para mim e para a estrada novamente. Seu tom é nítido e definitivo. — Sua irmã, Bethany.

Eu pisco para ele em confusão, mas estou com muito medo de perguntar mais sobre o assunto.

— Esses pequenos punks. — ele diz depois de alguns momentos e acelera o carro. Minhas mãos ficam úmidas e meu coração começa a correr. O carro chacoalha e papai abre a porta. — Pare. — ele grita para alguém do lado de fora do carro. — Não se mova.

— Merda, corra.

— Corre.

— Não se mexa! Polícia!

Minhas mãos tremem e meu sangue chia, disparando através de minhas veias.

— Eu não estava bebendo. — uma voz murmurada anuncia.

Papai solta um rosnado. — Parece que seus amigos te deixaram.

— Eles não são realmente meus amigos.

— Entre no carro. — papai grita. — Você está presa.

— Eu não fiz nada... por favor.

Esperando que ele leia os seus direitos me deixa animado, mas os direitos não vêm quando a porta se abre e ele coloca a cabeça alguém dentro da parte de trás.

Este é o meu pai pegando as pessoas más.

Quando a pequena forma de uma garota com cabelos loiros caindo sobre suas características suaves rasteja na parte de trás, fico sem ar. Dando uma espiada ao redor de meu assento, eu vejo seu rosto desmoronar e ela chora em suas mãos. A porta se fechando me faz ofegar, e suas mãos se movem, seus olhos acham os meus. Formam vincos sobre sua testa e seus lábios se movem, mas nenhum som sai.

— Quem é ele? — ela pergunta enquanto papai sobe no banco da frente.

— Cuide de sua própria vida, — ele rosna. — Você sabe em que problema está?

— Eu não estava bebendo, eu juro. — ela balbucia. — Tenho apenas quinze anos. Meus pais me matariam se eles achassem que eu bebi.

Seus olhos selvagens se lançam para os meus, o medo tremulando neles.

— Você vai para a prisão, senhorita. — ele diz, fazendo-a saltar.

— O que posso fazer para convencê-lo? Por favor...

Seus soluços enchem o assento traseiro, e faz minha pele arrepiar. Um sorriso lento e cheio de ameaça arrepia meu sangue enquanto ele arqueia o rosto.

— Vocês putinhas são todas iguais. — ele fala bruscamente, abrindo a porta do carro e subindo na parte de trás onde ela está. O corpo dela enrijece, seus olhos arregalados. Agarrando as pernas dela, ele a puxa ao redor dele e, em seguida, prende seu corpo delicado.

— Não, por favor, eu não quis dizer isso. — ela entra em pânico, sua respiração um sussurro no aconchegante confinamento do carro da polícia. Meus dedos se tornam brancos enquanto agarram a parte de trás do meu assento, incapaz de tirar os olhos do que estou testemunhando.

Um som lacrimante ecoa em meus ouvidos e estou horrorizado quando ele enfia a calcinha dela no bolso.

— Não, pare, senhor. — ela implora mais uma vez.

Inclinando-se sobre o seu corpo muito menor, ele bate a mão sobre a boca dela e começa a mover seus quadris para frente. Eu nem vi ele desabotoar suas calças, mas a bunda nua dele aperta e bombeia sobre ela. O rosto dela vira para o lado enquanto a almofada do assento absorve suas lágrimas. Ela murmura e choraminga sons enquanto ele geme em cima dela. Tudo acaba tão rápido como começou e confusão aperta a minha barriga. O que ele estava fazendo? Foi assim que ele a puniu por seu crime? Eu estava pensando que íamos colocá-la em uma cela, mas papai fez o contrário. Ele permitiu que ela saísse do carro.

— Da próxima vez, eu te arrasto para a estação, sua putazinha. — sua provocação ecoa após ela sair correndo.

Ele não fala comigo quando ele volta para o carro, ou quando estaciona o carro na garagem de casa. Assim que retornarmos, mamãe está a sua espera.

— Onde você esteve? — ela pergunta, as mãos em seus quadris.

Papai grunhe. — Eu o levei comigo em uma ronda.

— Ele parece pálido. — ela grita. — Você foi ver uma de suas prostitutas?

— Não. — ele rosna. — Eu fiz uma prisão, foi tudo.

— Benny, quem papai prendeu? — ela vira seu corpo para mim, encarando seus olhos acusadores em meu pai.

— Uma menina. — eu sussurro.

Girando tão rápido como uma rajada de vento, ela começa a bater nele.

— Seu maldito pervertido! Eu te odeio! — ela grita. — Quero que você vá embora!

— Por que diabos você se importa, mulher? Eu trouxe de volta a sua maldita bonequinha, sua cadela louca! — com um punho fechado, ele puxa o braço para trás e o atira para frente na bochecha de mamãe, jogando-a para o chão molhado e lamacento.

— *Eu não vou passar por isso novamente. — ela soluça. — Você vai sair desta casa.*

Ele ruge e chuta a parede, abrindo um buraco. — Esta é a minha casa, Patricia.

— *Então vamos ir embora! — ela grita, seu corpo inteiro tremendo com soluços.*

Papai se ajoelha diante dela, seu rosto se enroscando em algo feio e malvado. — Vá e vou te enterrar junto com as outras bonequinhas quebradas. Eu juro. Me teste, mulher.

Os olhos dele se viram rapidamente para mim antes dele levantar e sair porta a fora.

E apesar de suas ameaças venenosas, ele não volta, para minha surpresa. Não até...

* * *

— O que aconteceu com a garota? — minhas perguntas favoritas da bonequinha, sua voz áspera e seca.

Eu pisco ao sair do meu torpor, olhando-a. Eu não tinha percebido que eu estava falando meus pensamentos e memórias em voz alta. Seus olhos cansados voam para o bonequinho estúpido por um momento antes de voltar para o meu.

— Que menina?

— A nova Bethany?

— Hmmm. — eu digo com um suspiro. — Depois de um mês trancada em seu quarto e mamãe transformando-a em uma bonequinha perfeita, fiquei curioso sobre ela e destranquei a porta dela. — eu balanço minha cabeça. — Ela fugiu da casa mais depressa do que você.

— Então ela está livre? — há temor em sua voz e eu quase quero mentir para ela.

Mas eu não minto. — Não. — eu sussurro. — Ela quebrou as regras e ela está foddidamente morta. Ela tinha conseguido chegar até a linha das árvores antes de mamãe atirar nela com um dos rifles de caça

de papai. — eu torço as minhas mãos enquanto eu faço meu caminho até ela. — Mamãe me trancou em meu quarto por três dias sem comida por deixá-la sair. De qualquer forma, ela não estava perfeita.

— O que você quer dizer? — sua respiração faz cócegas em meu rosto e eu inalo tudo o que é ela enquanto estudo suas características perfeitas.

— Ela tinha um lábio superior fino. Deus, era feio. Mamãe não a teria ficado com ela por muito tempo.

Eu me viro para sair e um toque suave e flexível no meu ombro me faz continuar. — A verdadeira Bethany. Você sente falta dela?

Eu realmente não me lembro de ter sentido falta dela ou qualquer outra coisa além de sua tristeza e morte. Apenas um vislumbre em uma memória desbotada e uma onda de raiva que já foi uma dor por tê-la viva. Agora, tudo isso me escapa. Você não pode realmente sentir falta de alguém que você nunca conheceu, e eu não conhecia seu tormento.

— Eu não tenho certeza se ela era minha verdadeira irmã. — respondo. É sempre algo que me abala. Acho que ela era, porque eu sempre a conheci, mas e se ela fosse uma que papai trouxe para casa para mamãe, assim como o resto?

— Então, seu pai... — ela começa, mas eu não quero mais falar. Estou cansado e preciso trabalhar.

— Vá dormir, bonequinha suja.

Capítulo quatro

Carvão

JADE

— Você precisa de mais carne nestes ossos. — Dillon resmunga antes de morder meu quadril nu.

Um arrepio de prazer me atravessa. Nós acabamos de começar a dormir juntos e eu não consigo ter o suficiente dele.

— Eu pensei que os rapazes gostassem de meninas magras. — eu o estudo com uma sobrancelha erguida enquanto o observo.

Seus ombros largos resplandecem da luz da manhã brilhando através da janela do meu quarto. Cada curva desse homem é linda.

— Correção. — ele diz enquanto corre a língua em direção ao meu umbigo. — Homens gostam de mulheres com curvas. Eu sou um homem, Phillips. Todo homem.

Ele está me provocando com sua língua perversa. Eu quero agarrar seu cabelo e depois enterrar seu rosto entre minhas coxas.

— Mas você disse que eu era ossuda. Então você acha que eu sou apenas uma garota? Eu devo dizer. — eu provoco, — você é confuso.

Seus olhos escurecem quando ele começa a pressionar beijos cada vez mais baixos até chegar à minha buceta recentemente depilada. Ele gentilmente aperta minha carne sensível, puxando um de meus lábios entre os dentes. Solto um suspiro e me levanto nos cotovelos para olhar para ele.

Me soltando, ele levanta uma sobrancelha escura. — Você é toda mulher. — ele me assegura com um rosnado que faz cócegas em minha barriga. — Você só precisa comer um pouco mais para eu não machucá-la.

— Você está me ameaçando? — meus lábios puxaram em um sorriso.

Ele empurra um dedo dentro de mim e eu solto um grito. — Quando eu te foder, você precisa de uma pequena almofada nessa bunda. Caso contrário, você vai acabar com mais contusões. Você sabe que eu não vou devagar neste corpo pequeno e quente.

Eu solto um gemido enquanto ele trabalha, seu dedo deslizando por lugares dentro de mim. Quando sua língua desliza entre os lábios inchados da minha buceta e faz contato com meu clitóris, eu soco a cama.

Ele geme, sua respiração quente e rápida, mas ele faz amor comigo com a boca e o dedo. Meus peitos doem para serem tocados, assim quando eu os acaricio, eu me deleito. O êxtase irrompe dentro de mim e eu grito seu nome. Pulsação após pulsação de felicidade dispara através de mim até que eu sou uma pilha fraca de ossos.

— Além disso. — ele brinca enquanto desliza o dedo para fora e rasteja encima de mim. — eu não deveria ser o único a fazer toda a comida por aqui. Talvez devêssemos de um pouco de bife em você. — seus olhos escuros cintilam com travessura antes dele brincar com minha abertura encharcada com a ponta de seu grande pau.

— Um pouco? — eu murmuro, provocando-o de volta.

Sua boca cai na minha quando ele me penetra com força. O homem está duro e quase me divide em dois.

— Ahhh! — eu grito. Seu pau é grosso e força o prazer em mim.

— Nada é pequeno sobre este bife, linda¹. — ele rosna.

Cavo meus dedos em seus ombros e mais uma vez deixo seu corpo perfeito trabalhar no meu em um orgasmo trovejante. Quando seu calor se apressa em mim, eu solto um assobio.

— Você é muito bom nisso. — eu sussurro, um sorriso puxando meus lábios.

Ele inclina sua testa contra a minha e pisca um sorriso presunçoso. — Eu sei.

Eu giro meus olhos para ele e ri. — Detetive Idiota está no prédio.

¹ Aqui ele fala little, que tem significado de pouco e pequeno. Se usássemos o pouco nas duas frases, não faria sentido em português. Mas aqui, o bife, ele se refere ao pênis dele, que no caso é grande e não pequeno (pouco).

Seus quadris empurraram e seu pau, que tinha começado a amolecer, endurece novamente, fazendo com que ele me estique. O humor deixa seu rosto quando ele me olha com o cenho franzido. Isso faz com que meu coração pule algumas batidas.

— Jade...

— Hmmm?

— Alguém já te disse como você é linda quando está feliz?

Eu pisco para ele em confusão. E o que é isso? Felicidade? Essa é uma emoção que eu realmente não sinto há algum tempo.

— Acho que não. — eu sufoco, e a emoção coagula na minha garganta.

Ele pressiona um beijo suave no meu nariz antes de dar uma pequena mordida de amor. — Bem. — ele diz com um sorriso. — você fica linda quando está feliz.

Olho para ele com admiração. Quão maravilhoso seria congelar este momento e engarrafa-lo - guardá-lo para quando a vida não for tão feliz.

— Jade, — ele murmura quando me penetra de novo, devagar e metodicamente. — você é linda o tempo todo. Quando você está triste ou chateada. Quando você está carregando o peso do mundo em seus ombros. Quando você está determinada ou motivada. Todo o tempo, um certo brilho irradia de você. Cada vez que olho para você, é difícil desviar o olhar.

O embaraço aquece minhas bochechas.

— Todo o tempo, Jade. Sempre linda.

Eu pisco, afastando a memória doce, e junto com ela, o amargo das lágrimas. Eu deveria estar com Dillon, não com o psicótico Benny. Com uma mão trêmula na parede da minha cela, me abaixo para deitar na cama que detesto. Pensamentos de Macy que está logo ali além da madeira que nos separa me deixa tensa enquanto pensamentos persistentes de Dillon fazem meu coração doer. Todos os planos que eu disse a mim mesma voaram pela janela. Apesar de fazê-lo se abrir mais, o controle que eu desejo sentir neste jogo entre nós não está lá. A compostura perdeu para a raiva e o medo.

Mas eu tenho que acabar com essas emoções esmagadoras.

Agora não é a hora.

Eu preciso ser teimosa agora. Acalmar a dor dentro de mim e lembrar do meu treinamento. Se Bo vai sobreviver a isso, eu vou ter que alterar minhas emoções. Eu quero ser capaz de desligá-las e me tornar meu próprio monstro.

O rosto bonito e forte de Dillon vibra através da minha mente novamente. Ele está lá fora agora me procurando. Culpando a si mesmo. Meu coração aperta em meu peito.

Felizmente, ele não será o único que estará procurando por mim.

Meus amigos e colegas não vão descansar até me encontrarem. Eles o ajudarão. Juntos, eles *vão* me encontrar.

Eu espero...

Lágrimas quentes correm pelas minhas bochechas e rapidamente as afasto com medo de que Benny as veja. Eu engulo minha tristeza e me enrolo em uma bola no colchão.

Dillon, meu coração se contrai, por favor, me encontre.

Capítulo cinco

Negro
DILLON

O pulsar em minha cabeça fica cada vez mais doloroso a cada minuto que passa. Minha mente está repassando as memórias o tempo todo - o dia em que ela foi levada, a evidência que temos, qual será o destino dela... O apartamento dela se tornou uma cena de crime com fita adesiva por toda parte, bolsas de provas e forenses dissecando cada fodida polegada. Não importa o quanto eu tente analisar os detalhes, eu não consigo. Eu estou congelado em um estado constante de pânico nublando minha capacidade de lidar com este caso corretamente.

O que ele está fazendo com ela? Será que vamos encontrá-la desta vez? Ela vai me perdoar por perdê-la?

Ele a está punindo, violando-a, matando-a? Estou pirando. Sinto meus próprios pensamentos como meu inimigo agora e eu só quero rugir toda essa raiva, tirar esse remorso e medo de mim. Ele levou a minha menina. Esse filho da puta vai morrer. Não há sentença suficiente para esse animal. Meus músculos tencionam e queimam de raiva. Me concentro nas ondas de raiva e minhas unhas fincam a pele. Minha pele está muito fina, o sangue está muito quente. A besta, o assassino dentro de mim, está pronto para a vingança. Eu precisava que ela voltasse, e a vingança para ele será da maneira mais brutal possível.

Minhas mãos e nervos tremem igualmente e eu estou sobrevivendo com muito café. Desde que ela foi levada, eu não fui capaz de me concentrar em nada além dela.

— *Tente descansar um pouco.*

— *Você precisa comer alguma coisa.*

— *Vamos encontrá-la.*

Todo mundo ao meu redor se tornou um estranho. Eles não me conhecem? Eu não posso descansar ou comer ou confiar em meus colegas porque ele levou minha menina e eu preciso tê-la de volta.

Quando Delaney foi morta por seu namorado foddamente retardado, Chip, eu tentei ser inteligente. Eu não conseguia me concentrar. Não podia pensar. Não podia fazer nada.

Meu único foco era Chip.

Vingança.

Assassinar aquele idiota com minhas duas mãos.

Eu só atribuía a mim casos meia-boca. Ignorava amigos e família. Ignorava a todos na minha busca pela justiça.

E agora, não consigo me concentrar enquanto Stanton e Wallis montam a equipe, distribuindo serviço na força-tarefa. Eu não folheio o arquivo que recebi. Eu certamente não olho para os belos olhos castanhos da mulher que eu me apaixonei. Sua foto está presa ao painel, tendo sido reduzida de detetive à vítima.

Não...

Meu olhar encara o esboço de Benny.

O filho da puta que levou a minha menina.

Eu olhei para a versão dele do arquivo de Jade há oito anos, e por tanto tempo, eu memorizei cada risco de lápis. Cada maldito sombreamento. Cada mancha.

— Detetive Scott, — rosna Stanton. — Meu escritório. Agora.

Se passaram doze horas desde que ela foi levada e eu sinto que já desperdiçamos muito tempo com besteiras. Eu preciso estar lá fora, esgotando todas as pistas. Não ficar sentado aqui sem fazer nada.

— Por quê? — eu exijo, a palavra saindo em um assobio.

O chefe Stanton dá ao tenente Wallis um olhar exasperado antes de me devolver o olhar. — Porque eu sou seu chefe e eu mandei. Mova-se.

Eu me levanto com um grunhido, batendo a cadeira atrás de mim. Um dos outros oficiais diz algo para mim, mas eu o ignoro quando saio da sala de reuniões para o escritório de Stanton. Uma vez que ele está lá dentro, ele bate a porta atrás dele, sacudindo as fotos

emolduradas em suas paredes. Uma se inclina para o lado e me concentro nela até que a voz me puxa de volta.

— Você está perdido, detetive. — ele diz quando ele contorna sua mesa e senta em sua cadeira. — Eu preciso que você esteja concentrado, porra.

Uma raiva abrasadora lambe minhas veias. Eu sou uma bomba mal contida esperando para explodir. Eu tinha tirado meus olhos dela o tempo suficiente para Benny, o maldito psicótico roubá-la debaixo do meu nariz.

Meus pulmões queimam, minhas costelas se esmagam, e eu não consigo respirar. Suor frio passa ao longo de cada centímetro da minha pele como se o próprio ceifador estivesse passando por mim. Eu vou morrer se ele a machucar.

Ele vai pagar por machucá-la.

— Estamos gastando preciosos segundos argumentando sobre isso, chefe. Eu poderia estar lá fazendo meu maldito trabalho. — eu cuspo com os dentes cerrados.

Ele sacode a cabeça em frustração, sua pele assumindo a cor vermelha brilhante quando ele está chateado. — Montamos uma força-tarefa. Discutimos as regras. Colocamos sobre o caso original. Combinamos com as evidências do apartamento dela e da casa da terapeuta ao lado. Você se recusou a descansar, então eu deixei você ficar. — ele me lembra com um murmúrio. — mas este é o seu trabalho e você está se desfazendo.

Eu estalo meu olhar para ele e rosno. — Me desfazendo? Você agora está brincando comigo, cara? Farei tudo o que estiver ao meu alcance para encontrá-la. Eu a amo!

Seus olhos apertam e tem esse brilho que ele tem quando está prestes a soltar os cachorros. — Você está fora do caso.

Eu me afasto como se ele tivesse me dado um soco. Minha boca se abre, meus olhos se arregalam.

— O quê?! — eu lamento.

— Eu disse que você está fora do caso, detetive. — ele diz em um tom firme. — Você está muito próximo. Muito envolvido. Francamente, é um conflito de interesses. Marcus vai liderar a força-tarefa. Quero que você se concentre no recente homicídio que desembarcou na minha

mesa há uma hora. — ele atira uma pasta para mim, mas eu atiro-a da mesa com um rosnado.

— Você está louco se você acha que eu vou ficar trabalhando em qualquer outro caso. Eu sou o melhor para este caso, — eu digo. — O único que fará qualquer coisa para recuperá-la!

Seu rosto escurece em vários tons de vermelho e seus nós dos dedos ficam brancos enquanto ele aperta as mãos. — Você está muito chateado. Porque você está muito envolvido, você vai ignorar os procedimentos e protocolos, não vai tratar devidamente as evidências, e vai acabar fazendo com que todos os malditos coelhos saltem para fora da cartola. Fora. Do. Caso.

— Stanton, você não pode...

— Olha. — ele interrompe, suas feições suavizando. — Eu vi a mesma coisa acontecer com Jade quando tudo isso começou. Ela não fez o seu trabalho corretamente e...

Meus olhos se apertam e eu solto um silvo de ar. — Você está dizendo que ela tem culpa do que aconteceu? Nós deixamos um guarda na casa dela! Não, Stanton, somos nós que falhamos com ela!

De pé abruptamente, ele aponta para a porta. — Você tem três segundos para sair daqui antes de eu arrancar seu crachá e te forçar a tirar licença.

Eu olho para ele.

— Um...

Minha mandíbula se aperta em fúria. Ele estava falando sério? O pulsar martela minha cabeça, ameaçando explodir sobre sua mesa.

— Dois...

À medida que ele abre a boca para proferir o 'três', eu saio da minha cadeira e vou para a porta. Antes de sair, me viro para enviar um olhar assassino a ele.

— É melhor você encontrá-la. — eu ameaço.

Se ele não fizer tudo o que está em seu poder para trazê-la de volta para nós - para mim - eu nunca vou perdô-lo, e ele vai pagar o preço da minha fúria. Ele não acreditou quando ela apontou o dedo para o seu passado e disse que Benny estava vindo buscá-la. Ela estava certa. Falhamos com ela.

Ele acena pra mim e senta em sua cadeira com um aborrecimento irritado. — Faça o seu trabalho e eu vou fazer o meu.

Foda-se ele.

* * *

— Você tem exatamente cinco minutos para me informar sobre qualquer pista. — eu rosno para Marcus. — Eu tenho merdas para fazer.

Ele olha de suas pilhas de papel pra mim com um olhar sombrio. — Achei que você está fora do caso.

— Achei que você fosse meu amigo. Todo mundo tem fumado por aqui? Você realmente espera que eu fique de braços cruzados? — eu atiro de volta.

Um suspiro escapa dele e ele acena com a cabeça. — Bem. Sente-se e mantenha a boca fechada para que Stanton não tenha a minha bunda também. Quero que fique calmo quando eu disser isso.

Calma não é algo que eu voltarei a sentir até que ela volte para os meus braços e esse filho da puta esteja morto.

Eu caio na cadeira em frente a ele e levanto minhas sobrancelhas. — Desembucha.

— Ok, primeiro, quero que você saiba que muitas pessoas estão sentindo essa perda, Dillon.

Perda?

Minha alma grita de dor, quebrando todas as minhas terminações nervosas e deixando uma dor crua correndo pelo meu corpo.

Por que ele diz isso como se ela estivesse morta? Ela está viva. Eu posso sentir isso. Meu coração ainda bate, então o dela deve bater.

— Ela era uma de nós. — ele continua. — então todo mundo queria estar na equipe. — ele faz uma careta. Nós vimos uma centena, mil cenas de crime, mas esta estará com todos nós. Alguma evidência foi extraviada.

Raiva incha dentro de mim. — O que diabos isso significa?

— Há alguma evidência extraviada, mas estamos confiantes de que vai aparecer, então não fique louco comigo.

Infelizmente, evidências extraviadas acontecem, mas isso não é bom o suficiente. É um erro que não deve acontecer e tira os bandidos do gancho. — Fodidamente ridículo. — eu rosno. — Me mostre o que temos.

Ele atira uma pasta para mim. — Terapia na casa de Judy Morrison. Ela era vizinha de Jade e Jade era uma paciente também. Olhamos na agenda e no computador de Morrison. As sessões de Jade com ela tinham sido breves. Não há nada de interessante, apenas Jade falando sobre seu namorado na época, Bo Adams, não compreendendo sua necessidade de procurar pela sua irmã. — esfregando seu nariz, ele balança a cabeça e aponta sua caneta para outro nome no arquivo. — Mas nas últimas semanas, Morrison começou a ver Macy Dahl. Não havia muito nos arquivos de Macy, mas determinamos que o nome é falso. O DNA obtido da cena liga Macy Phillips, irmã mais nova de Jade, à cena do crime. Como você disse, ela está definitivamente envolvida. Não saberemos como estava envolvida até que o corpo tenha sido examinado.

Eu lhe dou um aceno de cabeça, dizendo a ele para continuar.

— Mas nada sobre esse ‘Benny’. Nenhum DNA. Nada fibras capilares. Sem sangue. O autor do crime é bom.

— E o sobrenome que Macy usou?

— Nada.

Eu gemo, correndo meus dedos através do meu cabelo escuro desarrumado que é algo desagradável neste momento, e então bato no papel. — Algo mais?

— Nada. Só podemos verificar que os agressores usaram a terapeuta para ficar perto de Jade até que chegou a hora de sequestrá-la. — diz ele, coçando a mandíbula. — Mas nós encontramos algo incomum na cama de Jade.

Eu travo, meu intestino apertando junto com meus punhos. — Benny? Me diga que você tem alguma coisa daquele filho da puta.

Por favor, não deixe que seja qualquer coisa que significa que ele a machucou.

Seus lábios pressionam em uma linha firme. — Não exatamente. O laboratório me disse que a fibra que puxamos do travesseiro é de fato humana. Originalmente, por causa do pedaço de rede que foi anexado, achamos que era cabelo de boneca sintética. Eu queria que o laboratório trabalhasse junto com os fabricantes de boneca para ver se conseguíamos restringir de onde ele poderia ter se originado.

— Vá em frente. — eu peço.

Círculos escuros começaram a se formar sob seus olhos. Estamos todos estressados ao máximo por ter um dos nossos sequestrados. Perdemos também Littleton, o cara estava simplesmente protegendo Jade. Seu corpo havia sido encontrado na banheira da terapeuta com a garganta cortada. Todo mundo está sentindo isso como um ataque pessoal no recinto, e para mim, é dez vezes maior. Estou fodido por ter perdido a única pessoa aqui que eu amo.

— É cabelo humano. — Marcus afirma. — Não é de Macy. Não é de Jade. Não é nem do elusivo ‘Benny’.

— Temos outro agressor em potencial envolvido? — eu exijo.

Ele balança a cabeça e atira outro arquivo para mim. — Vítima. Destiny Roberts. Dezesseis anos de idade. O cabelo pertence a ela.

Eu olho para ele. — Ok...

— Nós encontramos os restos dela anos atrás em um campo.

Bolhas de raiva se formam dentro de mim. — Você quer me dizer...

— Temos razões para acreditar que esse ‘Benny’, e talvez sua cúmplice, Macy, continuam sendo nossos únicos suspeitos reais neste momento, eles têm usado cabelo humano para fazer essas perucas de bonecas. — ele afirma em um gemido.

Pisco rapidamente enquanto minha mente percorre os arquivos que Jade e eu despejamos contendo informações sobre não apenas seu passado, mas também sobre casos de outras meninas desaparecidas e homicídios ao longo dos anos. — Jade chegou perto. Ela estava procurando por fabricantes de perucas. O problema era que, eles faziam suas próprias perucas. Com cabelo humano de suas vítimas. Porra.

— E é por isso. — ele gira em sua cadeira e bate em seu computador. — Eu tenho várias unidades, junto com alguns técnicos de laboratório, indo até a loja de bonecas onde o homicídio ocorreu para comparar as fibras do cabelo enquanto falamos.

Minha mente trabalha com esta nova informação.

— Eu procurei perucas de boneca de cabelo humano. — ele geme. — E tem uma porrada de coisa. Eu achei que apenas perucas reais eram feitas de cabelo humano. Acontece que, algumas pessoas levam realmente a sério quando se trata de suas bonecas. Elas querem o negócio real. A dificuldade é que a maioria destes colecionadores dedicados acham que vem de cabelo doado. Não de fodidos cadáveres. Jesus.

O donut que eu comi mais cedo para me dar um pouco de energia quase volta pela minha garganta. — Essas perucas são caras?

Caro geralmente significa exclusivo. Estreitando o campo.

— Muito. O preço da boneca normalmente triplica, e em alguns casos, pode ser até cinco vezes o preço de uma boneca normal. — ele bate na tela. — E sorte para nós, apenas três sites oferecem essas bonecas caras. Nós temos a equipe forense de computadores vasculhando para ver se eles podem dissecar qualquer coisa útil, como endereços IP ou físicos.

— Imprima essa lista para mim. — eu belisco a ponte do meu nariz e solto um suspiro. — Isto é mais do que Jade conseguiu.

Ele balança a cabeça e me dá um sorriso de apoio. — Estamos fazendo tudo que podemos para encontrá-la. Sentimos a perda dela e faremos tudo o que for preciso para recuperá-la. — com um aceno, ele aponta para a porta.

— Você não tem um caso de ‘homicídio’ para investigar? Davis já está na cena com Jacobs. Você *pode* querer ir pra lá.

Ou eu não *posso*...

Marcus está me dando um fora. Seus olhos piscam com camaradagem. Eu posso confiar nele para me manter informado enquanto também está fazendo o seu melhor para encontrar Jade.

— Sobre ele. Eu quero ser notificado sobre qualquer coisa, qualquer maldita coisa que pertencer a este caso. Stanton não precisa saber de merda nenhuma. — eu rosno. — Estamos ok?

Ele balança a cabeça e solta a gravata. — Ok, entendido.

Eu levanto da minha cadeira e vou em direção à porta. Quando estou quase fora, ele me diz.

— Vamos trazê-la de volta, Dillon.

Eu inclino minha cabeça uma vez. — Você pode apostar sua bunda que nós vamos.

Um suspiro me escapa quando pego a lista da impressora e fecho a porta.

A outra alternativa não é algo que eu estou disposto a aceitar.

Capítulo seis

Meia noite

JADE

— Posso tocar a canção? — Macy pergunta enquanto ela segura a caixa de jóias em suas mãos pequenas. — Por favor?

Eu olho para cima do meu livro de ciências e franzo o cenho. — A última vez que você girou a corda muitas vezes papai teve que desmontá-lo para consertá-lo.

Seu lábio inferior balança e a culpa escorre através de mim.

— Ugh. — eu gemo, jogando meu livro na cama. — Gire três vezes. Se começar a sentir apertado, não gire mais o botão.

Ela me olha e lentamente gira o pequeno mostrador de metal. Seus olhos cintilantes se encontram com os meus enquanto ela coloca a caixa no colchão entre nossas duas camas. — Pronto?

— Pronto.

Ela levanta a tampa e a doce música começa a tocar. A bailarina pequena no tecido rosa pálido gira junto com a canção. Minha irmã sorri o tempo inteiro que toca.

Eu desperto e juro que a música continua a tocar fora do meu sonho. Assim que eu olho ao redor, eu percebo que o sonho era mais preferível a este pesadelo.

Algo atravessa as barras da minha cela e flutua no chão. Com as pernas fracas e trêmulas, caminho até o envelope. Ela foi enviada para: Bonequinha Suja.

Franzindo o cenho, eu a rasgo e leio a carta escrita em lápis rosa.

Bonequinha Suja,

Você é convidada para uma festa do chá.

Vista-se bem e não se atrase!

XOXO,

Bonequinha Quebrada

Eu ainda estou boquiaberta com a carta escrita de um jeito tão infantil quando o material azul claro é empurrado através das barras. Um vestido de babados cai ao chão.

— A festa do chá começa em dez minutos. — a voz de Macy sussurra do outro lado. — Os convidados já estão chegando.

A esperança explode em meu peito. Se ela me deixar sair, eu posso tirar os três daqui. Eu não vi nem ouvi falar de Benny desde ontem à noite. Esta poderia ser a nossa chance de escapar.

Eu rapidamente atiro o material sobre a minha cabeça. O vestido se encaixa quase perfeitamente. Há um decote grande que revela meu colo. Uma saia rodada que cai sobre a coxa. As mangas são longas e cobrem meus braços até meus pulsos. Alguém gastou um tempo costurando rendas nele.

— Macy. — eu sussurro, com cuidado para manter minha voz baixa no caso de Benny estar por perto. — Abra a porta, se puder. Vou nos tirar daqui.

— Ok. — ela murmura.

A porta se abre. Eu passo pela abertura e coloco minha cabeça para fora, olhando para a porta que sai deste inferno. Quando eu viro a cabeça na outra direção, vejo Macy de pé em um belo vestido rosa. Ela pisca para mim quando empurra um pano branco no meu rosto e tudo fica preto.

A mesma melodia da caixa de música me acorda. Só que desta vez está mais alto. Eu tento abrir meus olhos, mas eles resistem, doloridos com ardência. Lágrimas enchem meus olhos e caem pelos cantos quando eu pisco e vejo o quarto enquanto minhas lágrimas descem. Estou cercada de rosa. Paredes pintadas de rosa. Bichos de pelúcia rosa. Manta rosa em uma cama pequena. Tudo neste quarto grita menininha.

Meus pulsos pulsam com uma dor maçante. Eu tento trazê-los à vista, mas eles estão presos, imóveis. É então que eu percebo que estou sentada e amarrada a uma cadeira em uma pequena mesa dentro deste

quarto. A mesa foi arrumada com xícara de chá e pires de vidro. Pequenos biscoitos estão empilhados.

Três lugares.

Meus olhos se viram para a esquerda e eu fico horrorizada e aliviada ao ver Bo sentado lá. Ele está usando um par de cuecas brancas e uma gravata preta em volta do pescoço. Seus lábios ainda estão costurados, o que faz meu estômago apertar. Bile rasteja até minha garganta, mas eu rapidamente a engulo. Seus olhos estão fechados, mas ele está respirando. Os cortes que Benny infligira, fecharam.

Ele está bem.

Graças a Deus ele está bem.

— Bo. — assobio, lágrimas queimando meus olhos. Eu os pisco para que eu possa me concentrar. — Bo, acorde.

Seus olhos se abrem lentamente. O alívio se apodera dele quando ele me vê antes do terror brilhar em seus olhos como uma chama selvagem. Um gemido horrorizado sai em sua garganta.

— Shhh. — eu lhe digo em um tom suave para acalmá-lo. — Eu vou tirar você daqui. Eu sinto muito.

Ele balança a cabeça e sua garganta se agita quando ele engole.

Eu viro meu pescoço para olhar atrás de mim. Benny e Macy estão longe de ser encontrados. A música para e o pânico rasteja até minha espinha.

— Oh, olha. — Macy diz, sua voz chia como uma criança pequena, — meus convidados chegaram.

Entrando em minha linha de visão, vestindo meias brancas até o joelho e babados e um par de sapatos de couro preto impecáveis, ela se vira para mim. Seu vestido cor-de-rosa se assenta em volta da cintura e os cabelos escuros foram puxados em duas tranças.

— Você gosta do meu lindo vestido? — ela pergunta enquanto gira ao redor em um círculo, guinchando como uma criança. — Benjamin fez para mim.

Eu engulo as palavras congeladas em minha garganta.

Suas bochechas foram pintadas de cor de rosa brilhante e ela está usando cílios longos e falsos. Quando ela olha para Bo, ela os bate em rápida sucessão.

— Bonequinha Suja. — ela diz docemente, como se para apresentar seus convidados um para o outro. — este é Bonequinho Estúpido. Ele é meu bonequinho favorito.

Eu balanço a cabeça para ela. Minha irmã está perdida. — Macy. — eu engasgo. — Me escute. Você precisa nos deixar sair daqui.

Seus lábios se juntam em um beicinho. — Mas a festa acabou de começar.

Me ignorando, ela se põe a derramar um pouco de chá quente em três xícaras, em seguida, acrescenta creme e açúcar em cada uma delas. Uma vez que ela termina, ela se senta e me olha.

— Não é um dia lindo? — ela pergunta, seus olhos cintilando com travessura. — Um lindo dia para brincar com minhas bonequinhas.

Suspiros em bufos vêm de Bo quando ele começa a respirar pesado. Seu peito sobe e desce rapidamente enquanto ele ofega por ar. Ele está ficando mais pálido, se isso é possível. Merda, ele vai desmaiar se ele não parar de hiperventilar.

— Calma. — eu imploro para ele.

Macy puxa sua xícara de chá para os lábios e bebe. — Este chá está delicioso.

Eu tento acalmar o aumento da histeria dentro do meu peito. Eu não entendo como ela está sentada lá como se tudo isso fosse normal.

Isto. Não. É. Normal.

— Eu poderia provar. — digo a ela, minha voz trêmula de nervoso, — mas você precisaria me desamarrar primeiro.

Suas sobrancelhas sulcam. — Eu não tenho certeza se posso confiar em você para não arruinar a festa. — ela se inclina para frente e agarra minha xícara. — Aqui, eu vou te ajudar. — meu estômago está ferido, mas eu aceito o líquido quente de qualquer maneira.

— Talvez você devesse deixar Bo provar também. — eu sugiro e espero que soe com um tom calmo.

— Benjamin me disse para manter o Bonequinho Estúpido em silêncio. — ela diz pensativamente. — Se eu soltar os fios, ele pode gritar e perturbar o nosso Benjamin.

Ele *não* é meu Benjamin.

Eu atiro meu olhar para Bo, implorando para que ele vá junto com a dança. Compreendendo as cintilações em seu olhar.

— Macy. — eu digo rapidamente, meus olhos encontrando os dela de novo. — Bo ficará quieto. Este pode ser o nosso pequeno segredo.

Seus olhos piscam com uma brincadeira que eu recordo de quando éramos crianças. Quando ela se esgueirava para a cozinha e pegava dois biscoitos do pote quando mamãe não estava olhando. *Era o nosso pequeno segredo*, ela me dizia quando ela me entregava o outro.

Ela se levanta da cadeira e caminha para fora da minha visão. Quando ela retorna com uma tesoura afiada, estou aliviada e preocupada. Segurando a respiração, observo seus movimentos.

— Benjamin diz que estou quebrada. — ela canta enquanto fica sobre Bo, alisando seu cabelo emaranhado para o lado. — Mas quebrada pode ser bonito também. Bonequinho Estúpido está quebrado e eu o amo. Ele é meu favorito.

Os olhos dele se arregalam de terror.

— Muito bonito. — eu concordo com ela, dando a ele um ligeiro movimento de cabeça para que ele relaxe.

Ela para entre suas pernas entreabertas ainda amarradas a cadeira e se curva. Cuidadosamente, ela começa a cortar o fio ao longo da costura de seus lábios e meu coração para de bater no meu peito enquanto eu a observo. Quando ela termina, ela se senta e observa seu trabalho. Ele abre a boca e chupa uma respiração profunda de ar. Os fios estão pendurados nos buracos, o sangue pingando de sua boca.

— Bonzinho. — ela elogia, acariciando-o na cabeça antes de pegar a xícara de chá dele. Ele, assim como eu, bebe graciosamente o líquido oferecido.

— Macy, escute... — eu começo, mas ela me corta como uma tesoura.

— Você quer jogar um jogo?

Meu ritmo cardíaco se acelera e eu balanço a cabeça. — Não agora. Talvez quando chegarmos em casa. Você poderia me desamarrar e eu te levarei para casa comigo. Então vamos jogar qualquer jogo que você quiser.

Ela olha ao redor do quarto cor-de-rosa, um olhar de orgulho em seus olhos, antes de fixar seu olhar no meu. — Esta é minha casa, boba. — suas sobrancelhas se juntam quando ela balança a cabeça e ri. — Às vezes você diz coisas estúpidas e você não é a bonequinha estúpida. Você é a bonequinha suja!

— Macy-

— Hora de jogar o jogo, Bonequinha Suja. Benjamin não gosta dos meus jogos. Mas estas bonequinhas gostam. — ela murmura enquanto se ajoelha diante de Bo. — Não é?

— Não. — ele murmura. — Jade... — seus olhos estão frenéticos enquanto olham de um lado para o outro entre minha irmã e eu.

— Qual é o nome do jogo? — eu pergunto, tentando distraí-la.

Ela vira a cabeça para me olhar e depois inclina um pouco para o lado. Seus olhos se tornam dilatados e distantes. — Boneca boa ou Boneca má.

Bo geme quando ela aponta sua cabeça para ele.

— Você é um boneco bom ou mau? — ela pergunta, apontando a tesoura para ele de forma acusatória.

— Bom. — ele diz rapidamente, um leve tremor em sua voz.

Ela levanta uma sobrancelha para ele. — Veremos...

Meus olhos estão arregalados, atordoados demais para fazer qualquer coisa além de olhar fixamente enquanto eu a vejo arrastar as tesouras ao longo de seu pênis flácido escondido atrás de sua cueca. Seu corpo inteiro treme, o rosto dele desmoronando enquanto sacode a cabeça, não. Um som parecido com o de um animal preso se queixando.

— Bonequinhos bons ficam duros. — ela murmura.

Ele fecha os olhos e aperta a mandíbula.

— Macy... — eu suspiro.

Ela vira a cabeça para mim, seus olhos praticamente brilhando de fúria. — Você será uma bonequinha silenciosa ou este sofrerá.

Lágrimas vêm em meus olhos e eu solto um soluço sufocado. Ma...

O grito de Bo é tão alto que seu nome morre em meus lábios. A tesoura é empurrada cerca de uma polegada de profundidade em sua coxa direita. Vômito sobe em minha garganta enquanto o quarto gira em torno de mim.

Para onde foi a minha pequena Macy?

— Não aviso mais. — ela sibila para mim antes de voltar sua atenção para Bo.

Ela puxa a tesoura para fora da coxa dele e um grito sai de sua garganta. Eu olho para Macy quando ela põe sua língua para fora e lambe a tesoura, provando o sangue. Minha cabeça balança em descrença e eu recuo o mais longe possível na minha cadeira. Ela perdeu a porra da cabeça. Minha irmã precisa de ajuda.

— Fique quieto. — ela murmura para ele. — Eu não gostaria de acidentalmente cortar algo. Então você seria um boneco arruinado e eles não podem ficar aqui.

Um gemido baixo ecoa através dele enquanto ela corta cuidadosamente sua cueca. Uma vez que ela as rasgou de seu corpo, ela se levanta e aponta a tesoura para ele.

— Você não está duro. — sua voz é calma e objetiva.

— E-espere. — ele sussurra. — Me dê um segundo. — seus olhos se movem para os meus, suas bochechas listradas com lágrimas.

— Ela te deixa duro? — ela pergunta em voz alta, uma ligeira pontada de ciúme em sua voz. — Ela deixa *todos* duros! — ela grita, fazendo com que Bo e eu saltemos.

— N-não. — ele assegura, sua voz tremendo muito. — Ela era minha namorada, só isso. Temos um passado.

Ela bate no queixo como se estivesse ponderando suas palavras. — Você está certo. — então ela salta para mim, acenando as tesouras descontroladamente.

— Por favor, não me machuque. — eu murmuro. — Eu te amo, Macy.

Minhas palavras parecem incomodá-la. Com um rolar de olhos, ela começa a cortar o tecido do meu vestido entre meus seios e em direção ao meu umbigo. Uma vez que ela corta, meus seios surgem.

— Pronto. — ela grita. — Agora, fique duro. Você tem o que quer, Bonequinho Estúpido.

Eu encontro o olhar dele e imploro para ele fazer o que ela quer. Ele fecha os olhos. O pobrezinho está tentando ter uma ereção apesar de toda a dor que está dentro dele.

— Oh. — Macy assovia. — Eu o vi balançar. Você é um bonequinho tão bom. — a voz dela é um ronrono enquanto ela retorna para ele. A mão dela aperta seu pênis semi-ereto e ela começa a acariciá-lo. Com cada movimento, ele endurece em sua mão. — Tão bom.

Os olhos dele se abrem e focam em mim. Eu tento manter minhas lágrimas nos olhos e o horror de minhas feições. Balançando a cabeça em encorajamento, imploro para que ele continue. Ela pode matá-lo se seu corpo não obedecer.

Ela olha para os olhos dele ainda fixos em mim e envia um olhar sombrio para mim antes de montar no colo dele. Eu fico horrorizada quando ela empurra seu vestido até as coxas. Minha irmã está nua por baixo. Bo solta um gemido quando ela se abaixa sobre seu pênis. Os olhos dele se fecham e ele sacode a cabeça.

Eu quero gritar com ela, dizer a ela que o que ela está fazendo é estupro, mas estou com medo de pronunciar uma palavra por medo de algo mais acontecer com ele.

— Você se lembra como nós jogamos este jogo? — ela pergunta, seus lábios raspando sobre o sangue dele.

Ele balança a cabeça. — Sim, bonequinha.

Oh, Jesus. Eles já jogaram este jogo antes.

Um forte gemido escapa dela. — Oh, Benjamin. — ela murmura. — Você é tão bom para mim. Me ame.

Eu estou chocada, as correntes me prendendo me deixando quase entorpecida.

Seus movimentos se tornam mais rápidos enquanto ela fode Bo enquanto ele está amarrado à cadeira. Com cada salto, o fôlego dele se

torna mais áspero e duro. Eu conheço o olhar em seus olhos quando ele está prestes a gozar. Ele mantém seu olhar fixo no meu. Continuo a balançar a cabeça, assegurando a ele que está tudo bem.

Nada sobre isso está bem.

Mas Bo tem que jogar junto ou eu não tenho certeza do que vai acontecer com ele.

— Diga. — ela diz, sua cabeça inclinada para trás em prazer.

— Eu te amo, Bonequinha.

Ela solta a tesoura no chão para que ela possa se tocar enquanto ela o fode. Em poucos segundos, ela está gozando com um grito e é o nome de Benny em seus lábios. O rosto de Bo fica vermelho. Todos os músculos de seu peito tensos, seus olhos apertados, e então ele relaxa quando alcança seu próprio orgasmo. Assim que ele termina, seus olhos abrem e encontram os meus, repulsa e ódio brilhando.

Minha irmã fez isso com ele.

— Eu também te amo, Benjamin. — ela sussurra, deixando cair um suave beijo em seu nariz.

Ela desliza dele e seu pau está encharcado com seus sucos. Eu gaguejo, começando a vomitar o chá que ela me deu momentos antes, o que leva Macy a um ataque de risos.

— O que aconteceu com você? — eu sufoco. — Você é doente. Isso é estupro!

Seus olhos apertam e ela balança a cabeça novamente enquanto bate em seu lábio inferior com a ponta do dedo. — Benjamin diz que não somos pervertidos se amamos nossas bonequinhas e elas estão na idade. Que nossas bonecas gostam de jogar nossos jogos.

Ela pega a tesoura e olha para mim antes de jogar todos os pratos da mesa no chão. Um grito horrível sai dela e eu tremo de medo. Como algo que saiu de um pesadelo perverso, ela sobe na mesa para chegar até mim e sibila em meu rosto, a ponto da tesoura ser empurrada contra a minha garganta.

— Você gostou dos jogos que Benjamin jogou com você. — ela acusa. — Eu ouvia seus gemidos todas as noites. Nós não somos pervertidas porque você gostou. Ele gozou dentro de você como todos os

meus bonecos gozam dentro de mim porque eles nos amam. Eles gostam disso.

Todos os bonecos?

— Quantos bonecos você já teve? — eu grito.

Ela sorri. — Você quer saber? Talvez eu devesse deixar vocês dois foderem. Faço com que todos os meus bonequinhos amem minhas bonequinhas feias. — ela sorri. — Ele sentia tanto sua falta. Andava à noite, pronunciando seu nome. Ele nunca me amou como ele ama você. — ela medita em um estado estóico antes de sair de seu transe e apontar as tesouras para mim novamente.

— Macy, você não precisa que ele te ame. Eu te amo. — asseguro a ela.

Um grunhido enojado torce seus lábios e a cicatriz de tantos anos atrás força sua bochecha. — Você me deixou. Mamãe e papai não se importaram que eu tivesse ido embora. Eles estavam felizes por ter sua bonequinha suja em casa.

A lâmina apontada cutuca minha carne.

— O que diabos você está fazendo? — uma voz profunda soa de sua porta.

Macy grita e se afasta de mim. Movo meus olhos para encontrar o olhar assassino de Benny. Pela primeira vez, estou feliz por vê-lo aqui.

— Vá para a cama. — ele troveja enquanto tira o cinto.

Ela abaixa a cabeça e obedece. Lágrimas fluem pelas minhas bochechas enquanto eu o vejo chicotear seu traseiro com o cinto de couro.

Whap!

Whap!

Whap!

— Bonequinha má. — ele rosna enquanto desencadeia sua fúria. Ela não será capaz de se sentar sem dor por uma semana.

— Por favor, pare. — eu imploro.

Os olhos dela encontram os meus e se arregalam de ódio. Quem é essa garota?

Uma vez que ele termina de chicoteá-la, ele se vira para me olhar com olhos suaves antes de estalar seu olhar para Macy. — Por que ela está assim? — a mão dele gesticula para o meu vestido rasgado.

Macy encolhe os ombros.

Os olhos dele passam de mim para Bo, cujo pênis está flácido, mas ainda a mostra. — Você jogou seus jogos com minha bonequinha suja? — ele assobia, seu corpo inteiro tremendo de raiva.

— Ela não é sua, porra. — Bo estala.

Meu suspiro é audível, assim como o cacarejo de Macy.

— Bonequinho estúpido mau. — ela canta. Sua surra de cinta de momentos atrás é uma memória desbotada agora enquanto ela sibila de sua cama para Bo. — Shhh, bonequinho estúpido.

O corpo de Benny ondula e se estica enquanto ele marcha até Bo e começa a arrastar a cadeira a qual ele está amarrado para fora do quarto. A cabeça de Bo balança de um lado para o outro enquanto ele olha para onde está sendo levado.

— Não o machuque! — grito, mas sua fúria só se acende mais. Seus olhos me atravessam com raiva, me fazendo murchar por dentro.

Ele está tão furioso.

Quando ele volta para mim, aponta o dedo para Macy. — Eu não terminei com você. — ele adverte. Ela concorda com a cabeça e vai para debaixo do edredom antes de fechar os olhos para dormir.

Depois de cortar minhas amarras com a tesoura descartada de Macy, ele empurra o ponto afiado para minha garganta. — Levante-se e não faça nada estúpido. Quero dizer. Cortar o pescoço de Bo nunca me pareceu mais atraente do que agora.

Ele respira como fogo em meu ouvido. Seu corpo empurra contra minhas costas. Quente e tenso. Um braço envolve meu estômago, prendendo meu corpo ao dele.

A tesoura me lembra por que eu tenho que jogar com a necessidade de Benny por mim ao invés de provocar seu monstro. O rosto ferido de Bo, quando eu sou conduzida da cela de Macy de volta a minha, me assombra.

Sua cadeira está de frente para a minha cela e ele está puxando as amarras dele, sem sucesso. — O que você quer conosco. — Bo grita. Sua mente está começando a quebrar.

— Está tudo bem, Bo. — eu sussurro, não querendo que ele ganhe a atenção de Benny.

— Se você disser o nome dele outra vez, vou costurar *sua* boca. — Benny troveja quando ele me empurra para a minha cela. Eu tropeço para frente, e ele me pega antes de cair ao chão.

Cretino.

Girando, eu engulo seco enquanto Benny se move em minha direção, fechando a porta atrás dele. Suas bochechas estão vermelhas e esse tique está presente em sua mandíbula enquanto ele aperta os punhos. Eu vou ser punida.

— Você me deixou por isso. — ele grita. Descrença colore seus olhos. — Ele não é nada. Ele estava fodendo uma puta! — ele caminha em minha direção. — Me dizendo, na minha casa, que você não é minha.

— Benjamin. — eu engasgo.

Seus pés diminuem o espaço entre nós enquanto suas mãos estendem para mim e eu bloqueio seu avanço com um golpe. Seus olhos se arregalam e meu corpo entra em uma posição de luta. Não posso aceitar um castigo. Sobreviver a ele vai levar cada pedaço de força que eu tenho. Arrastando os olhos sobre a minha forma, ele dá uma risada, me assustando.

— Você acha que pode lutar comigo? — ele avança novamente. Eu me afasto de seu alcance e atiro um soco. Eu me recuso a apanhar sem lutar. Eu devo isso a Dillon e a mim mesma.

Sua cabeça chicoteia para o lado do meu impacto e, em seguida, lentamente se endireita para me olhar. Com as pontas de seus dedos, ele limpa o sangue escorrendo pelo canto da sua boca. Um sorriso ilumina seu rosto e ele quase parece bonito em sua loucura.

Pisando no seu pé direito, ele me agarra com a mão esquerda enquanto eu bloqueio com meu braço direito e levanto a perna para chutá-lo em sua coxa, tentando fazê-lo perder o equilíbrio. Sai pela culatra. Suas pernas são como tanques, sólidas e mais prejudiciais do que tudo. Minha canela se inflama quando uma dor intensa e aguda explode. Seu braço se envolve em torno da minha perna esticada antes

de eu ter uma chance de retrain e meu estômago. Chutando com sua outra perna, ele me bate por baixo e eu desmorono no chão com um baque doentio. A dor estala acima da minha espinha, mas eu consigo manter minha cabeça para cima antes de bater no chão.

Se inclinando sobre mim, ele rasga os restos do vestido que Macy insistiu que eu usasse. Golpeio seus braços, mas isso só o faz ganhar força em seu aperto, que fica mais firme e áspero.

Deitada nua no chão, tento ganhar a compostura enquanto meus olhos encontram os dele.

— Terminou? — ele pergunta com uma sobrancelha arqueada.

— Você costumava gostar de sua bonequinha suja lutadora. — eu conto, empurrando um sorriso falso em meus lábios.

— Eu senti sua falta. — sua raiva hesita e a ternura brinca com seus traços.

— Deixe ela em paz, seu bastardo doente! — Bo grita atrás da porta da minha cela.

Meus olhos se fecham.

Por que Bo?

— Filho da puta. — Benny rosna, se levantando de sua posição agachada sobre mim.

— Eu sou sua, Benjamin. — eu solto rapidamente.

Seus pés tropeçam e ele para seus avanços em direção à porta da cela, se virando para olhar para mim.

— Deixe ele em paz e fique aqui comigo. — eu imploro.

Eu o observo com um olhar esperançoso enquanto seus olhos se estreitam. Ele está contemplando minhas palavras. Com um movimento rápido, ele me pega, agarra meu braço, e me levanta. Meu corpo dói por toda parte, mas não é nada comparado ao que eu sofri muitas vezes.

— Por que você deixa Macy fazer isso com suas bonequinhas? — eu pergunto a ele, tentando tirar aquele olhar cheio de luxúria de seus olhos enquanto ele estuda meu corpo.

— Ela também tem necessidades. — ele me diz em um tom de verdade, um sorriso afetado em suas feições. A lutadora em mim quer socá-lo na cara novamente. — Falando de necessidades. — sua língua

lambe seus lábios de um jeito obsceno enquanto ele se move mais perto de meu corpo. — Eu quero amar minha bonequinha. — ele murmura, seus olhos escurecendo de fome. — Eu senti tanto sua falta.

Sua mão cai sobre meu ombro e começa a descer sobre meu peito. Minha pele zumba com irritação, como se uma camada de sujeira cobrisse minha alma com cada golpe de seus dedos. Me sentindo imunda, usada e degradada faz com que meu coração se abrande. Eu não posso deixá-lo levar tudo o que Dillon me ensinou sobre mim mesma, sobre o que é real, e o que está esperando por mim.

A raiva se recusa a vacilar e o vazio que eu costumava sentir não está lá. Eu *não* vou deixá-lo me despir de mim mesma neste momento.

Quando sua mão alcança meu peito, ele circula o mamilo de uma maneira provocadora. Minha carne reage ao seu toque suave contra meus desejos, mas eu não me censuro por isso. Meu corpo vai reagir ao dele, e está tudo bem. Minha mente está com Dillon e ele não pode tocar nisso. É sagrado e não pode ser estuprado, espancado ou forçado.

— Benjamin. — eu sussurro. — Por favor, não me machuque.

Suas sobrancelhas se arqueiam. — Você sempre me faz te machucar.

— Eu me lembro de como ser boa. — eu prometo. — Olha, podemos apenas conversar?

Ele não responde, deixando sua mão rastejar para baixo. Uma vez que sua mão desliza abaixo do meu umbigo, eu suprimo um tremor. Sua descida ao lugar que eu mais tenho medo é inevitável.

Meus olhos se fecham e penso em Dillon. Seu sorriso quando eu o irritava sobre comer doces. O jeito que ele me prometeu todas as coisas que faríamos juntos. Como o que tínhamos era especial e diferente.

Um soluço implora para sair, mas o engulo.

Voltarei para você, Dillon.

Quando as mãos de Benny se abaixam sobre meu tronco e entre minhas coxas, arrepios ondulam através de meu corpo e uma lágrima escapa pelo canto do meu olho.

Dedos ásperos passam sobre minha buceta e eu penso em meu parceiro. Meu amigo. Meu amante. Penso na facilidade com que ele tirou prazer de mim. Como eu amei cada segundo de seus toques.

Lábios quentes estão em meu pescoço enquanto sua mão habilmente massageia meu clitóris. Se eu me concentrar, posso afastá-lo. Mesmo em algum lugar que eu não estou. Respondendo a alguém que não está aqui.

— Você é uma bonequinha boa. — ele elogia, seus dentes beliscando minha carne. — Você também sentiu minha falta.

Eu fecho meus olhos, tentando afastar sua voz. Minha mente cancela os sons, cheiros e atmosfera da minha prisão.

Eu o substituo por *ele*.

Dillon.

Poder, força e bondade e...

Meu corpo está me traindo. Ele sabe como manipulá-lo para dar-lhe a resposta que deseja. Só Benny pode me fazer me odiar tanto assim. Eu lutei contra meus próprios pensamentos, me levando à necessidade gananciosa de prazer carnal.

Tudo bem, Jade.

Está bem.

Ele empurra mais firme contra meu clitóris e minhas pernas ameaçam se curvar.

— Oh Deus! — meu corpo inteiro treme com um orgasmo que eu não queria. É intenso e quase força meus olhos a abrirem, mas eu não posso lidar com essa visão. Em vez disso, me apego ao que sei que me faz feliz.

Ao mesmo tempo, nada me fazia feliz.

Nesta prisão, sofri sozinha.

Mas Dillon nunca me deixará.

A ideia me faz relaxar. Com o relaxar dos meus músculos, as réplicas do meu orgasmo se apoderam de mim, e eu forço a culpa para fora da minha cabeça.

Preciso.

De um plano.

Que vai funcionar.

Vou deixar Benny pensar que ele me tem, que eu o quero e usar sua fraqueza contra ele.

Brigar com Benny com certeza nunca funcionou. Se provocarmos, só ganharemos mais castigo, Bo ou eu. Mas jogar em seu mundo? Isso é algo que eu posso fazer.

Quando eu forço meus olhos a abrirem, eu o vejo olhando para mim com admiração. Sua mão está imóvel, simplesmente descansando entre minhas coxas.

— Tá vendo bonequinha bonita? Tá vendo como eu posso ser bom para você? Ele pode ouvir o que eu faço com você. — seus olhos escuros estão derretidos. O amor brilha neles. Amor.

— Foi isso que você lembrou quando disse o nome dele? — Bo grita, desgosto escorrendo de sua voz.

Bo.

Vergonha me afoga, paralisando a minha alma. Lágrimas picam e queimam quando a desgraça da traição do meu corpo me faz querer morrer.

Me agarrando ao redor da garganta, Benny me puxa para a porta da minha cela.

Não.

A palavra gruda na minha língua quando uma névoa de mortificação nubla minha mente.

Ele empurra meu corpo, o estômago primeiro. Ignorando a picada contra a minha pele, minhas mãos seguram as barras para proteger o meu rosto de bater nelas.

Não.

Por favor, não.

Meus pensamentos se esforçam em uma solução para sair disto, mas é tarde demais.

Não.

Ele abre minhas coxas com um chute no meu tornozelo, que zumba de dor, mas não é nada comparado ao que está por vir.

— Por favor, não, Benny. — eu escorrego.

Porra.

Os olhos de Bo queimam em mim a partir da posição que Benny me colocou. Uma lágrima cai sobre minha bochecha.

Sinto muito, meus olhos gritam para Bo.

Ele não deveria ter que testemunhar isso.

— Não na frente dele. Por favor, me leve para a cama, — imploro, minhas palavras um grito sufocado. — Benny, por favor. — deslizo ainda mais.

— Eu disse a você sobre usar esse nome. — ele ferve, mas permanece parado atrás de mim. Sua respiração quente faz cócegas no meu ouvido. — O que ele quis dizer com o meu nome?

— Nada.

Eu sinto o calor de seu pau quando ele o libera de seu jeans, quente e grosso encostando na minha bunda, sua ereção proeminente.

— Por favor, não.

— Ele precisa saber a quem você pertence.

— Ele sabe. — asseguro a ele. — Ele sabe. Eu sou sua, Benjamin! — eu grito, mas não é suficiente. Sem aviso, ele se empurra dentro de mim e meu corpo tenta recuar diante da dor abrasadora. — Punição, bonequinha suja! — ele ruge, seus quadris se contraindo em mim com uma força brutal, sentindo como se me rasgasse pela metade. — Punição que você merece por me deixar por ele!

Dor ricocheteia em meu rosto, mas nenhuma dor pode ser mais poderosa e mais destrutiva do que a humilhação dentro de mim. Meu rosto bate nas barras mais e mais enquanto ele empurra para frente, quase me levantando do chão com a força de sua penetração.

Não!

Não!

Não!

Minha mente grita, mas apenas grunhidos e gemidos dolorosos se filtram de meus lábios. Bo está chorando, e eu quero chorar também. Por ele, por mim... por Dillon.

Terei a minha vingança antes que chegue a minha hora. Benny conhecerá minha punição.

Eu tento virar minha cabeça para encontrar seu olhar furioso, para amolecê-lo de qualquer maneira que eu puder, mas seus olhos estão cerrados, seu rosto esticando quando ele arruína seu corpo sujo no meu.

Seus dedos agarram em meus quadris e seu corpo em torno de mim, o suor em sua pele aderindo ao meu.

— Tá me sentindo dentro de você, bonequinha suja? — ele pergunta com um grunhido. — Reivindicando você? Retirando o que é meu? Você sente isso? Eu vou te foder com ele te olhando. A quem você pertence? — ele rosna.

Meus mamilos doem de esfregar contra o painel da porta e minha cabeça está latejando junto com tudo da cintura para baixo.

— Diga a quem você pertence. — ele insiste, mordendo a minha orelha. Seus dentes estouram a carne e um grito rompe meus lábios.

— Sou sua.

— Diga a ele! — ele ordena, avançando. O som de pele batendo na pele ecoa em torno das paredes do meu inferno.

Suas palmas agarram os lados da minha cabeça, apontando o meu rosto para fora da cela direto para Bo, que está encurvado para frente, sacudindo com soluços silenciosos.

— Eu sou dele. — meu rosto desmorona nas palavras e um grito alto e estrangulado rasga meu peito. — Arghhhhhhhh!

— Sim, grite, bonequinha suja. — suas mãos soltam minha cabeça e serpenteiam em torno da minha frente para apertar meus seios macios. — Você floresceu tanto desde que você se foi. Ele te tocou aqui? — ele pergunta, apertando mais forte e escovando a almofada de seu polegar sobre os botões sensíveis.

Perdida em humilhação, eu não o respondo. Não posso. Minha pele queima com culpa, desgosto, ódio.

Antes que eu possa entender suas intenções, ele solta meus seios e abre minha bunda. — Ele fodeu você aqui?

Não, não!

Movendo meu corpo para tentar se libertar de seu tormento não me leva a lugar nenhum. Seu tamanho é muito grande e ele não espera por uma resposta. Seu pênis sai da minha buceta, então ele empurra nos anéis apertados do meu ânus. O fogo pula através de mim enquanto ele força seu caminho para minha abertura.

O grito que me rasga é de outro mundo.

Minhas mãos se tornam brancas, se agarrando às barras da minha cela e minha respiração foge de mim, me deixando engasgando para respirar.

— Você está sangrando, bonequinha suja.

Ele puxa do meu corpo e eu tento ficar de pé, mas sem o seu peso empurrado contra o meu, minhas pernas se curvam e eu caio no chão.

Tomando uma respiração profunda, engulo a saliva inundando minha boca. Cada polegada de mim grita com dor. Pontos brancos dançam diante dos meus olhos e minhas pernas tremem incontrolavelmente.

Quando eu era criança, eu era apenas isso, uma criança. Eu sabia que o que acontecia comigo não era certo, que as coisas que ele faziam ao meu corpo eram erradas. Mas agora, já adulta, sendo forte, bem treinada, uma agente formada e ainda sim estar indefesa contra este tipo de violação é de destruir a alma. Se eu tivesse os meios, eu cortaria meus pulsos neste momento. Eu nunca me senti tão para baixo. Tão derrotada. O castigo final para ele seria que eu me matasse. Meus termos. Tirando a única coisa que ele parece se importar.

A imagem de Dillon, seu sorriso, cheiro e conforto me encobrem, protegendo, roubando esses pensamentos. Eu tenho que sobreviver a isso para voltar para ele. Me matar é muito egoísta e cruel com Dillon.

Eu me lembro que eu sou mais forte do que o que ele pode me quebrar. Que eu não pertenço a este lugar e isto é apenas um momento no tempo. Vou me libertar desse monstro e vou matá-lo para que ele nunca mais me machuque.

Algo faísca na cela, como raio e meu corpo sacode quando um líquido quente derrama sobre minha bunda.

A picada me faz chiar de dor.

— Me deixe limpá-la, bonequinha suja.

Eu não ligo para ele. Eu fico imóvel enquanto ele limpa a bagunça que ele fez em mim.

Eu o odeio.

Eu me odeio.

Eu odeio que eu não fui forte o suficiente para parar isso.

Capítulo sete

Graxa

BENNY

Ela vai ficar puta comigo por um tempo. Eu a machuquei e vê-la sangrar não foi tão agradável como uma vez poderia ter sido. Amá-la era tudo em que eu pensava. Estar dentro dela. Consumir tudo sobre ela, seu cheiro, seu gosto, sua alma, foi tudo que eu sonhei desde que ela me deixou.

Chegar em casa e encontrar sua cela vazia quase rasgou meu coração em meu peito. Um medo que eu nunca conheci antes entrou em meus ossos e cavou até a medula.

Ela me deixou.

Mas então ouvi sua voz vindo do quarto da bonequinha quebrada.

Essa bonequinha tem sido mais um problema ao longo dos anos, mas de uma forma estranha, eu gosto dela. Ela foi para Bonequinha Suja o que a primeira Bethany foi para mim e minha mente não podia permitir que eu a visse como eu via as outras. Mantê-la me manteve perto da minha bonequinha suja.

Me aproximar para vê-la com uma de suas festas de chá com minha bonequinha suja alimentou a raiva que vivia dentro do meu peito.

Ela sabe que é melhor não tocar no que é meu. Estou a ensinando por anos. Ela parece adorar ser castigada. Ela me ama e qualquer atenção minha é boa atenção em sua mente quebrada.

Seus avanços no passado me deixaram doente. Eu tive que trancá-la em seu quarto por dias em uma ocasião até que ela aprendeu que ela não era como sua irmã e não iria receber amor de mim.

O amor não era algo que eu achava que seria capaz de sentir depois de Bethany. Procurar a bonequinha perfeita se tornou uma

tarefa impossível até que ela caminhou até meu estande naquele dia. Jovem. Inocente. Pureza em seus olhos. Tudo me compeliu. Ela era jovem, mas muito jovem. Eu não era como meu pai. Um perverso. Eu gostava que minhas bonequinhas fossem uma mulher.

Mamãe estava errada sobre mim.

— Estou com frio. — minha preciosa bonequinha murmura do chão.

Seu corpo está tremendo. Eu fui muito duro com ela. Ela não tem estado comigo há tanto tempo, e o pau pequeno de Bo nem se compara com o meu. Seu corpo esqueceu como se ajustar ao meu, então ela sangrou.

Eu a seguro e ela fica de pé em meus braços. Quando a coloco no colchão, ela se aproxima da parede para escapar de mim.

Ela vai me amar novamente.

Ela está chateada, e está tudo bem.

No entanto, puni-la é uma obrigação, ela vai aprender.

Eu saio da cela para pegar um cobertor enquanto ela soluça silenciosamente. Quando eu subo na cama com ela, ela arrebatou o cobertor que eu dou, e eu a ajudo a cobrir seu corpo arrepiado de frio.

— O que você fez com minha irmã?

O silêncio paira pesado no ar antes dela rolar de costas para olhar para o teto.

— Eu ensinei a ela muitas coisas. Dei seus livros para ela ler para que pudesse adquirir conhecimento e se transformar em uma mulher, que era criança quando você abandonou.

— Eu vou me arrepender de tê-la deixado para o resto da minha vida. — ela funga.

Seu corpo se vira, me roçando.

— Eu perguntei se ela queria ir. — eu digo a ela. — Ela não quis.

Ela vira até estar de frente para mim. — Porque você fez isso com a mente dela. Você a transformou em uma porra tão louca quanto você.

Não deixando suas piadas raivosas me abalarem, eu sorrio. — Eu não sou louco, bonequinha suja. — eu levanto minhas sobrancelhas

para ela. — Concorde, eu não sou o que a maioria chamaria de normal, mas o normal é como a beleza, está tudo no olho do espectador, certo?

— Não, não mesmo, Benjamin.

Eu reprimo o riso. — Eu tenho problemas de raiva, mas tudo que eu sempre quis foi que minha própria bonequinha não fosse tirada de mim.

Meus pensamentos me levam de volta a Bethany.

— *Feliz aniversário. — mamãe aplaude, jogando confete no ar e observando maravilhada enquanto chove sobre minha cabeça.*

Seu sorriso se transforma em uma carranca e a sua testa enrugando em preocupação.

— *Limpe isso, Benny. Você sabe que eu odeio bagunça.*

— *Claro, mamãe. — eu estava acostumado com suas mudanças de humor agora e muitas vezes as ignorava.*

— *Você não vai acreditar no presente que temos para você! — ela bate palmas e gira no local antes de apontar de volta para o confete. — Limpe isso e depois venha para fora.*

Minha mente corre com possibilidades. Ela disse nós.

Fazia tanto tempo que não tínhamos outra pessoa por perto.

Passando pela porta da frente, meus olhos se encolhem da luz ardente do sol da manhã.

Eu tapo com a minha mão enquanto eu varro o quintal da frente. As árvores mantêm nossa casa obscura, assim nós nunca tivemos carros levantando poeira, mas hoje há um. Um carro preto grande com uma sirene na parte superior.

Meu pai sai do veículo com um largo sorriso. — Ei, garoto.

Eu não o tinha visto desde a noite em que ele jogou mamãe no chão lamacento, a única noite em que ele me levou com ele para pegar criminosos.

— *Não fique aí parecendo estúpido, venha aqui. — ele manda. Mamãe está ao lado dele, balançando a cabeça e balançando os dedos, gesticulando para eu ir com ele.*

O cheiro de lama seca e quente está presente no ar. Eu odeio esta época do ano. Tudo está muito quente, morrendo e seco.

— Seu pai trouxe sua irmã para casa.

Sorrindo para mim, ele inclina o queixo para a porta traseira de seu carro. Eu dou passos hesitantes na direção da traseira do carro, meus olhos escaneando os assentos. Vejo pequenos movimentos e meu coração corre no meu peito.

Cabelos escuros e olhos escuros encontram os meus através do vidro.

— Deixe ela sair agora. — mamãe me diz, mas eu não posso me mover.

E se ela correr?

Mamãe atirará nela como na última?

— Maldito seja, garoto. — papai bufa, me empurrando para fora do caminho e abrindo a porta. — Vamos, Bethany. — ele gesticula para ela, e depois de um longo momento, ela sai.

Ela é menor do que eu, mas eu tive um surto de crescimento durante os meses de verão e mamãe sempre me diz que eu sou grande para a minha idade.

— Feliz aniversário. — diz ele. — Agora, leve ela para dentro e mostre a ela qual é o quarto dela.

Um golpe na parte de trás da minha cabeça faz minhas pernas se moverem.

— Jesus Cristo! Você não lhe ensinou uma maldita coisa? — papai ladra para mamãe.

Ela assobia para ele. — Talvez se você não fosse um pervertido nojento, poderia ter ficado para ensiná-lo.

Um som repentino ressoa no ar, me fazendo virar para ver mamãe segurando sua bochecha e papai apontando o dedo em seu rosto.

— Eu não sei por que eu me preocupo com você, mulher. Ela é a última bonequinha, Patricia. Não quebre essa porque estou farto. Não haverá mais.

— Qual é o seu nome? — pergunto enquanto a conduzo para dentro da casa.

Ela me estuda por um segundo e pequenos dentes brancos aparecem, mordendo seu lábio inferior. Suas mãos agarradas a seus ombros, encolhendo-os.

— O nome dela é Bethany. — a voz de mamãe penetra em meus ouvidos e eu me assusto. Eu não a ouvi entrar.

— Qual é o seu nome? — pergunta novamente mamãe, e ela novamente dá de ombros.

Se lançando para frente, mamãe agarra o braço da menina e a leva pelo corredor até o quarto que pertencia à verdadeira Bethany.

Ela a joga para dentro e fecha a porta com força. Então, seu olhar encontra o meu quando ela aponta para a tranca no topo da porta. — Se você tocar nisso, você será punido. Você me entendeu?

Eu aceno com a cabeça que sim, mas não é suficiente. Ela bate em mim e me bate no rosto. Dói, mas mais como uma picada de abelha do que qualquer outra coisa.

— Use as palavras, Benny.

Eu engulo seco. — Sim, mamãe.

— Ótimo. Agora, venha para o sótão comigo. — ela diz em um tom muito mais calmo. — Eu tenho bonequinhos que precisam de seus cuidados.

Passamos aquela tarde fazendo bonequinhos bonitas, e quando caiu a noite, mamãe trouxe um bolo com o jantar.

— Podemos dar um pedaço para Bethany? — eu pergunto, e ela para de beber seu vinho.

— Bethany tem sido má, Benny.

Três dias se passam antes que ela destranque a porta e eu posso entrar para levar a ela um pouco de comida.

A menina está fraca e caída sobre a cama. Seu cabelo está bagunçado, e o vestido arruinado com sua própria urina. Mamãe vai ficar tão furiosa. Pego água e uma esponja, depois a ajudo a se limpar antes de lhe entregar um dos vestidos velhos de Bethany.

— Quantos anos você tem? — ela pergunta, sua voz nada mais do que um sussurro.

— Doze. Quantos anos você tem?

— Onze. — seus olhos continuam a correr para a porta fechada atrás de mim. — Há quanto tempo você está aqui?

Confusão faz com que minhas sobrancelhas se juntem. — Sempre. Eu moro aqui.

— Eu pensei que aquele homem fosse um policial. — ela estrangula.

— Ele é. — digo orgulhosamente.

Seus olhos escurecem. — Então por que estou aqui?

— Você é a bonequinha bonita da mamãe.

E ela era. Ela aprendeu a fazer o que lhe foi dito no começo, mas depois quebraria uma regra, ou mamãe teria um de seus maus humores e ela iria escolher e encontrar razões para punir sua bonequinha. Bethany logo se tornou parte da vida cotidiana. Ela foi autorizada a sair de seu quarto em ocasiões em que mamãe estava tendo um de seus dias hiper como eu os chamava. Ela ficava incrivelmente feliz e errática, dançando ao redor da casa e cozinhando deliciosos pratos.

Mas esses dias eram poucos e distantes uns dos outros. Encontrei conforto em Bethany. Ela entendeu como a mente turbulenta de minha mãe me causou um impacto. Eu a amava e não sabia que ela precisava de ajuda, não até que comecei a experimentar o mundo real sozinho. Minha mãe me ensinou e isso incluiu aprender a dirigir aos 14 anos. Aos quinze, ela me fez abastecer, dirigindo sozinho. No começo, era ótimo estar com outras pessoas, mas quanto mais eu estava ao redor dessas pessoas, mais eu notava como eu era diferente delas.

Meninos e meninas da minha idade eram arrogantes e infantis. Meninas sorriam muito docemente e usavam roupas muito reveladoras. Não eram bonequinhos bonitos. Eram bonequinhos feios, estragados e quebrados.

Voltando para casa um dia, eu encontrei mamãe chorando em sua cama. Ela estava tendo um dia depressivo e precisava dormir. Às vezes ela dormia durante dias durante o uso dos remédios ruins.

Volto ao meu quarto e pego os biscoitos que comprei na loja - os que Bethany gostava. Não lhes era permitido frequentemente, mas como nós estávamos mais velhos e eu tinha mais liberdade, furtivamente seus doces eram nosso segredo. Silenciosamente, eu desbloqueio a porta dela, escorrego pela abertura que eu criei, e fecho a porta atrás de mim. — Ei, — eu sussurro para a protuberância no edredom. — Eu tenho um deleite

para você. — eu a provoco, mostrando os biscoitos no ar para que ela pudesse cheirá-los.

Silêncio.

— Bethany?

Seu gemido faz com que eu solte a sacola no chão enquanto eu ando até a cama, arrancando as cobertas dela. Ela geme novamente. Sua pele está lisa com suor e ela está tão quente.

— O que você tem?

— Estou doente, Benjamin. — ela berra. Ela é a única pessoa que usa meu nome completo, e eu adoro isso.

Corro de seu quarto para pegar uma tigela e flanela, e volto para encontrá-la tirando seu vestido até que ela só está usando calcinha. Seu corpo se desenvolveu e eu não tenho certeza se eu deveria estar aqui com ela despida do jeito que ela está agora.

— Me ajude, Benjamin. — ela implora, e eu ando até ela. Quando eu esfrio sua pele com a água fria e flanela, eu ignoro sua nudez. — Deite comigo. — ela puxa minha camisa até que eu esteja ao lado dela, seu corpo enrolado no meu.

— Tudo dói, Benjamin. O que há de errado comigo?

Eu franzo o cenho para ela em preocupação. — Eu acho que você está gripada.

Seus olhos se fecham, e em pouco tempo, os meus também se fecham.

— Olhe para isso, seu pervertido nojento.

Eu desperto sendo cutucado. Meu coração dispara no meu peito.

Mamãe está de pé sobre mim, um dos velhos bastões de papai na mão. Embaraço cobre minhas bochechas e meu pênis está semiereto enquanto minha mamãe olha em mim.

— Você é como ele. — diz ela. — Um pervertido nojento.

— Não, mamãe! Isso aconteceu apenas de manhã. Não é nada. — eu tento convencê-la, mas ela não ouve.

— Ela atraiu você aqui. — sua voz é um assobio desagradável. — Olhe para ela. — então sua cabeça se vira para mim. — Pegue a corda.

— Não, por favor, não me faça fazer isso. — discutir com ela quando ela está assim, é inútil. — Ela está doente, mamãe.

— Pegue a corda, Benny. Agora.

— Benjamin? — Bethany sussurra em um estado sonolento.

Com as pernas bambas, eu rastejo para fora da cama e vou para o armário para pegar a corda.

— Ela não é para brincar, Benny, — repreende mamãe. — Você não pode amar minha bonequinha assim.

Bethany não resiste quando mamãe a empurra para sua barriga. Nós amarramos seus pulsos e pernas em cada extremidade dos postes da cama. Eu não quero machucá-la, ou vê-la se machucar.

Mamãe tenta forçar o bastão em minha mão. — Puna a bonequinha impertinente, Benny, — ela urge, mas eu não posso. O bastão cai no chão e nojo e irritação transformam as feições de mamãe. Ela não parece humana.

— Seu pequeno bastardo. Seu pai estava certo sobre você.

Erguendo o braço, ela balança o bastão e bate contra meu antebraço. Eu tenho quase 1,80 de altura e sou muito maior do que ela. Eu poderia detê-la e lutar, mas eu não faço.

Seu ataque é mais do que físico. Queimaduras aparecem através de minha pele como ácido e cicatrizes na alma.

Me marcando.

Me quebrando.

Ela então vira o bastão para uma Bethany imóvel e chorosa. Estar acostumada a seus espancamentos ao longo dos anos não diminuiu os efeitos que eles tinham em mim, especialmente toda vez que ela levantou uma mão para mim. Decepcionante saber que ela me deixou sentindo merecedor de seus castigos.

— Punição ensina você a fazer melhor da próxima vez, Benny. — ela me disse depois da primeira vez que ela teve de me punir.

E ela estava certa. Depois de estragar os lábios de sua bonequinha na primeira vez, ela perdeu a cabeça. Ela arrebatou a bonequinha e me bateu na cabeça com ela até que ficassem fragmentos espalhados ao

meu redor, meu sangue vermelho tingindo os detritos de porcelana pálida.

Da próxima vez, eu tomei cuidado extra para deixar a bonequinha bonita perfeita e não arruiná-la. Bonequinhas arruinadas eram inúteis.

Bonequinhas impertinentes precisavam ser punidas. Bethany e eu aprenderíamos a lição.

— Ninguém quer uma bonequinha suja, — murmura mamãe. — Você é uma bonequinha bonita.

Os gritos de Bethany me ensurdecem e afastam minhas defesas internas. Estou com nojo de ver isso. Mamãe é louca e me infecta, me quebrando e me remontando. O menino que só conheceu esta depravação se torna consumido por ela. Eu deixei que ela nos machucasse. Deveríamos ter sido bons.

— Seja uma boa menina, Bethany. — eu peço enquanto sigo mamãe de seu quarto, uma vez que ela finalmente termina com seu castigo.

Durante os próximos anos, meus sentimentos mudam e nublam minha mente como uma tempestade constantemente me balançando para frente e para trás.

Ela é minha irmã, mas meu corpo tem impulsos para o dela quando ela insiste que eu durma em sua cama com ela. Ela sabe o castigo se mamãe nos encontrar, como eu, mas eu, no entanto, me pego rastejando para seu quarto. Bethany cheira a baunilha. É o mesmo cheiro que a mamãe usa em suas bonequinhas, e eu nunca admitiria isto a nenhum deles, mas odeio isso. Apesar de trazer uma sensação de segurança, que sempre me rodeia, e eu absolutamente odeio isso.

* * *

— Eu gosto do cheiro das rosas, — bonequinha suja fala na cela escura.

Meu coração troveja em meu peito enquanto meus pensamentos passam do passado para o presente. Eu estava tão absorto em minha história que eu pensei que ela tinha adormecido ao meu lado.

— Por que rosas?

— Elas me fazem lembrar da minha mãe. Você sabe, aquela que você matou e amarrou como um boneco? — sua voz está cheia de desprezo. — Você roubou tudo de mim, Benjamin.

— Eu era um observador, não um participante, Bonequinha Suja. — eu murmuro. — Sua irmã tem muita raiva dentro dela.

— Por sua causa. — ela ferve, e eu vejo as rodas girando. Lágrimas queimam seus olhos ao saber que foi sua irmã e não eu que massacrei seus pais.

— Ou por que você a deixou. — eu digo quando eu sento na cama. — Agora, durma um pouco.

— Eu odeio o que você fez comigo. — ela murmura enquanto eu saio pela porta.

— Eu sei, mas você vai se acostumar a ser minha mais uma vez. Não vou perder você de novo.

Com um barulho alto, fecho a porta da cela. Quando eu me viro, eu encontro o Bonequinho Fodidamente Estúpido olhando para mim.

— Você não a perdeu. Ela fodidamente fugiu o mais longe que pôde de você, sua merda louca! Ela nunca te amará! Você a manteve por quatro malditos anos e ela ainda te odiava e fugiu. — ele grita. — Dói, eu sei, — ele acrescenta com desdém.

— Você não sabe nada. — eu rosno. Ele vai ter que morrer. Sua boca estava testando meu último fio de paciência.

— Oh, eu sei. É uma merda, né. Ela também me deixou. — ele brinca. — Você pegou o homem errado.

Eu congelo com suas palavras. — Do que você está falando? — eu me aproximo de seu espaço enquanto ele ri de maneira maníaca.

— Ela está fodendo com o parceiro dela. É com ele que ela está. Ela me deixou por ele.

— Você está mentindo.

Seu riso aumenta e seu suspiro envia um sopro de gelo através de meu corpo.

— Bo, não, por favor. — ela implora.

— Você acha isso engraçado? — eu pergunto a ele, e ele sorri para mim.

Idiota.

Eu pego o bisturi do balcão onde eu o deixei e o aproximo para um agitado Bo. Ele grunhe quando eu estendo a mão e seguro um punhado de seus cabelos. Com um puxão, inclino sua cabeça para trás. Seus olhos estreitam e ele respira duramente, gotículas espirram de suas narinas.

Fodido animal.

Pressionando em sua bochecha com a lâmina, eu a arrasto através da parte inferior de seu lábio até sua outra bochecha. A dor o faz chorar e tremer em seu assento. Minha bonequinha quase atravessa as grades, fungando por esse filho da puta.

Líquido vermelho derrama e goteja livremente.

— Rindo agora? Suponho que sim. — eu provoco.

Raiva borbulha e crepita através de minhas veias enquanto ela soluça por este desgraçado indigno.

— Eu te odeio! Eu odeio você! — ela grita. — Eu vou te matar! Não vou me curvar para você, Benny. Eu não vou mais ser sua bonequinha novamente.

Minha respiração engasga e meu coração se solidifica em meu peito quando seu rosto cai para frente nas barras. Um rio fino de sangue escorre a superfície de sua cabeça.

— Eu vou me matar! — ela ameaça.

Agarrando o bisturi, eu jogo a cabeça de Bo para trás e coloco a lâmina em sua garganta. — Pare com isso agora ou vou cortar a garganta dele. — meu rugido ecoa nas paredes.

Ela tropeça de volta, sacudindo sua cabecinha bonita.

Bonequinha linda.

Examinando sua ferida, suspiro de alívio. Há um corte, mas vai curar e não vai exigir pontos.

— Se você se machucar novamente, eu o mato. Você me entendeu?

Silêncio.

— Você me entendeu! — eu rujo, cortando a orelha de Bo. Ela sai com facilidade, e ele chora. É uma bagunça.

— Há muitas maneiras lentas de matar um homem, bonequinha suja, — digo a ela, jogando a orelha em direção à cela. Ela grita de novo e corre pela porta. — Eu sinto muito! Eu sinto muito! Por favor, não o machuque novamente.

Não é fácil visitar o passado, mas eu me abri para ela. Se ela entender o que me fez ser quem eu sou, ela poderia entender minhas necessidades e estar mais disposta a ficar aqui comigo. Mas agora, acho que ela tem mantido segredos de mim. Quem é esse homem a quem este bonequinho estúpido se refere?

— Você está fodendo com seu parceiro?

— Não, não, eu juro. Por favor, Benjamin, chega.

Minha besta ciumenta interior não pode deixar isso pra lá. Ela poderia estar mentindo para protegê-lo.

Ela o ama?

Ele a tocou?

Eu preciso saber.

Capítulo oito

Obsidiana

DILLON

Cada vez que eu pisco, minha sala de estar gira. O trovejar na minha cabeça se intensificou, quando uma enxaqueca ameaça me roubar da realidade. O meu telefone continua a tocar, mas são apenas pessoas preocupadas com o meu bem-estar, nada sobre Jade. Mamãe tentou várias vezes também, mas eu não posso lidar com ela ou Jasmine hoje.

Vinte e oito horas desde que Jade foi levada.

Vinte e oito horas desde que eu dormi ou comi qualquer coisa substancial.

Vinte e oito horas planejando como eu iria rasgar os membros de Benny, um por um.

Morrendo, lentamente em areia movediça e sem qualquer pista de como me salvar - é assim que eu estou sentindo, gorgolejando em desespero a cada segundo que ela não foi encontrada.

Tick.

Tick.

Tick.

Ainda estou examinando os arquivos que Jade havia coletado ao longo dos anos, enquanto fazia referência cruzadas a um Marcus quando a campainha toca, uma e outra vez, só intensificando minha dor de cabeça.

Com um grunhido, eu levanto do sofá e vou trovejando para a porta da frente. Eu não olho para o olho mágico antes abrir.

— Que merda? — eu rosno.

Dois pares de olhos se arregalam e o remorso surge instantaneamente através de mim.

— Tio Dill Pickle? — Jasmine pergunta, esfregando seu nariz sardentinho e bonito. — Você está bravo?

Eu solto um suspiro e balanço a cabeça enquanto eu os conduzo para dentro. — Não. Só cansado. Entre.

Escorregar do modo policial para o modo tio, geralmente é fácil para mim. Mas eu não estou no modo policial. Eu estou psicótico, perdendo a cabeça, modo de namorado.

Namorado.

É isso que eu era? Não. Porra, não, não era um título que poderia até mesmo rotular o que *estávamos* sendo.

Mamãe levanta uma sobancelha grisalha para mim em questionamento. Seus lábios enrugados estão franzidos juntos em irritação. Eu resmungo um pedido de desculpas quando ela passa. Quando cheiro a comida, meu estômago resmunga alto.

— Ligaram da estação procurando por você. Falei com aquele cara, Marky. Ele me disse que você precisava de alguns cuidados. — mamãe me diz enquanto ela desembulha na cozinha as sacolas com a comida.

Eu rolo meus olhos e faço uma nota para dar a Marcus um pontapé rápido nas bolas em retribuição. — Estou meio ocupado aqui. — resmungo enquanto me dirijo para a cozinha atrás dela. Normalmente, eu adoraria que ela aparecesse com comida e uma visita de Jasmine, mas este não é o dia.

Ela solta as sacolas no balcão e franzi a testa. — Você está horrível, filho. O que está errado?

Minha mandíbula se aperta e eu balanço a cabeça. — Nada. Ganhei uma enxaqueca, é tudo. — eu esfrego a testa antes de dar a ela um olhar aguçado. — O trabalho está um inferno agora, vamos deixar isso pra lá?

Seu olhar se suaviza. — Quando foi a última vez que você comeu? E eu também não estou falando sobre esses donuts.

Os donuts são deliciosos, não ruins, mas eu não a corrijo, apenas encolho os meus ombros. Sinceramente, não consigo me lembrar de consumir nada além de café amargo e velhos donuts.

Ela enfia a mão na sacola e tira um remédio. Uma vez que ela o empurrou em minha mão, ela começa a tirar os pratos dos armários. — Você realmente precisa de um tempo, filho. Talvez tirar férias com a garota legal que você falou. Jane, foi?

— Jade. — eu grunho enquanto pego uma garrafa de água da geladeira. Uma vez que eu ponho goela abaixo a água e as pílulas, eu solto um suspiro. — Mãe, algo terrível aconteceu.

Mamãe para de tirar o purê de batatas de um recipiente e o coloca em um prato e olha para mim, suas rugas se formando em torno de seu olhar constrangido. — O quê?

Não querendo divulgar os verdadeiros horrores de quem tem Jade e infligir preocupações indevidas sobre a mulher que sofreu bastante tormento em sua vida, eu penso sobre o que realmente dizer a ela. Fingir que estou cansado é impossível. Ela vê diretamente através das minhas merdas de qualquer maneira.

— Jade foi levada por um homem muito mau.

Ela pisca para mim em estado de choque. — Oh, meu Deus. Eu sinto muito. Como? Onde?

— Ele está com ela, e eu tenho trabalhado incansavelmente para encontrá-la, mas não temos nada. — esfrego meu rosto com a palma da mão e tomo nota da maneira como minha barba cresceu. — Estou tão preocupado com ela. Não consigo me concentrar, dormir, comer. Estou tão malditadamente impotente, mãe.

Seus olhos apertam e ela franze a testa. — Querido, você vai encontrá-la. Você é o melhor policial que eles têm. — ela abaixa a colher e abre os braços. — Venha aqui, querido.

Engulo a emoção em minha garganta e abraço minha mãe. Ela cheira a canela, provavelmente de cozinhar com Jasmine. — Eu a amo. — admito, minha voz nada mais que um raspão. — Eu nem quero pensar sobre o que esse louco está fazendo com ela.

Afastando-se, ela olha para mim. — Então não pense. Pensar em coisas horríveis só nublará seu julgamento. Concentre-se nas pistas que tem, e avance. Eu não estava brincando quando eu disse que você era o melhor detetive lá. Você vai encontrá-la, e, filho, se você quis dizer

aquelas palavras, então você esperou muito tempo para nos apresentar. Eu estive esperando uma vida para este momento. Meu garoto finalmente encontrou a tampa da sua panela.

Eu me inclino contra o balcão quando a mamãe termina de distribuir a comida em pratos. Minha mente está nas pistas que eu tenho. No início de hoje, eu tinha ido a duas lojas de bonecas de cabelo humano. Uma delas era uma pequena loja. A outra era a casa de alguém a cerca de vinte quilômetros daqui. Depois de interrogar os dois proprietários, eu rapidamente decifrei que eles não estavam envolvidos.

— Peito ou coxa? — mamãe pergunta.

Não sei.

— Ambos, por favor.

Eu ainda estou perdido em pensamentos quando minha sobrinha de sete anos salta para a cozinha. — Tio Dill Pickle?

Forçando um sorriso em meus lábios, me viro para ela. Tem os olhos castanhos largos como sua mãe e um nariz pequeno que mal prendem seus óculos. Seus cabelos escuros foram penteados de qualquer jeito em um rabo de cavalo e eu guardo uma risada lembrando que mamãe tinha dito que Jaz arrumava seu próprio cabelo agora.

— O que há, kumquat? — eu pergunto, me ajoelhando na frente dela.

Ela abraça meu pescoço e depois levanta uma foto. — Esta é sua amiga? Posso brincar com ela?

Ansiedade aumenta através de mim em ver a imagem de Jade como uma menina de quatorze anos de idade. Eu estupidamente deixei todos os meus arquivos abertos na sala de estar. Espero que Jasmine não tenha visto nenhuma das fotos da cena do crime de alguns dos outros casos.

— Hum. — eu grunho, arrancando a foto de sua mão. — Esta é uma foto antiga. Agora ela está crescida.

Jazzy coça seu nariz bonito. — Ela não vai gostar de mim?

Mamãe me disse que Jaz estava sendo alvo de brincadeiras ultimamente na escola, por alguns de seus colegas de sala por causa de seus óculos. Me fez querer ir até sua escola e mostrar meu distintivo pra assustar. Eu disse a mamãe que eu ia ameaçar aqueles

merdinhas. Ela me disse que Jazzy precisava aprender a lutar suas próprias batalhas.

Ainda estou pensando em sacudir aqueles idiotas.

— Jade iria te amar. — asseguro a ela com um sorriso. — Ela é uma policial durona, como eu.

Os olhos de Jasmine cintilam por trás dos óculos. — Ela ainda brinca com bonequinhas?

Suas palavras fazem minha espinha gelar. — Não, receio que não.

— Isso é muito ruim. — diz ela suavemente. — Eu ganhei uma boneca nova hoje. Eu queria alguém para brincar comigo.

Coloco meu dedo sob seu queixo e levanto seu olhar triste para encontrar o meu. — Eu vou brincar de bonecas com você, — sussurro.

Ela revira os olhos. — Você é um menino. Os meninos brincam com armas e bolas. Não com bonecas.

Benny ama bonequinhas.

Filho da puta do caralho.

— Tudo bem. — eu resmungo. — Você ganhou. Quando você encontrar Jade, ela pode brincar com você. — Quando, não sei.

— Vamos comer, vocês dois. — mamãe anuncia.

Enquanto me sento à mesa de quatro lugares, não posso deixar de olhar para a única cadeira vazia. Um dia, quero Jade aqui com minha família. Mamãe adoraria ver o dinamismo que a minha mulher é. Depois de perder a sua própria mãe, não posso deixar de pensar que ela gostaria de conhecer a minha. E Jazzy? Todo mundo adora Jasmine. Bem, exceto aquelas crianças em sua escola que eu planejo estrangular.

O jantar tem um cheiro incrível, mas não tenho tempo para isso. Cada minuto que eu desperdiço é um minuto que ela poderia estar sofrendo.

Tick.

Tick.

Tick.

— Minha vez de rezar! — Jasmim pede enquanto aperta suas mãos pequenas juntas, me arrastando de meus pensamentos.

Inclino a cabeça e digo minha própria oração.

Querido Deus, por favor, me ajude a encontrar minha garota.

* * *

— Porra. — eu gemo alto, correndo meus dedos através do meu cabelo molhado.

Quando mamãe e Jasmine partiram há pouco, eu saltei no chuveiro. Estava muito atrasado. Enquanto estava sob o jato quente, eu pensei em todas as pistas que eu tinha novamente, o que foi muito mais fácil sem a enxaqueca apertando meu cérebro.

Eu estava voltando ao arquivo de Silvia Collins que Jade e eu dissecávamos, o garoto da faculdade que corria com os pés descalços como Jade. O número que ela escreveu em enormes letras vermelhas: 20Km?

As memórias me furam quando eu recordo nossa conversa daquele dia.

— E se ele quisesse que ela corresse? Para enviar uma mensagem para você?

Porra. Vou voltar para onde Jade foi atingida pela primeira vez pelo carro e eu vou procurar a área a pé. Vinte quilômetros. Eu vou fazer um círculo completo, só para ter certeza de que não estávamos sendo paranoicos sobre pensar que era uma mensagem dele ou ele tentando dar a ela uma pista de como encontrar o caminho de volta para Macy e ele. Talvez eu fale com Marcus para que Stanton autorize o apoio aéreo.

Estou puxando um par de shorts de basquete quando ouço a porta da frente fechar. Eu venho pelo corredor. Toda vez que Jasmine vem visitar, ela inevitavelmente deixa algo. Na verdade, meu quarto de hóspedes se tornou sua sala de jogos quando ela vem para cá, porque ela tem brinquedos esquecidos o suficiente para preenchê-lo. Mamãe a mimia sempre e compra mais, em vez temos que coletar todos os

brinquedos perdidos. Normalmente, eu ria para mim mesmo, sabendo que Jaz esqueceu algo, mas não hoje.

Hoje, isso me irrita porque estou perdendo tempo.

O relógio está correndo. Eu ouço com cada batida do meu coração. Eu não devia comer enquanto jogávamos conversa fora, e fingia que meu mundo não estava desmoronando. Que minha sanidade não estava pendurada por um fio. Ser seu grande, fodido, tio bravo é o melhor trabalho que eu já tive, e hoje, o mais difícil. Eu não me sinto mal ou corajoso. Eu me sinto foddidamente fraco e indefeso. Como se meu coração estivesse corroendo e se desmanchando.

— O que ela deixou agora? — eu pergunto quando eu viro para a sala de estar.

O sorriso em meu rosto some em um instante.

Algum filho da puta com cabelos escuros está em cima da minha mesa de café, espiando os arquivos abertos.

— Quem diabos é você e por que você está em minha casa? — eu exijo com um grunhido. Estou lembro que minha arma está em minha cômoda e eu devo ter deixado a minha porta destrancada.

Ele olha para mim e sorri. — Só vim visitar. Eu não achei que você fosse digno disso antes, mas agora... agora eu preciso saber. Ver o que te faz tão especial. — seu desprezo faz com que o cabelo se levante na parte de trás do meu pescoço.

— O fodido Benny. — eu assobio. Minha cabeça gira e a sala parece se expandir antes de visualizar assassinar esse cara da maneira mais brutal possível. Ele está realmente parado na minha sala olhando para mim?

Sua sobrancelha se ergue, e com ela, uma pontada de familiaridade ondula através de mim. Eu conheço esse idiota. Eu vi aquele olhar presunçoso antes em algum lugar.

Onde?

Jesus fodido Cristo, de onde eu conheço esse idiota?

Torcendo minhas mãos, eu começo a me aproximar dele, mas ele levanta uma arma.

— Não tão rápido, herói. — ele rosna. — Mantenha sua bunda aí. — ele balança a arma e sorri. — Parece familiar? Eu o tirei do imbecil que você tinha posto para proteger minha bonequinha suja.

Eu aperto minha mandíbula e tento abafar a raiva ameaçando me consumir. — Não a chame assim, seu doente. Onde diabos está Jade?

Ele se encolhe com o nome e balança a cabeça. Abaixando a mão, ele pega a mesma foto que Jasmine tinha de Jade mais cedo. A arma ainda está apontada em uma mão firme em meu peito. — Onde ela deveria estar. — ele diz, seus olhos vagando sobre a foto dela. — Tão perfeita.

Um grunhido ecoa através de mim. Eu dou um passo para frente apesar de ter uma arma apontando para o meu maldito peito. — Devolva-a e ninguém precisa se machucar.

Mentiras.

Mentiras de merda.

Vou cortar seu coração sozinho.

Suas sobrancelhas se juntam e seu lábio ondula para cima. A raiva faz seu rosto escurecer alguns tons, seu tom é de descrença. — Ela não é sua. Ela é *minha* bonequinha suja. MINHA.

Começo a pensar se posso sair da sala de visitas e pegar a minha arma antes que ele ponha uma bala na parte de trás da minha cabeça.

— Um bonequinho estúpido me disse que ela estava te fodendo. É isso mesmo? — seu corpo inteiro treme com fúria.

De onde eu conheço esse cara?

Esse tique irritado.

Olhos castanhos que parecem brilhar com raiva mal contida.

Eu conheço esse rosto.

E não apenas do retrato falado. Os retratos nunca revelam os maneirismos de uma pessoa. A maneira como seu rosto se move quando ele faz expressões diferentes. Mesmo que eu estudasse esse desenho por horas, o homem parado no meio da sala de estar não é aquela pessoa.

A enxaqueca ainda avidamente persiste na minha cabeça, me impedindo de me lembrar com clareza cada pista que tínhamos.

— Que bonequinha, Benny? Você tem outras? Apenas me diga onde ela está. — ordeno em um tom baixo, minhas mãos para cima para deixá-lo mais tranquilo.

Ele está tão perto. Eu sempre temi que nunca o encontraria. E aqui está ele, perto o suficiente para sentir seu fodido cheiro. Sabendo que ele não é um velho, imaginá-lo é uma coisa, mas vê-lo em pessoa, é muito pior, ele é um cara que chama atenção. Ganha a atenção das mulheres e dos homens. Parece um fodido anúncio de um daqueles filmes de ação para adolescentes. Ele mudou do desenho que temos dele. Ele está mais velho e mais encorpado, o que me diz que não deveria ter sido muito mais velho quando roubou as garotas.

O que faz alguém jovem, claramente inteligente, e bonito neste fodido? Jade sempre me disse que a maioria dos fodidos assassinos em série, eram todos bonitos e charmosos. Eles são o diabo encarnado, decorados com o disfarce perfeito. Essa era sua perícia: perfis. Para mim, um cara mau, é um cara mau. E essa parte é a pior de todas. Seu rosto e encanto, não vão funcionar em mim ou salvá-lo de minha raiva.

Ele balança a cabeça e os cachos escuros em sua cabeça saltam com o movimento. O cara é definido e forte. Mas mano a mano, eu chutaria seu traseiro. Eu sou mais alto e mais forte e tenho mais por quem lutar. Eu morreria antes de deixá-lo levar o melhor de mim.

Se eu pudesse chegar a ele sem levar um tiro...

— Você nunca vai encontrá-la. Eu a levei para um lugar seguro. Ninguém vai encontrá-la. — diz ele em uma voz aguda. — Ninguém. Ela é minha. Por que as pessoas não entendem isso?

— De onde eu te conheço? — eu exijo.

Ele se inclina com a minha pergunta antes de abrir os dentes para mim. — Você não me conhece. Nunca me viu na sua maldita vida antes. Agora, responda a porra da pergunta. Você colocou o seu imundo pau dentro da minha bonequinha?

A cada momento, ele fica mais enfurecido. Espero distraí-lo o suficiente para derrotar seu traseiro. Eu dou um passo, mas ele ainda está há uns oito passos de distância. Sua bonequinha. Deus, eu sabia que ele era louco, mas ele é tão louco que chega a ser assustador. Este fodido voou abaixo do radar toda a sua vida. Alguém que estivesse confuso deveria ter tido problemas com a lei, ou ter sido reconhecido por escolas, colegas de trabalho... qualquer coisa. Como ele estava vivendo? Suas roupas são arrumadas e limpas. Ele deve ter dinheiro,

vindo de alguma forma. Vender essas bonequinhas deve deixar pistas, então como ele se escondeu por tanto tempo?

— Se você não responder a minha pergunta, eu vou colocar uma bala em sua cabeça e depois, foda-se. — ele rosna, sua mandíbula apertando.

Filho da puta repugnante.

— Eu sou o parceiro dela. Eu não sei do que você está falando. — eu me explico.

Ele enfia a foto no bolso de seu jeans e agarra seu cabelo com a mão livre, o olhar dele nunca deixando o meu. — Não foi o que *Bo* que disse. — seu rosto se contrai, como se ele estivesse provado algo azedo dizendo seu nome.

Eu me concentro, mas nivelo meu olhar nele. — Bo Adams ainda está vivo?

Ele ri, baixo e profundo. O som é sombrio e sinistro, fazendo com que minhas tripas torçam. — Não por muito tempo. Entre a minha bonequinha quebrada e eu, nós o ferramos muito. Minha bonequinha suja estava bastante chateada com a bagunça que fizemos. — seu olhar assassino perfura o meu. — Quer ver?

— Me leve até lá. — eu exijo, surpreso e ansioso tudo de uma vez. Se eu for com ele, a verei, mas ficarei a seu mercê. Sem dúvida ele me matará.

Mas não se eu puder dominá-lo assim de chegarmos.

Ele balança a cabeça, me prendendo com olhos apertados, sombrios, sondando. — Eu não preciso. Posso te mostrar aqui.

— Você tirou fotos?

Doente fodido.

Ele acena com a cabeça e tira alguns Polaroids de seu bolso traseiro. Eu não vacilo quando ele as atira para mim. Cerca de seis ou sete fotos vibram no chão. A que caiu no meu pé, é de Jade. Ignorando o fato de que eu tenho uma arma apontada para mim, eu caio de joelho e levanto a foto.

— Ela está linda de vermelho. — ele diz, seu tom melancólico. — Eu gosto de capturá-la no seu melhor ângulo.

Santo Deus.

Minha doce, linda e quebrada mulher.

A raiva que estava fervendo logo abaixo da superfície se transforma em uma furiosa tempestade do inferno. O fogo dentro de mim chicoteia, me implorando para soltar a besta para que eu possa aniquilar esse cara.

Na foto, Jade está deitada enrolada num chão sujo. Nua. Ferida. O cabelo sujo, assim como todo o lugar. O sangue está ao longo de suas coxas e descendo pela sua parte traseira.

Eu vou matá-lo.

Com um rugido, eu me lanço do chão para ele. Um tiro soa, a explosão ensurdecedora é perto da minha orelha. O vidro quebra de onde quer que a bala bateu, mas eu estou muito focado em meu alvo. Eu o agarro pela cintura, e batemos na mesa, chacoalhando uma lâmpada. Ele solta um *oomph* à medida que bate no tapete.

— Seu maldito psicótico! — eu grito enquanto eu luto por sua arma.

O cara pode ser menor, mas ele é louco o suficiente para se garantir. Sua força me surpreende. Nós dois gritamos, e sibilamos, e rosnamos enquanto lutamos. Eu sou capaz de bater a arma de sua mão, mas não antes que ele dispare outro tiro. Infelizmente, quando eu vou para ele, ele se afasta.

— Você está morto, filho da puta!

Eu sou capaz de soltar minha mão, e eu o soco sua mandíbula. Ele geme e depois ri. Meus nódulos dos dedos doem, mas isso não me impede de erguer meu braço de volta para outro soco. Ele consegue se afastar antes, e meu punho bate no tapete.

— Você estava fodendo ela. — ele rosna, batendo violentamente com sua mão. — Você não se importaria tanto com isso, a não ser que seu pau mole estivesse dentro do que é meu! Arghhhhh! — ele dá socos em sua própria cabeça e me dá tempo para ganhar a minha estabilidade.

Minha garrafa de cerveja descartada sobre a mesa chama a minha atenção e eu a pego. Ele me vê chegar e vem de novo para cima mim. Rapidamente, eu quebro a borda da garrafa e aponto a ponta irregular para sua garganta.

— Hora de morrer, filho da puta! — eu o observo, a raiva me levando adiante. Se Jade estivesse aqui para me ver acabar com ele...

O Chefe estava certo. Estou chateado demais para seguir o maldito protocolo.

— Espere! — ele grita. — Você me mata e todos morrerão.

O vidro pressiona em sua carne, mas eu me seguro bem perto de empurrá-lo em sua garganta.

— Que merda você quer dizer? — eu exijo.

Seus olhos escuros cintilam com satisfação. — Todos estão com tanta sede. Todas as minhas bonequinhas. Você me mata e você nunca vai encontrá-los antes de morrer de sede ou fome.

Eu olho para ele, o ódio escorrendo de cada poro em meu corpo, enquanto eu tento calcular suas palavras. Se ele morrer, talvez eu nunca a encontre.

Porra.

— Me diga onde diabos ela está!

Ele bufa. — Bem. Saia de cima de mim e eu vou te contar.

Eu seria um idiota em acreditar neste filho da puta. Estou prestes a mandar ele ir se foder quando ele me rola com força imprevista. Eu sou socado em meus rins, que me rouba a respiração antes dele sair correndo. A arma está próxima, mas isso significaria virar minhas costas por um breve momento.

Aproveito minhas chances.

Quando eu rolo de volta, apontando a arma onde ele está, ele está apontando uma de volta para mim. — Recue, — ele bufa. — Eu diria que foi um prazer conhecê-lo, mas vou economizar o prazer para Jade quando eu voltar para casa. Não se preocupe, você me verá novamente.

Ouvir seu verdadeiro nome em seus lábios realmente me fez sentir pior.

Eu percebo que ele já está indo para a porta. Arriscar deixar ele sair não é algo que eu possa viver com isso. Eu disparo um tiro que quebra o vidro em minha porta, mas ele consegue escapar.

Não tenho tempo para localizar meu telefone antes de me apressar. Correndo através do vidro quebrado, ignorando as picadas na

minha carne, eu corro na noite atrás dele. Ele corre em direção a uma van estacionada mais longe na rua e eu disparo outro tiro, mas é difícil mirar no escuro. A bala ricocheteia do lado de sua van, ainda vazia. O filho-da-puta sobe no veículo e foge um momento depois.

Meus pés doem enquanto corro pela rua atrás dele. Sua van marrom fica sob uma lâmpada da rua e eu paro de repente para ler a placa.

Vou te pegar agora, seu filho da puta.

Com dor de cabeça ou não, vou lembrar do número da placa até o dia que eu morrer.

Espere, Jade.

Eu estou vindo para você.

Capítulo nove

Saple

JADE

— Esta minha pequena luz. — uma voz doce canta, — Eu vou deixar brilhar. Esta minha pequena luz... — sua voz entra e sai, assim como minha consciência. Minha mente parece ter se partido no meio. Estou presa em algum lugar entre o abuso que Benny infligiu em mim e o passado de estar nos braços de Dillon.

Tudo está ficando muito difícil.

Eu estou fraca.

Morrendo de fome.

Com sede.

Esgotada.

Eu quero ir para casa.

Não para o meu apartamento. Mas para ele. Dillon é a minha casa.

— Pssss. Bonequinha Suja. — eu arrasto meu olhar ao longo das paredes para as grades da janela da minha cela.

Os olhos maliciosos de Macy olham para mim.

Tem sido tão quieto toda a manhã. Eu tentei chamar por ela, mas Bo balançou a cabeça, gesticulando que sua porta estava aberta e ela não estava lá dentro.

Benny a deixou vagar por sua casa e sair sozinha no mundo, mas ela escolheu voltar.

A Macy que subiu na van, morreu naquele dia. Ela é agora uma estranha que assola meus pensamentos e minha realidade.

— Quer jogar um jogo?

Não!

Mesmo que eu esteja fraca e latejante em lugares que eu prefiro não pensar, eu consigo me colocar em uma posição sentada. — Sim, — eu grito. — Quero jogar com você.

Os olhos de Macy se iluminam com excitação. — Eu estava esperando que você dissesse isso. Bonequinho Estúpido tem estado com muito sono para brincar.

Uma dor se forma no meu peito. Benny cortou Bo como se ele fosse uma maldita abóbora. Me deu enjoo vê-lo destruí-lo. E o próprio pensamento de Bo entregar Dillon, afligiu meu coração mais do que eu quero admitir.

Estar preso faz coisas estranhas com você, no entanto.

Não é culpa de Bo.

Eu, também, ao mesmo tempo, teria entregado outro ao diabo se isso significasse que eu estaria livre de seus abusos.

Você deu Macy a ele.

Benny é o monstro aqui. Não Bo.

— Você tem outro desses vestidos? — eu pergunto, minha voz seca e rachada. — Eu quero estar bonita quando jogamos nosso jogo.

Macy solta um grito excitado e foge. Não tenho certeza onde Benny está, mas esta é outra oportunidade que eu não vou perder. Desta vez, eu não vou deixar Macy me enganar me drogando.

Enquanto procura o vestido, eu vou até a porta e espio. Bo está olhando para o teto. Por um momento, acho que ele está morto, mas então seus olhos mudaram para os meus.

Morto.

Sua alma saiu oficialmente do corpo, mas sua boca respira, e seu coração bate.

Macy e Benny roubaram a bondade dentro dele. Eles pisaram nele. Fizeram uma maldita confusão em Bo. Agora, ele está vazio por dentro. Ele não tem mais nada para dar. Eu sei exatamente como ele se sente.

— Bo. — eu assobio. — Nós vamos sair daqui.

Ele pisca uma vez e uma lágrima rola para fora. Talvez eu não o tenha perdido depois de tudo.

— Aqui, pra você. — Macy sussurra, e eu salto, com minha mão se movendo para cobrir meu coração acelerado. — Coloque este lindo vestido branco. Benjamin fez este especialmente para você. Não devemos tocá-lo, mas ele não precisa saber. — outro sorriso conspiratório toma conta de suas feições.

Deus, o que ele fez com minha irmã?

— Obrigada. — murmuro enquanto pego o vestido. É todo de renda e seda. Bonito. Pena que eu vou acabar arruinando.

Eu anseio destruir tudo o que Benny ama.

— Que jogo vamos jogar? — eu pergunto enquanto puxo o vestido sobre minha cabeça. Ele tem um zíper atrás. Meu coração salta uma batida com medo, em antecipação, pela oportunidade.

— O que você quer jogar? — ela pergunta de volta, sua voz suave, assim como eu me lembrava de quando éramos crianças.

— Hum, que tal de esconder e procurar? — eu tento.

Ela ri e me ataca. — Não acho que seja uma boa ideia. Se eu não puder te encontrar, Benjamin ficaria muito zangado.

Solto um suspiro e viro minhas costas para ela. — Ok. — eu concordo. — Nós não queremos irritá-lo. Você pode me ajudar a fechar meu vestido?

Chaves balançam no lado de fora e meu coração dispara. Quando a porta se abre com um estrondo, eu me endireito. Isso vai doer. Muito. Macy se aproxima lentamente, e leva tudo em mim para me segurar enquanto ela começa a fechar. Uma vez que ela está a meio caminho, eu giro tão rápido, que isso me deixa tonta. Com um empurrão forte, eu jogo minha irmã para o chão e sua cabeça bate na porta com um ruidoso thump.

— Owwww. — ela geme, esfregando a cabeça. — Owwww.

Culpa surge através de mim, mas eu não posso me preocupar com o fato de que eu acabei de ferir minha própria irmã. Minha irmã não está mais nessa garota. Saltando sobre seu corpo aturdido, eu saio para o corredor da minha cela e procuro freneticamente por uma corda. Conhecendo Benny, eu não tenho que caçar por muito

tempo. Encontro-a em uma prateleira, pego uma tesoura e volto para a cela enquanto ela se levanta.

— Isso não foi muito legal. — ela me dá um tapa na cara, mas eu não hesito. Eu apenas empurro a mão dela com força, deixando ela saber que eu sou a mais forte de nós duas.

— Eu não quero te ferir. — *por favor, não me faça fazer isso.*

Ela se agarra a mim, como um jacaré irritado, mostrando os dentes.

— Vire-se. Me dê suas mãos. — eu lato para fora, minha voz tremendo com nervoso.

Ela não o faz. Em vez disso, ela me ataca novamente. Não temos tempo para isso. Eu não tenho ideia de quando Benny vai voltar. Levantando, eu bato em sua cara e engulo a vergonha que explode em golpeá-la.

Ela não se encolhe, apesar da impressão vermelha na forma da minha mão brilhar em sua bochecha, mas lágrimas rolam de seus olhos e ela funga. — Por favor, Jade. Não me amarre. Eu quero ir para casa.

Estou congelada por uma fração de segundo enquanto olho para minha irmã, seus olhos tristes e lábios em biquinho me lembrando daquele dia no mercado quando ela queria a bonequinha de Benny.

— Ela é louca. — Bo rosna atrás de mim. — Não confie nessa puta.

Ela tenciona em suas palavras e o ato de menina desaparece quando ela se transforma em um monstro raivoso. Com um impulso vindo dos ramos do inferno, ela se lança em mim. A menina pode ser toda crescida e forte, mas eu sou uma fodida policial.

Eu agarro seus cabelos e luto, colocando-a de barriga para baixo. Com meu joelho esmagado suas costas, eu puxo suas mãos atrás dela para que eu possa prendê-las. — Você está me machucando! Você disse que não faria isso! — ela grita. Parece juvenil, como uma pirralha testando seus limites.

— Eu disse que não queria. — eu rosno. — Não que eu não faria.

— Benjamin vai ficar tão bravo comigo por abrir sua cela. — ela chora. — Minha chave é para emergências.

— Bem, esta é uma porra de uma emergência. — murmuro.

Ela se agita e grita, mas depois de alguns momentos, eu sou capaz de amarrá-la. Assim que ela está bem amarrada, saio pela porta e começo a desamarrar Bo.

— Jade. — ele assobia. — Sinto muito ter mencionado Dillon. Só queria que ele sáísse da minha cela. Oh Deus. — ele gagueja, como se suas palavras tivessem gosto de leite azedo. — O que eu fiz? — a voz que sai dele é distorcida, como se sua língua fosse grande demais para sua boca.

Eu sacudo a cabeça para ele, descartando sua traição. — Não importa. Nós vamos sair daqui. — trago uma mão trêmula para seu rosto desfigurado e acaricio sua bochecha não machucada. — Mas você tem que fazer exatamente como eu digo. Precisamos nos mover. Agora.

Ele balança a cabeça freneticamente, soltando um gemido de felicidade no momento em que eu o libero. Uma vez que o ajudo a se levantar, ele sai para a porta, mancando graças à ferida que Macy lhe deu na coxa.

— Pare. — eu assobio.

Quando eu volto para a minha cela, ele começa a gritar: — O que você está fazendo?

— Não podemos simplesmente deixá-la!

— Baby. — ele pondera, e tenta afastar o sangue seco de seu rosto. — ela é fodidamente louca.

Ignorando-o, arrasto minha irmã, levantando-a. Ela está estranhamente calma enquanto a empurro na minha frente. — Ela vai vir conosco. — atiro a ele um olhar duro e levantando minhas sobrancelhas, eu advirto Bo para não discutir comigo. Sabiamente, ele só balança a cabeça e murmura uma *porra qualquer que seja*.

Eu forço Macy à minha frente, enquanto nos dirigimos para a entrada que eu usei antes. Estamos saindo deste inferno. Nunca mais ninguém que eu amo vai voltar pra cá.

— Vá. — eu sussurro no caso de Benny estar por perto.

Ela tropeça e cai nos degraus e eu tenho que puxar a corda para não deixá-la cair. Bo levanta a retaguarda, sibilando alto em dor. Eu tentei não deixar minhas emoções aparecerem quando eu o desamarrei, mas parecia como uma cena do horror de um filme e levou de tudo em mim para não engasgar. O sangue está em toda parte. Eu odeio saber

como ele ficará quando ele estiver limpo. Ele vai segurar as cicatrizes por dentro e por fora até o dia em que ele morrer.

Conseguimos descer a escada até a cozinha. Agora que estou me movendo mais devagar, eu tento catalogar os detalhes da casa. Esta sala parece normal. Algumas bananas marrons e manchadas encontram-se em uma fruteira na bancada. Pratos sujos ao lado da pia.

— Eu preciso limpar isso. — exclama Macy, me assustando.

— Hoje não. — eu advirto.

Eu entrego a corda para Bo e faço um movimento para ele parar. Isso parece algo que saiu de algum show de fetiche trash assustador. Todos enlouquecidos, usando nada além de cicatrizes sangrentas, agarrando uma garota vestida como uma maldita bonequinha.

Com uma sacudida da minha cabeça, eu vou para a sala de estar. Uma única lâmpada está acesa em um canto. Mais uma vez, tudo parece normal. Um pouco confuso, mas normal. Me faz querer vomitar. Benny está tão longe do normal que nem é engraçado.

Eu saio passando por uma mesa, quando eu noto uma foto e paro para olhar.

Uma família.

Filha. Filho. Mãe. Pai.

Um enjoo rola através de mim. Eu freneticamente arranco a foto do porta retrato, a dobro, em seguida, a coloco na frente do meu vestido.

Voltando para onde estão Bo e Macy, os empurro, corro para a cozinha e encontro duas facas afiadas. Eu entrego uma a Bo e seus ombros caem discretamente. Assentindo com a cabeça e apertando a maçaneta, ele a mantém estendida na frente dele.

— Vamos. — ordeno.

Como um rebanho de bonequinhas quebradas, nós fazemos nosso caminho para fora da porta da frente. A porta da tela chia em suas dobradiças e eu me encolho antes de fechá-la. Se Benny estiver em casa, não quero que ele nos encontre. Nós três andamos para fora da varanda na pequena calçada de cascalho. As árvores obscurecem o luar, deixando sombras dançando ao nosso redor como fantasmas.

— Para onde agora? — Bo exige.

Eu me aproximo do caminho enlameado, claramente usado como uma entrada de carro se as marcas de pneu é alguma indicação. O caminho se curva em torno de uma fileira de árvores. — Siga pela estrada. Se vermos faróis, nos esconderemos no mato.

Ele acena com a cabeça e começa a coxear nessa direção, a lama cobre nossos pés, enquanto pedras machucam a pele. Voltando, eu levo meu tempo para estudar minha prisão. Uma antiga casa de fazenda. Manchas de tinta branca sob a mata crescida revelam anos de negligência. Na luz fraca, eu posso ver que algumas telhas estão faltando. Isso explica a chuva que às vezes pinga na minha cela. Árvores ao redor de toda propriedade a tornavam quase indetectável se você não soubesse que estava aqui. Não é de admirar que nunca tenha sido detectado no Google Earth. Eu tinha começado a pensar que eu imaginava a casa sendo uma casa quando a polícia não encontrou nada em sua busca. Um balanço velho coberto com grama se encontra do lado fora ao lado da casa. E além disso, estão dezenas de cruzeiros saindo do quintal. Não me lembro de nada disso há oito anos. Tudo o que vi foram árvores até que a senhora me bateu com seu carro. Um choro ameaça sair. A raiva, o medo, o ressentimento, a piedade, o sofrimento se misturam e rodam através de meus pensamentos, e meu coração. É apenas uma casa, uma fodida casa velha e ninguém nos encontrou aqui. A inquietação lava minha pele. Chupando minhas emoções e me virando, eu corro atrás de Macy e Bo. Ele está subindo a estrada, apesar de seu estado enfraquecido, morrendo para sair daqui, assim como eu.

Caminhamos por uns bons quinze minutos, Bo e eu ficamos em silêncio enquanto Macy cantarola aquela canção estúpida que Benny sempre cantava. Isso me faz encolher, mas eu não digo uma palavra a ela. Pelo menos ela está sendo obediente. Se eu tivesse que lidar com ela gritando ou protestando, seria muito mais difícil. Meus próprios pensamentos ansiosos me mantêm ocupada - todo barulho é uma ameaça, cada minuto que ficamos aqui pode significar liberdade ou perigo, e é sufocante.

Eventualmente, chegamos a outra estrada, sinalizando o fim do que eles devem ter usado como um caminho há muito tempo. Uma fraca esperança flutua no meu peito, mas logo é consumida por nervos. Precisamos continuar andando. Meus olhos varrem a área observando uma caixa de correio preta inclinada para um lado. As letras estão enferrujadas, mas cuidadosamente esculpidas no aço.

Pat Dollhouse

— Jade. — Bo sussurro/grita meu nome, mas meus pés me levam até a caixa. Meus dedos trêmulos conseguem abrir com um puxão e eu alcanço as fotos que eu encontro empilhadas dentro quando dois faróis nos iluminam à distância.

— Merda! — eu sussurro. — Vamos!

— Você quer jogar um jogo? — Macy pergunta, sorrindo como uma tola.

— Vá se foder. — Bo assobia, trazendo sua mão sobre a boca dela e a faca em sua garganta.

— Bo. — eu aviso, e ele abaixa a faca um pouco.

O carro fica mais perto e eu corro em torno deles, esperando Bo seguir atrás. Eles bufam atrás de mim, seus passos saem do asfalto da estrada que pisamos, enquanto corremos na direção oposta de onde o carro está vindo, precisando ter alguma distância da casa antes de correr para o bosque.

As luzes se tornam mais brilhantes e mais amplas quando o carro se aproxima. O asfalto se transforma em estrada pedregosa e enlameada, como se estivesse inacabada e abandonada, e eu faço um movimento para que eles me sigam até os bosques espessos. Gravetos e pinhas furam meus pés, mas eu ignoro a dor até que eu esteja escondida atrás de uma árvore maciça. Bo e Macy encontram outra árvore maior para se esconder.

Nossas respirações são todas pesadas enquanto esperamos que o veículo se aproxime. Ele diminui quando se aproxima da calçada.

— Meu Benjamin vai ficar tão louco, — Macy anuncia, e Bo empurra sua mão mais firme contra a boca dela.

Eu continuo a observar, esperando, precisando ver se o carro para na calçada ou continua indo. Quando ele continua dirigindo, eu solto um suspiro de alívio. Eles poderiam nos ajudar. À medida que ele se aproxima, eu me lanço da pista, agitando meus braços.

— Pare! — eu grito e a van chia.

Van.

Van.

Van.

Porra!

— Corra! — eu grito por cima do meu ombro. Sua imagem distorcida olha fixamente para mim através do para-brisas com os olhos arregalados.

Corram.

Eu grito para mim mesma, mas estou congelada, meus pés enraizados no local, chumbo enchendo meus ossos, me impedindo de agir de acordo com meu próprio conselho.

Tudo acontece tão rápido no próximo instante. A figura de Benny salta da caminhonete, deixando-a em movimento e vem atrás de mim. Eu mal tenho tempo para registrar se é realmente ele quando ele fecha meu espaço.

Corre!

Uma corrente elétrica bombeia em minhas articulações, e com uma sacudida, eu saio correndo pela estrada na direção oposta a Bo. Os passos pesados de Benny atrás de mim só servem para atirar adrenalina líquida em cada uma das minhas veias. Eu corro tanto quanto minhas pernas conseguem, todo o meu foco na estrada à minha frente, até que seus passos param e um berro quebra o ar.

Não.

Meus pés tropeçam até parar.

Bo está gritando de dor.

Dou uma olhada pelo meu ombro e meu coração afunda. No brilho dos faróis está um Bo nu, sua faca agora na mão da minha irmã.

Baque.

Meu coração pulsa como um tambor rugindo em meus ouvidos. Eu tropeço para frente, minhas mãos estendidas.

Por favor.

Eu vejo a silhueta de Benny em pé entre nós. Seus lábios estão se movendo e eu percebo que ele está gritando para mim como o trovão em meus ouvidos, e de repente, se desvanece a uma pulsação maçante. Suas palavras são um zumbido. Eu não consigo ouvir o que ele está dizendo. Meu foco está em Macy cantando.

Macy!

Ignorando minha liberdade, eu engulo a derrota e corro em direção a eles, a faca afiada ainda está na minha mão. Apertando minha mão, o suor cintila sobre minha pele e ameaça meu domínio na lâmina. Estou tão perto de Benny. Eu pisco com indecisão. Devo atacá-lo ou tentar aplacar minha irmã? Estou morrendo de vontade de apunhalar a faca no peito de Benny. Eu posso ver essa vontade, indo e vindo. Eu poderia acabar com ele se eu me apressar antes que ele possa reagir. Eu rastreio meus olhos de Benny para Macy e perco a esperança.

O olhar enlouquecido nos olhos da minha irmã traz o ácido no meu estômago inundando minha boca. Eu começo a implorar por ela. — Macy, por favor, não faça...

Antes que eu possa terminar a frase, ela pula em direção a um Bo quebrado.

— Vamos jogar o meu jogo! — ela grita, mergulhando a faca na garganta de Bo.

Oh Deus. Ela deslizou a faca, como se cortasse um bolo.

Tão fácil.

Fodidamente cruel.

Minha mandíbula cai e um grito soa, quebrando o ar e forçando um bando de pássaros a voar das árvores. O corpo de Bo cai para trás com Macy ainda presa a ele. Ela está sobre ele, mergulhando a faca nele como se ele não fosse uma pessoa.

Eu não consigo respirar.

Eu não posso me mover.

Eu não posso salvá-lo.

Sprays de sangue estão sobre ela, e meus pés parecem estar se movendo em câmera lenta quando eu decolo em direção a ela. Meu corpo parece pesado quando eu a empurro para frente.

— *Senhora Polly tinha uma bonequinha...* — ela canta, ainda com a faca nele e depois soltando. Ela começa a puxar a cabeça dele como se estivesse tentando puxá-la de seus ombros. — *E a sua cabeça saiu!*

— Nãoooo! — eu berro, encontrando minha voz. Assim quando eu estou perto o suficiente para enfrentá-la, um braço envolve minha cintura para me parar. Não há como me restringir. Meu corpo entorpece a dor e eu luto, rasgando, chutando, e perfurando.

— Pare de lutar. — Benny avisa. — Pare.

Os olhos de Benny ficam pretos ao luar enquanto giro para tentar cortá-lo com a faca ainda em minha mão. Eu sou um urso preso em uma armadilha, e é simplesmente muito ruim que esse urso esteja nessa armadilha. *Não hoje, Benny. Eu fui empurrada sobre o limite da sanidade.*

— Todos vocês são bonequinhas muito ruins. — ele grita. — Pare de lutar comigo!

Mas eu corto seu rosto.

Capítulo dez

Fuligem

DILLON

Eu gastei menos de um minuto pegando minhas chaves e arma, e nem mesmo tive tempo de colocar sapatos ou uma camisa. Eu estava do lado de fora da porta antes da minha próxima respiração. Eu tinha esquecido de pegar meu telefone, mas sabia que eu poderia pedir ajuda pelo rádio.

Perdê-lo não era uma opção.

Eu coloco minha bunda no meu Crown Vic e deixo a minha vizinhança. É uma pequena casa à beira da cidade, no final de um beco sem saída, pacífica e isolada, como eu gosto. Apenas uma entrada e saída.

Eu piso no acelerador até estar acima de cem km/h pela estrada escura. Está escura como o meu humor. Não há um farol à vista, então eu mantenho meu pé pressionado no fundo, testando os limites de merda do carro, meus olhos seguindo cada quilômetro rodado. O bombeamento do meu coração troveja através de cada fibra do meu ser. O tempo passa quando imagens borram em ambos os lados. Meu único foco é pegá-lo. Quando eu viro a esquina, vejo um par de lanternas ao longe através de uma fileira de arbustos.

Vou pegar você.

Tudo está aumentado. Som, toque, visão. A adrenalina acelera o sangue através do meu corpo, fazendo com que minha pele vibre. Eu aperto e desaperto minhas mãos na direção, a ira rodopia dentro de mim como uma tempestade agitando o ar no carro. Isso é uma merda. Eu o pegarei.

O veículo vira em uma estrada coberta com árvores. Se minha memória me falha, essa estrada serpenteia através de uma espessa floresta. É uma propriedade privada. Apenas um par de casas em um

trecho solitário. Ou o imbecil vive lá na floresta, ou ele sabe que eu estou o seguindo e está tentando me despistar.

Sem chance, filho da puta.

O beijo da lua ilumina o topo das árvores e o vento as balança, fazendo com que pareçam ondas em um oceano tempestuoso.

Batendo o volante com o meu punho eu me aproximo mais. Se ele vive lá, eu vou ficar puto, sabendo que ela estava tão perto.

Está escuro, mas sem chance de acender meus faróis, por medo de me entregar. Depois de passar pelas únicas casas conhecidas na área, as luzes do freio dele se acendem. Meu peito se agita com minha respiração. Ela está perto. Eu sei disso. Eu posso sentir a agitação da minha alma. Eu diminuo a velocidade e me afasto, olhando para ele, esperando o que ele vai fazer em seguida. O desejo de apenas atirar nele está me dominando. Eu estudo o alvo, tentando decifrar se eu poderia o acertar daqui. E se ela não estiver perto? Eu poderia matar a única chance de encontrá-la.

A batalha interna comigo mesmo para, e ficar no carro está causando dor na minha cabeça. E eu ainda espero.

Poucos momentos depois, o veículo recomeça a andar e sai da estrada para a floresta.

Que porra é essa?

Não há estrada lá.

Mantendo meus faróis desligados, eu acelero para alcançá-lo.

De jeito nenhum.

Uma árvore caída sobre uma grande poça de lama era suficiente para que um carro ou uma camionete não fossem vistos.

Filho da puta

Saltando do meu carro, eu uso todas as minhas forças para empurrar a árvore do caminho. Eu continuo caminhando, mas não tenho ideia de quão longe ele foi, então eu pulo de volta ao carro e pego o caminho lamacento, cerca de dois quilômetros até a estrada improvisada, ignorando o frio se espalhando por minhas veias.

Depois de alguns minutos dirigindo, faço uma curva e vejo sua van no meio da estrada, pessoas de pé na luz de seus faróis. A energia vibra e pulsa através do meu corpo.

Porra, bingo! Peguei você agora, e não há como fugir de mim.

Eu digitalizo aqueles corpos. Meu coração salta uma batida e, em seguida, foguetes explodem no meu peito, quase rachando minha caixa torácica para fugir para ela. Ela está bem ali, ao meu alcance. Se cair de joelhos e agradecer ao senhor fosse uma opção agora, eu faria isso. Eu a encontrei. Droga, meus olhos de merda se enchem de alegria.

Saindo da Crown Vic, eu pulo para fora com minha arma na mão. Esse idiota vai morrer hoje à noite.

Vozes, altas e urgentes, perfuram a noite. Eles estão gritando um para o outro e não parecem notar a minha chegada.

Estou indo, baby. Eu estou bem aqui.

— Todos vocês são bonequinhas muito más. — Benny grita, agarrando minha garota. — Pare de lutar contra mim. — meu dedo paira sobre o gatilho. Eu quero atirar nele, na cabeça e então descarregar o pente inteiro em seu peito, apenas para ter certeza, mas minha garota está no caminho.

Suas mãos nojentas na pele dela.

— Ele está morto! — Ele grita enquanto minha garota se agita e se movimenta. Ela parece feroz, maníaca, e os gritos escapam de seus lábios doces, são sons que eu nunca mais quero ouvir dela novamente. Meu estômago se revira e meu coração despenca. Quem está morto? Ela está se alternando entre gritar e soluçar e minhas mãos tremem para tocá-la, acalmá-la, salvá-la.

Eu estou aqui, baby. Você nunca terá que passar por isso novamente.

Ele vai morrer hoje à noite.

Eu mantenho minha arma apontada em Benny. Jade aranha seu rosto, fazendo-o assobiar. Algo brilha em sua mão ao luar. Riscos úmidos escurecem o rosto de Benny. Ela o cortou. A coisa na mão dela é uma faca. Lutando em seus braços, ela tenta atacar novamente e se livrar de seu aperto, mas ele é muito forte. Suas súplicas agora são suaves e seu desespero diminui. Desgastada e quebrada, seu corpo se torna mole. Dando um passo para frente, eu penso em acertá-lo com

um tiro, mas o risco é muito alto. Agarrando a mão dela e trazendo-a para a boca, ele a morde, fazendo com que ela solte a faca. Seu gemido me acerta, chacoalhando a besta querendo violar Benny até que ele seja apenas uma mancha irreconhecível na lama. Ela está se aproximando de uma figura no chão aos pés da irmã.

— Por favor. Bo. Não o mate. — ela implora. Eu sigo seu olhar e os olhos de Bo encaram os meus do chão. Levo um segundo para registrar que eles não estão se concentrando em mim. Eles estão mortos e abertos em choque. Sangue vermelho jorra de sua cabeça quase decapitada. Ele está claramente morto, então minha garota deve estar em choque. Macy está lambuzada com a essência vermelha do maldito Bo.

— Porra. — Um assobio sai de meus lábios. Todos os olhos se voltam para mim e esse breve momento é o suficiente para Benny se assustar e soltar Jade, para que ele possa alcançar sua arma. Ela sai correndo em direção a sua irmã. Macy se lança para frente com um rugido e meu coração troveja no meu peito quando seus pés ficam lentos em sua abordagem.

Thud.

Thud.

Thud!

O brilho da faca na mão de Macy enquanto ela mergulha em direção a Jade traz um terror que penetra em meu coração.

— Nãooo! — Benny e eu gritamos juntos, mas é tarde demais. O corpo de Jade fica imóvel na frente de Macy. Erguendo meu braço e apontando minha arma, meus olhos fixam no cano da minha arma, apontando para Macy, mas não consigo disparar o tiro, claro. A esperança em sair desta merda com minha mulher ao meu lado evapora quando o pânico bate em mim como um caminhão de dez toneladas. Indo furtivamente em direção a eles, eu troco minha arma de uma mão para a outra, mas é impossível. Minha garota está bloqueando a vista da sua irmã e eu não posso dar um tiro sem acertá-la.

O grito de Benny ecoa das árvores e a emoção crua que derrama dele congela meu sangue. Benny aponta sua arma na direção da mulher, e POW!

O pavor se entrelaça ao meu coração como uma videira de espinhos venenosos.

O corpo de Macy larga o de Jade, caindo no chão.

Graças a Deus.

Meus pés se movem por vontade própria, nossa conexão me puxa para minha garota.

— Não se mova! — eu rosno para Benny com minha arma levantada em sua direção, sem tirar meus olhos dos dele enquanto corro para Jade. Ela não responde. Seu corpo balança.

— Jade, baby. — eu murmuro, mantendo uma mão ainda apontada para Benny e a outra no ar para que eu não a assuste se eu a tocar. Meus olhos percorrem seu corpo e meu peito dói. A faca sobressai de seu abdômen logo acima de seu quadril e é um choque que ela ainda esteja de pé.

Seus olhos brilham com lágrimas e sua boca se abre. — Dillon, você me encontrou. — ela tenta puxar a faca, mas seus olhos rolam para trás em sua cabeça quando ela desmorona. Pegá-la significa tirar a arma de Benny, mas não posso deixá-la cair.

Lágrimas picam meus olhos e um rugido rasga de dentro de mim. Empurrando-a para cima, eu lamento que seja Benny que agora está olhando para a menina em meus braços.

— Saia do caminho! — ele rosna. — Ela é minha. — ele aponta sua arma para minha cabeça pela segunda vez esta noite. Eu embalo Jade como se segurasse uma noiva e empurro minha cabeça contra o cano da arma, desafiando-o a tentar quando meus olhos encontram seu olhar enfurecido.

— Ela vai morrer se eu não levá-la para um hospital. — eu rosno, cuspidando sobre ela. — Podemos nos matar mais tarde, Benny. — nossos olhares não vacilam. — Ou atira, ou saia da merda do meu caminho.

Ele parece escapar de um transe, seus traços amolecem. Olhando para Jade, ele abaixa a arma de volta para ele e esmaga a sua cabeça contra isso. — Leve ela, leve ela! — ele grita, o sangue escorrendo pelo lado de seu rosto.

Ele tropeça em direção onde sua irmã caiu, a pega, e a joga sobre seu ombro como um saco de areia, e dá para ouvi-la agonizando. Apertando meus olhos fechados e lutando contra a ânsia que sobe pela minha garganta, eu rosno e balanço a cabeça em derrota. Vai contra todo o desejo dentro de mim sair daqui sabendo que ele ainda tem um batimento cardíaco. Estou deixando-o solto -

deixando-o para causar mais dor, mais caos, mais morte. Mas, segurando a vida de Jade em minhas mãos, Benny terá que esperar. Vou deixá-lo com vida, mas em contrapartida, tenho Jade para cuidar... esse dia não será hoje. Eu a carrego de volta em direção ao meu carro, rezando. — Jade, oh Deus. Baby, vai ficar tudo bem. Fica comigo.

Meu primeiro instinto é parar e avaliar seu ferimento, e a quantidade de sangue que encharca seu vestido branco me diz que eu preciso levá-la ao hospital agora. Quando eu chego ao carro, eu empurro a porta, abrindo-a e a deslizo no assento do passageiro antes de pular no assento do motorista. Colocando a sua cabeça no meu colo, aplico pressão sobre a ferida dela. Lágrimas mancham suas bochechas e meu peito chacoalha desesperadamente com um choro querendo se libertar. Com um guincho dos meus pneus, acelero pela estrada.

— Macy. — Jade geme do meu colo. Seus olhos permanecem fechados e seus lábios estão ficando azuis, mas ela está murmurando o nome de sua irmã.

— Ela vai ficar bem. Você vai ficar bem. — eu garanto a ela, embora eu não tenha certeza se é verdade ou uma mentira.

Eu balanço minha cabeça quando penso no pobre filho da puta do Bo. O sangue cintila sobre a minha mão no luar enquanto eu seguro firmemente o volante. Minha outra mão empurra contra a ferida quente que escorre sua vida através de seu estômago.

Fique viva.

Fique comigo.

Fique.

Acelero meu carro até os limites, minhas sirenes e luzes brilham. Rasgando pela rodovia, eu grito ao parar antes de abrir a porta e corro através do estacionamento do hospital. Estaciono na entrada da sala de emergência, saio do meu carro e corro para pegar Jade.

— Vamos. — assobio. — Me ajudem! — eu grito para uma dupla de enfermeiras fumando na frente quando eu levanto Jade em meus braços.

Elas correm em minha direção com uma maca e empurram na minha frente. — Coloque ela aqui, senhor. — pede alguém. — Você pode nos dizer o que aconteceu? — pergunta a outra.

Um soluço vomita de mim enquanto eu a deito na maca, seus braços caindo para os lados, sem vida. Médicos a cercam, obstruindo seu rosto da vista enquanto eles entram com ela. Meus pés se apressam para acompanhar, ignorando as perguntas de uma enfermeira. Empurrando para o lado de Jade, eu agarro a mão macia dela e a aperto na minha. O frio de sua carne pica o meu próprio calor. Ela está congelando. Faça-a ficar quente, eu imploro.

Por favor, não me deixe.

Movendo através de portas e corredores, pessoas desaparecem e o ruído se torna um zumbido insistente. Logo estamos carregando-a para uma sala equipada com aparelhos que se conectam a fios e tubos enquanto ligam as máquinas. O ruído cresce à medida que as pessoas gritam termos médico umas às outras em tons autoritários. Meus olhos começam a ficar borrados quando começam a cortar seu vestido. Algo flutua até o chão e me inclino para pegar. Uma foto. Eu a coloco rapidamente no meu bolso sem olhar para ela.

— Isso está ruim. — murmura uma enfermeira, e meus joelhos quase se curvam.

— Você pode nos dizer alguma coisa, senhor? — pergunta outro.

— Ela foi esfaqueada. — eu sufoco. — Faca de 15 cm talvez.

A enfermeira acena antes de apontar para as portas. — Por favor, espere lá fora.

— Eu sou um detetive e o oficial que estive na cena.

Um homem em uniforme azul me arrasta para fora da sala para o corredor apesar do meu desejo de estrangulá-lo. — Isso é sangue dela ou você está ferido? — ele questiona.

Eu esfrego minhas mãos através de meu cabelo e começo a andar. — É dela. É tudo dela, porra.

Ele balança a cabeça. — Por que não vemos algo para você vestir e colocar nos pés?

Eu tinha esquecido que eu estava sem camisa e descalço. — Preciso de um telefone.

— Nós podemos conseguir isso também, — ele me assegura. — Sente-se. Eu volto já.

Minha mão vai para o meu bolso e eu retiro a foto que caiu de seu vestido, estudando a imagem.

De jeito nenhum.

As portas reabrem e uma enfermeira se aproxima de mim com cautela. — A mulher que você trouxe, você sabe quem ela é?

— Sim, ela é uma policial e eu seu parceiro. — eu a informo.

Ela estuda meu corpo quase nu com uma sobrancelha franzida. Parece um maníaco, coberto de sangue sem sapatos.

— Por favor, me diga que ela vai ficar bem. — eu sufoco.

A enfermeira me dá um sorriso sombrio. — Meus colegas estão trabalhando nela agora. Ela está em boas mãos. Reconheci a mulher do noticiário, aquela cujo sequestrador voltou para buscá-la.

Ela não está tentando fofocar. Simplesmente determinar qual protocolo precisa ser seguido e se eu sou quem eu digo que eu sou.

— Sim, ela é Jade Phillips. Mas não temos o suspeito sob custódia policial, então precisamos manter sua localização segura por enquanto. Sou o detetive Dillon Scott.

Ela assente com a cabeça. — Temos de telefonar quando uma vítima chega com facada ou ferimentos de bala. Você tem suas credenciais para provar que você é de fato um oficial?

É então eu avisto dois guardas de segurança apenas esperando perto da porta do primeiro andar que viemos.

— Desculpe. — diz ela suavemente, — é apenas precaução.

Saber que iriam protegê-la no caso de eu ser de fato o sequestrador foi reconfortante e minha atitude geralmente arrogante afunda profundamente dentro de mim, onde meu coração está.

— Está tudo bem. — eu grunhi. — Eu não tenho nada comigo, como você pode ver, mas se você me der um telefone, eu posso ligar para a delegacia e chamar alguém aqui.

— Isso vai ser perfeito. — diz ela com um sorriso. — Até lá, temo que precisemos que acompanhe esses homens lá fora.

Olhando para as portas de minha garota e, em seguida, para os guardas, eu aceno a cabeça concordando. Contanto que eu esteja entre

ela e a porta da frente para parar Benny se ele vier aqui, eu não me importo de sair.

* * *

O enfermeiro me trouxe um telefone e eu fico pensando sobre quem ligar depois de ver a foto que Jade tinha em sua posse. Minha mente ainda está cambaleando sobre o que fazer com a sobrecarga de informações. Está fazendo com que minha enxaqueca volte dez vezes. Tudo sobre Benny e esses casos, ainda não tinham uma conexão até agora. Ele tinha sido tão indetectável todos esses anos e peças perdidas em um quebra-cabeça fodido estão começando a se encaixar no lugar, revelando a imagem maior. O problema é que o quadro geral é muito mais feio do que qualquer um de nós imaginava.

Eu esmago os números no telefone. Segundos depois, Riley atende.

Ela é uma das mulheres que eu costumava ligar para transar, mas isso foi antes de eu estar dentro de Jade e completamente apaixonado por ela. Eu pensei que essa merda era para adolescentes e mulheres vertiginosas, mas porra, ela me bateu com toda força, arrancando o ar de meus pulmões e a ferrugem do meu coração.

— Olá. — ela diz delicadamente. Provavelmente a acordei.

— É Dillon.

Ela solta um longo suspiro. — Oh não, as coisas não funcionaram?

— Não, é por isso que estou ligando. — digo a ela, baixando a voz. — Eu preciso de um favor.

A linha fica muda. — Você parece estranho. Está tudo bem?

— Você está em casa? — eu pergunto, sabendo que seu filho Marvin estará lá e ela não poderá deixá-lo sozinho.

— Não, eu estou saindo do trabalho. Por quê? E aí?

Esfrego meu rosto e examino o saguão. — Você pode correr até minha casa? A porta está destrancada. Preciso de algumas

roupas. Minha carteira e crachá estão na mesa de cabeceira. Desculpe pedir a você, mas eu realmente não tenho mais ninguém agora.

As pessoas se despedem ao fundo e sua respiração se torna mais trabalhada. — Dillon, onde você está?

— Não entre em pânico, mas estou no hospital. Eu tive um pequeno acidente e preciso das minhas coisas.

— Ok. — ela parece confusa e relutante.

— Por favor, faça isso por mim. Eu vou compensar você.

— Você tem certeza que está bem?

Não.

— Eu juro.

* * *

Sessenta e nove minutos. Estão com a minha menina há sessenta e nove minutos e ninguém saiu para me dizer o que diabos está acontecendo.

— Dillon. — meu nome é chamado e meus olhos procuram a voz familiar.

— Riley. Estou aqui.

Ela solta uma rajada de ar através de seus lábios e corre para mim antes de jogar os braços em volta do meu pescoço. — Meu Deus. — ela diz. — Olhe para você.

— Não é meu sangue. — asseguro a ela.

Ela me solta e examina o meu corpo, franzindo a testa, arruinando seus belos traços. — De quem é o sangue?

— Isso não importa. — não para ela. Quanto menos pessoas que conhecem Jade estiverem aqui, melhor. — Negócio oficial da polícia.

Ela entrega minha mochila da academia. — Seus pés estão sangrando.

— Está tudo bem. — eu ignoro sua preocupação. Soltando a mochila na cadeira no corredor, eu a abro e puxo uma camisa limpa para fora, rapidamente colocando-a sobre a minha cabeça. Ela colocou uma muda de roupa completa. Até mesmo cuecas e meias.

Ela é uma boa mãe.

Meu distintivo reluz com o reflexo da luz. Eu me sinto mais nu sem meu distintivo do que sem roupas.

Eu o agarro rapidamente e dou a Riley um beijo rápido na bochecha. — Obrigado. Eu te devo uma.

Eu aceno meu emblema e os dois guardas que estiveram em serviço de vigia levantam seus ombros e movem suas cabeças como dois filhotes impertinentes.

— Desculpe, Oficial. — eles acenam juntos, mas eles não precisam se desculpar por serem cautelosos. Se isso significa que eles vão manter Jade segura, eles podem ser tão precavidos quanto quiserem.

— Posso ter uma atualização agora? — eu pergunto ao médico, mas esse pedido sai firme, como uma ordem.

— Vou ver se consigo para você. Podemos dar uma olhada nesses pés agora? — ele questiona, gesticulando para uma jovem enfermeira. Ela tem nos lábios batom vermelho brilhante e está sorrindo para mim, excitada. Ela deve ser uma estagiária esperando por pacientes. Quão fodido é isso?

Eu assistia *Grey's Anatomy*. Eles praticamente lutam sobre os pacientes. No entanto, eu não vou admitir que eu assisto essa série para ela. É um prazer que ninguém precisa saber. Um trabalho como o meu pode nublar sua cabeça, e às vezes bêbado tarde da noite, assistir isso ajuda a desligar minha mente.

Porra.

Jade ia chutar minha bunda se ela soubesse que eu gosto dessas séries femininas.

Mas eu daria qualquer coisa para ouvi-la me dizer isso. Ver a maneira como seus lábios se erguem de um lado e seus olhos brilham com malícia. Tirar sarro de mim era um de seus passatempos favoritos.

Jesus, espero que ela esteja bem.

— Senhor? — o doutor examina.

— Sim.

— Cortina três. — ele instrui. Agarrando meu braço, ela me leva até uma cama.

— Você vai entrar? — pergunta a enfermeira a Riley, e ela balança a cabeça.

— Muito obrigado por trazer essas coisas para mim. Vá para casa com Marvin e eu ligo para você mais tarde. — asseguro a ela.

Ela caminha passos a passo e eu vejo que ela está usando tênis e um casaco longo de gabardine. Se ele abrisse, eu aposto que ela ainda está usando suas roupas de trabalho.

— Você tem certeza?

— Sim, vá. Eu ligo para você.

Ela esfrega seu nariz enquanto olha entre a enfermeira e eu. — Ok. Então, me liga mais tarde. Não se esqueça.

Depois que ela sai, a jovem enfermeira puxa a cortina, fechando-a. — Sua namorada?

— Não.

Ela limpa meus pés e a dor é mais uma mera irritação do que qualquer outra coisa.

— Você se esqueceu de colocar sapatos?

Por que eu tenho que ficar logo com a faladeira? Pouco antes de eu abrir a boca e pedir a ela para não falar mais, a cortina vibra e o médico está de volta com a enfermeira que veio me ver quando eu entrei pela primeira vez.

— Detetive Scott. — diz ela. — Sinto muito por precisar de se identificar, mas a nossa primeira preocupação em situações como esta é a segurança da vítima.

Eu balanço a cabeça. — Apenas fazendo seu trabalho.

— Ok. — ela respira. — A paciente tinha uma perfuração abdominal até a lateral do quadril. — ela coloca a mão em seu próprio quadril para demonstrar, como se eu não tivesse segurado sozinho a

ferida quando eu a trouxe para dentro, eu sei onde ela foi esfaqueada, porra.

— A melhor maneira que eu posso descrever é, pense no quadril como uma articulação de encaixe, — ela faz um punho e cobre com a outra mão. — e em torno há a cápsula articular. Os tendões e os músculos são as camadas que recobrem.

Ok, o Dr. McDreamy nunca me ensinou sobre isso.

— A faca perfurou o músculo, bateu no soquete, e virou para o lado. Ela teve muita sorte. O ângulo em que a lâmina penetrou foi inclinado, e o quadril é muito denso. A lâmina não tinha força suficiente para penetrá-la e ela saiu pelo lado do quadril, portanto o dano é superficial. Ela terá pequenas cicatrizes.

— Espere, então ela está bem? — minha mão se solta do lençol que eu não tinha percebido que eu estava me agarrando. O batimento rápido do meu coração diminui. — Havia tanto sangue. — eu balanço a cabeça em descrença.

— Há um monte de vasos no quadril e o tamanho da ferida era bastante grande para um ferimento a faca. Acreditamos que a lâmina se moveu dentro dela.

— O que você quer dizer, com se moveu?

Sua sobrancelha sulca, seu olhar é preocupado. — Cortou de cima para baixo.

Um arrepio percorre meu corpo. Aquela vadia doente maldita agitou a lâmina que ela mergulhou em sua irmã.

— Ela está acordada?

— Ela está dormindo agora. Seu corpo teve outros traumas que precisam ser avaliados e acreditamos que ela pode ter algum trauma psicológico.

— Você pode falar em termos leigos? — eu digo.

Minha cabeça dói e meu coração está prestes a ter uma parada cardíaca.

— Acreditamos que a vítima foi estuprada e espancada.

Raiva surge através de mim. Aquele filho da puta a machucou, como eu sabia que ele faria. Eu vi a foto, mas não queria acreditar que

ele a tinha tocado assim. Meus pulmões se contraem e todo o meu corpo se aperta enquanto arrepios disparam através de minhas veias.

Respire. Porra, eu não consigo recuperar o fôlego.

Minha mão bate no meu peito quando a culpa me envolve em sua névoa de poluição. Isto é minha culpa. Eu não a protegi e ele a roubou. Estuprada e espancada. Eu quero quebrar as coisas, gritar, rugir pela injustiça de tudo. Mas vergonha e remorso mantêm toda a raiva e dor travadas dentro de meu corpo, me punindo de dentro para fora. Se eu pudesse rasgar minha pele e fugir do meu próprio corpo, eu o faria. Esse sentimento desamparado e sem valor, me faz sentir mais perdido do que jamais estive. Ela voltou a ter esse tipo de abuso novamente?

Eu estou tão envolvido com meus próprios pensamentos que eu não percebo ambas enfermeiras dizendo o meu nome e colocando as mãos em mim. A sala gira e todos os olhos estão em mim. O ar é sugado de meus pulmões e o chão se inclina embaixo de mim, inclina e afunda. Minha pele está muito apertada sobre meus ossos, mas uma picada no meu braço chama minha atenção.

— Desculpe. — a enfermeira me diz antes que meu corpo se transforme em líquido e eu caio na cama.

No abismo escuro que eu estive lutando.

Ao nada.

Preto.

Capítulo onze

Metal

JADE

Queimando

Rigidez.

Músculos doloridos.

Latejando.

Deus, eu estou doendo por toda parte.

Flashes de Benny, Macy, Bo e Dillon passam por minha mente como páginas de algum livro fodido de imagens de horror que eu estou estrelando. Meus olhos se abrem para evitá-los e fecham imediatamente quando a luz brilhante queima minhas retinas. Com meus olhos ainda fechados, eu tento fazer um balanço do meu arredor. Há algo no meu lábio, soprando ar frio pelo meu nariz. Movendo minha mão para tentar alcançá-lo e tocá-lo, paro quando percebo os fios aderidos em cima da minha mão, me restringindo. Ondas de calor sobem no meu corpo e minha pele formiga com a sensibilidade. Eu movimento minhas pernas para tirar o cobertor quente, mas o tecido dele arranha meu corpo, e vacilo quando sinto a dor no meu quadril.

Merda, isso dói pra cacete. Eu firmo minhas pálpebras para manter meus olhos abertos, mais lentamente desta vez, e o quarto começa a entrar em foco.

Estou em um hospital.

É como um déjà vu de oito anos atrás. Da minha posição, eu posso ver um homem com um uniforme de guarda de pé do lado de fora da porta e uma enfermeira de aparência frágil sentada em uma cadeira no fim da minha cama escrevendo em uma prancheta.

— Dillon. — eu gemo, e ela arrasta seus olhos da prancheta até os meus. Um sorriso sensibilizado levanta os cantos de sua boca. — Ei, não tente se mexer. Você tem uma lesão grave.

As memórias me inundam. Não há como escapar delas, mesmo com os olhos abertos. A verdade é que foi um pesadelo. Uma respiração viva, um verdadeiro pesadelo.

Macy me esfaqueou. Minha própria carne e sangue. Minha irmã caçula.

A dor constrange meu coração com esse pensamento. Ela não só me machucou, mas ela machucou Bo.

Ele morreu.

Por minha causa.

Deus, ela é tão louca.

Eu pisco as lágrimas, lembrando o olhar de pânico nos olhos de Dillon. Nós estivemos em inúmeros casos juntos, horríveis cenas de assassinato, estupros brutais, acidentes de carro fatais, mas nem uma vez eu vi o olhar desesperado e quebrado em seus olhos.

Meu pobre Dillon.

— Dillon. — eu chamo novamente.

— É o oficial que te trouxe? — pergunta ela, franzindo as sobrancelhas.

Graças a Deus que ele está bem.

— Sim. — eu gemo. — Onde ele está?

Ela caminha até mim e me dá um sorriso reconfortante. — Eu acredito que ele está sendo tratado de algumas lesões em seus pés.

— Ele trouxe qualquer outra pessoa? — eu pergunto enquanto eu tento sentar. A dor me corta em um lado do meu corpo, me forçando a permanecer deitada.

— Não, só você. Ele estava muito preocupado com você. O ferimento que você sofreu lhe deu um grande susto. Você se lembra do que aconteceu?

Movendo-se na cama apesar dos meus músculos protestando dolorosamente, eu suavemente pressiono uma mão no lugar onde Macy me esfaqueou. — Fui esfaqueada.

— Você foi trazida com um ferimento de faca, que nós limpamos, avaliamos, fechamos e cobrimos. Ferimentos como estes são suscetíveis a infecção, por isso preferimos cobrir a ferida e deixá-la curar de dentro para fora.

— Você pode dizer a Dillon que eu preciso dele? — eu imploro, não estou tão interessada em minha lesão neste momento.

— Você também teve outros ferimentos. — diz ela, se aproximando de mim e segurando minha mão mais perto dela. Sentindo a invasão do meu espaço pessoal, eu puxo minha mão e seu rosto empalidece.

— Desculpe. — murmura, segurando as mãos e recuando. — Temos um conselheiro descendo para falar com você.

Eu gemo. — Não, eu não preciso de um. Dillon. Por favor, me leve até ele.

— Vou pedir a alguém para descobrir onde ele está. — ela me assegura antes de sair correndo do meu quarto.

O caos chacoalha em minha mente.

Onde estão Benny e Macy?

Bo está realmente morto?

Dillon conseguiu derrubar Benny?

Como Dillon me encontrou?

Vamos passar por isso?

Um sentimento de raiva toma meu peito, eu percebo que estou em uma camisola de hospital e o vestido que eu estava usando não está por perto.

Eu puxo os fios da minha mão e o tubo, que agora sei que é oxigênio no meu rosto. Com um grunhido de dor, eu tiro os cobertores e tento me levantar. Tudo dói, mas é mais de uma dor maçante que reflui atrás da medicação para dor que eles devem ter me dado. Minhas pernas estão marcadas com contusões e arranhões. Os dois pés estão inchados, e não os sinto quando tento me firmar sobre eles. Quando eu

puxo a porta para abrir, o guarda lá fora se move para bloquear a minha saída. Seus olhos se arregalam e duas mãos gigantes se erguem, as palmas das mãos voltadas para mim. — Senhora, não deveria sair da cama.

Senhora. Por que as pessoas pensam que podem me controlar e me dizer o que devo e não devo fazer?

— Detetive Phillips. Não é senhora. — eu o corrijo com a voz mais dura que pude reunir. — Você precisa sair do meu caminho.

Seu rosto se contorce em um olhar de confusão enquanto ele procura pelo corredor, sem dúvida procurando um médico para apoiá-lo e me fazer voltar para a cama como uma boa donzela.

Segurando a ferida no meu quadril, eu dou a volta em torno dele. Ignorando o sussurrado ‘porra’ enquanto ele me segue. Eu passo através de um conjunto de portas e uma recepção com um tipo de mesa está posicionada diretamente na minha frente. Uma enxurrada de médicos e enfermeiras está se mexendo, checando arquivos e fofocando.

— Oh, não. — uma velha enfermeira com cabelos grisalhos presos em um coque se levanta. — Querida, você não deveria estar fora da cama. — duas outras enfermeiras caminham em minha direção, olhando para o pobre cara da segurança que provavelmente vai ter sua bunda mastigada.

— O vestido que eu estava usando quando eu cheguei. — eu resmungo. — Havia uma foto lá dentro. Cadê?

A velha enfermeira franziu a testa e envelheceu dez anos. — Suas roupas foram ensacadas como evidência. Se houver uma foto, estará com seus pertences, então não se preocupe.

Uma onda de ar me deixa e a tensão em meus ombros diminui.

— O homem que me trouxe para dentro... — eu fiz uma careta quando uma onda de vertigem me encheu. — ...você pode me levar até ele? — eu tropeço em uma fileira de cadeiras e me sento em uma antes que minhas pernas fraquejem. Minha mente está dizendo ao meu corpo para fazer coisas que ele não consegue. Meu estômago dói de fome e o enjoo rola por dentro por causa disso. Há fruta colocada em uma tigela no balcão onde todos estão em pé. Quando eu levanto para ficar de pé novamente, as duas enfermeiras correm para pegar meus braços uma de cada lado, e me ajudar a guiar os meus pés. Chegamos à sua bancada, e eu pego com avidez uma maçã da tigela e afundo os dentes

nela. Um suspiro me escapa quando o suco pulveriza na minha boca, regando a língua de algodão que eu tinha.

— Estou morrendo de fome. — eu anuncio enquanto mastigo. Uma rodada de risadas acende a atmosfera de outra forma tensa.

— Podemos trazer algo para você comer e beber. — a velha enfermeira me assegura. — Volte para o seu quarto.

— Eles estão aqui. — alguém anuncia, e sai do elevador para olhar para o corredor. Meu coração dispara em meu peito enquanto me viro para seguir seu olhar.

— Puta merda, Phillips. Você parece um inferno. — Marcus diz alto, balançando a cabeça e sorrindo para mim. Seus braços estão esticados, mas ele não me abraça. Em vez disso, ele coloca os braços com respeito delicadamente sobre meus ombros e aperta. — Você nos deu um grande susto. Estávamos procurando por você, mulher.

— E Dillon?

Ele franziu a testa para mim, preocupação aparecendo em seus traços. — Ele se irritou. Eles tiveram que nocauteá-lo um pouco. Ele não dormia desde o dia em que você foi levada. — o chefe Stanton sorri ao lado de Marcus.

— Fiz o chefe aparecer? — eu pergunto com um meio sorriso forçado que me parece estranho no rosto.

— Porra, você é direta, garota. — ele anda para frente, olhando para mim com admiração. — Como você fugiu? O que diabos aconteceu?

— É uma longa história. — e uma que eu não tenho vontade de discutir agora.

— E o homem que te levou? Este Benny... foi ele...?

Meus ombros levantam com um encolher de ombros. — Macy me esfaqueou e eu desmaiei. Eu não sei.

Por favor, permita que Benny esteja morto.

— Precisamos levá-la de volta ao quarto. — um homem com um jaleco branco interrompe, vindo para ficar ao meu lado com uma cadeira de rodas. Me sentei e então voltamos para o meu quarto com Marcus, Stanton e quase todo o corpo clínico junto.

Tanto tempo achando que as pessoas não gostavam de mim.

Quando eu fui trazida para o quarto do hospital que escapei, o médico disse a todos os outros para esperarem lá fora. Havia uma senhora de aparência familiar no quarto usando um avental mais curto que o do médico que conduziu a minha cadeira de rodas. Ela era a mesma mulher que eles trouxeram para me ver na primeira vez que escapei de Benny.

Ela é uma conselheira, uma psicóloga para falar do estupro.

Eu não quero vê-la nem falar sobre o que Benny fez comigo. Eu preciso esquecer esse trauma. Se eu me deixar reviver o que ele fez, meus demônios se ligarão com ele e eu ficarei presa atrás daquela cela. Preciso esquecer, ainda que por um tempo, até saber se ele está vivo ou morto.

— Olá, Jade, você se lembra de mim? — ela pergunta.

Eu sufoco um gemido e tento manter minha voz nivelada. — Sim. E eu sei por que você está aqui, mas eu não posso falar sobre isso agora.

Ignorando meu pedido, ela continua. — Quando você foi trazida, era aparente um hematoma em suas coxas e algumas lacerações recentes em torno de seu ânus indicando que você foi vítima de um crime sexual.

— Crime sexual. — eu rosnei. — Eu fui estuprada. Não engula coisas por minha causa, doutora. Eu vivi o ato.

— Precisamos fazer um exame interno. — ela diz sem rodeios, descartando minha raiva.

Uma comoção do lado de fora da minha porta desvia toda a nossa atenção, e então *ele* irrompe.

Dillon.

Capítulo doze

Couro

DILLON

Meu nome sibila de seus lábios como uma súplica. Nada estava me impedindo. Nem a droga que eles colocaram na minha veia para me acalmar. Nem todo o recinto do corredor do lado de fora de seu quarto.

Absolutamente nada.

Três passos eram tudo que me separava antes de eu cair de joelhos na frente de sua cadeira de rodas e pegar seu pequeno corpo em meus braços. A silhueta macia de seu corpo molda no meu e eu finalmente posso respirar. Ela não pesa nada enquanto a levo para a cama. Uma vez que eu a acomodo, eu a abraço novamente. Eu senti tanto a sua falta.

— Eu tenho a foto. — eu sussurro em seu cabelo. Seu corpo fica tenso em uma fração de segundo antes de suavizar mais uma vez. — Nós vamos ter que seguir o protocolo, mas manteremos esse pequeno segredo para nós mesmos por enquanto.

— Bo? — ela pergunta, puxando seu corpo quente um pouco longe de mim para encontrar meu olhar. Não há lágrimas em seus olhos. É quase assustador. Eu não posso determinar se ela está entupida de medicamentos para dor ou se ela está desligando suas emoções para lidar com tudo.

— Eu sinto muito, baby. — eu murmuro. — Ele se foi.

— Macy?

Porra, eu não tenho essa porra de resposta para ela. É errado eu desejar que ela estivesse morta, porque ela é louca e estar viva é um risco para a vida de Jade?

— Benny atirou nela para te salvar. — eu explico. — Não sei se foi fatal ou não.

Suas sobrancelhas se sulcam. — E Benny?

— Ele me deixou te levar. — eu engulo a raiva de não ter colocado uma bala em seu crânio. Ela está pálida e não há reação ao que estou dizendo a ela.

— Então, ele ainda está lá fora? — seu corpo cai contra a cama atrás dela.

Eu aperto minha mandíbula em frustração e nivelo meu olhar para ela. — Ele não vai chegar perto de você novamente.

— Foi o que você disse na última vez. — murmura, e isso me corta como uma faca. Eu mereço sua raiva.

— Eu sinto muito. — porque eu estou tão fodido.

Ela enrola um braço em torno de seu estômago. Seu peito sobe e cai como se tivesse um peso sobre ele. O médico avança para ajudá-la em seu desespero.

Preciso matar Benny. Jade nunca terá paz até eu fazer isso.

— Estou tão cansada. — ela exclama, um soluço está preso em sua garganta. Vê-la tão frágil é desconcertante. Tudo que eu quero fazer é um casulo com ela em meus braços e mantê-la lá até que ela seja minha Jade novamente. Apagar tudo que ela testemunhou e sofreu. Eu cheguei tarde demais para salvá-la.

Ela puxa as cobertas até o queixo. — Eu gostaria de descansar agora.

— Ninguém entra aqui. — falei ao médico. — Ninguém. Nem mesmo os oficiais lá fora.

Ele me dá um assentimento tranquilizador quando eu saio do quarto. Fecho a porta atrás de mim e todos os olhos pousam em mim.

— Que porra aconteceu? — exigem Marcus e Stanton juntos.

Eu arrasto meus dedos pelo meu cabelo e balanço a cabeça. — Ele foi para a porra da minha casa. Este cara tem bolas de bronze, mas ele está fodido. Ele pensou que fugiria disso, mas me deu a oportunidade de segui-lo de volta para o inferno.

— O quê? — seus músculos estavam tensos, e suas mandíbulas irritadas quando todos eles colocavam seus olhares em mim, esperando minha próxima respiração.

— Eu sei onde ele mora, onde ele a manteve. Preparem-se.

* * *

O suporte aéreo não relatou nenhuma vida detectada na imagem de calor, o que significa que, ou Deus está do nosso lado e Benny decidiu se matar antes que eu fizesse isso a ele ou ele não está aqui.

— Entre. — Hannity, a líder da equipe tática fala em nossos ouvidos. Com armas levantadas, subimos na propriedade. Mesmo nos dizendo que não havia nada sendo detectado na visão noturna, não podíamos ter a chance deles estarem errados ou Benny ter um truque na manga. Meu coração bate forte enquanto nos aproximamos de onde o corpo de Bo tinha sido deixado.

— Nós temos um corpo. A leste da propriedade, cerca de meia milha da estrada de terra. — diz Wade.

— Entendido, — responde Hannity. — Wade, fique com o corpo. O resto vá para a propriedade.

Thud.

Thud.

Thud.

Está escuro aqui, mas eu não posso usar o equipamento de infravermelho que nos daria uma visão melhor. Esses óculos de proteção estão me distraindo como o inferno, e eu quero ter um bom alvo se o filho da puta aparecer. Os braços são acenados para sinalizar que estão na porta da frente e as costas estão protegidas.

Boom!

A porta está aberta e nós entramos, os três em uma sala. Minha adrenalina aumenta fazendo meu sangue correr mais rápido.

— Lembre-se que tudo é evidência, então tente não contaminar nada sem precisar. — ordena Hannity.

Um coro de 'limpo' ecoa no rádio.

Com alguns gestos de mão, Hannity sinaliza para vários de nós segui-lo até um conjunto de escadas para o sótão.

Thud.

Thud.

Thud.

Meus olhos mergulham em cada canto do espaço em que entramos. É um sótão, que parece ter duas celas construídas.

As celas de Jade e Macy.

Uma onda de nojo passa através de mim.

— Limpo. — alguém à minha frente diz. — Não há ninguém aqui.

— Temos aqui um pouco de sangue fresco. — grita Marcus.

— Sangue aqui também, senhor. — outro oficial diz.

Meus olhos seguem para uma piscina de sangue no chão ao lado de uma cadeira com corda pendurada.

— Ok. — eu lamento. — Eu preciso que todos voltem para fora da casa sem tocar em nada. Precisamos fazer exames forenses aqui.

Tudo sobre este lugar faz meu corpo estremecer. Bonecas quebradas jazem no chão, esmagadas sob meus pés enquanto eu faço meu caminho para a primeira cela. É uma caixa de madeira com barras de metal como uma janela.

Para poder vê-la.

— Scott, você não deveria estar aqui, cara. — Marcus me avisa.

Ele está errado. Eu preciso estar aqui para que eu possa entender melhor o que aconteceu com ela. Seu cheiro permanece na cela, o que faz com que meu estômago revire. O colchão está manchado com sangue.

Filho da puta

— Detetive, eu vou precisar entrar aí e fotografar. Seria melhor se as coisas ficassem como você as encontrou. — diz alguém atrás de mim.

Eu não tinha percebido que eu tinha me movido para a cama e me sentado sobre ela, meus dedos agarrados em um cobertor jogado.

Conhecendo o procedimento, eu aceno a cabeça e saio, apontando para os cacos de porcelana. — Certifique-se de que todo o cabelo da boneca esteja ensacado.

Um oficial entra na cela seguinte. — Tem roupas aqui. Femininas. Diferentes tamanhos.

— Scott. — Marcus grita, segurando um celular no ar. — Encontraram a van com as placas que você lembrou. Abandonada a cerca de quatro milhas daqui. Sangue fresco no banco da frente, mas vazia.

Porra.

* * *

Comida e uma semana de sono é o que eu vou me recompensar quando finalmente pegar esse bastardo. Há um zumbindo com toda atividade em comparação com um silêncio habitual que estaria presente por aqui a esta hora da noite.

Estou indo direto para a sala de tarefas criada para este caso, quando uma mulher aparece no meu caminho.

— Você pode me ajudar? — ela pergunta, seu rosto comprimido de uma forma preocupada.

Voltando meu olhar para vê-la, percebo que ela é mais uma criança do que uma mulher. — Roberts. — eu grito para um novato pairando perto do bebedouro, e ele quase derruba o copo.

— Senhor? — ele diz, enquanto ele esfrega a mancha molhada em sua camisa.

— Ajude essa garota. — eu digo para ele em um tom grosseiro. — Por favor.

Ela me olha com terror em seus olhos. Então seu olhar nervoso, passa do novato, para Stanton, que está se aproximando. Com um rápido movimento de cabeça e olhos baixos, ela se afasta. — Esqueça. Não importa.

Eu franzo a testa para ela em confusão, me perguntando se eu a ajudei no passado. Antes que eu possa perguntar a ela qualquer outra coisa, ela sai do prédio.

— Detetive Scott. Sala de tarefas. Nós não temos todo o maldito dia. — Stanton resmunga, me sacudindo de meus pensamentos.

Eu ranjo meus dentes para me impedir de começar a dizer algo que possa me chutar para fora da força tarefa outra vez. A tensão é grande. Ele sabe que eu vou agarrá-lo a qualquer momento se ele tentar essa merda novamente.

Eu o sigo para dentro, ignorando as imagens de Jade presa com rostos de mulheres desaparecidas. Ao lado de sua imagem, está a imagem alterada mais velha criada há anos de ninguém menos que Benny.

— A casa? — eu pergunto, chegando direto ao ponto quando eu passava.

Marcus é o primeiro a responder. — Não está registrada nos registros de terras do condado. Nenhuma autorização de planejamento ou construção está nos arquivos. Nada arquivado na prefeitura, nem a van tem registro. Não sabemos quanto tempo está lá, mas temos um inspetor que vai determinar isso amanhã.

— E a terra? — pergunto. — Quem é o dono?

— É de propriedade privada de Bruce Rogers que vive fora do estado e possui várias terras e propriedades. Fizemos contato, e aparentemente sua fortuna era uma herança. A terra foi alugada, mas não há papel para provar isso. — Marcus me joga um arquivo. — Ele vem para o interrogatório e vai trazer toda a papelada dessa terra. Mas ele conseguiu que seu advogado enviasse um fax dizendo que a terra não tinha nenhuma propriedade construída sobre ela. Então, quem alugou a terra construiu a casa sem permissão.

Passo rapidamente pelo arquivo, mas resume tudo o que ele me disse. — Os túmulos?

Sua voz é grosseira. — Treze corpos foram recuperados perto da frente da propriedade.

Meu Deus. Há quanto tempo ele está aqui?

— Enterrar suas vítimas não é seu modo de agir. — Judith, nossa especialista no perfil de criminosos diz. Ela tinha trabalhado uma vez para o FBI, mas permaneceu na cidade uma vez que constituiu família. Enquanto ela é tecnicamente uma detetive, ela é especializada em perfis. — Acredito que os restos recuperados confirmarão minha teoria de que ele não matou algumas ou talvez todas as vítimas enterradas na propriedade. Corpos que foram ligados ao nosso suspeito são todos exibidos de forma dramática para sua diversão. Ele gosta da

emoção do show. Somos o público. Enterrá-los parece vir de alguém completamente diferente.

Eu aperto meus dentes enquanto escuto. Os túmulos não pareciam coisa dele de qualquer maneira. O que me perturba é que alguém colocou esses corpos lá. Essa merda foi ensinada a Benny. Barely conteve a raiva disfarçando, mas eu o mantenho na liderança. A última coisa que preciso é de uma explosão antes de ter a chance de juntar todas as peças, peças que conheço, mas precisam de mais provas.

Passaram trinta e seis horas desde que Benny estava à solta, e atacamos sua casa. Vai levar semanas para dissecar completamente esse lugar centímetro por centímetro. E Deus sabe quantos corpos vamos encontrar até lá.

Enquanto Judith e Marcus zumbiam sobre suas descobertas, minha mente voltava para ela.

Jade.

Preciso voltar para ela. Ela recusou o exame e ficou inconsolável, então eles lhe deram algo para dormir. Quando eu a verifiquei, ela parecia tão pacífica. No entanto, ter Jefferson de guarda do lado de fora de seu quarto vai irritá-la quando ela finalmente acordar. Mas é difícil para ela. Eu não posso ficar longe dela sem saber que eu tenho alguém lá que me chamaria se alguém tentasse entrar, incluindo qualquer policial. O tenente Wallis também ordenou que vários oficiais vigiassem o hospital caso Benny apareça.

No entanto, eu não acho que ele vai tentar qualquer coisa. Em sua própria maneira doentia, torcida, ele pensa que ama Jade e não arriscaria sua saúde apesar do fato de que ele não teve escrúpulos em infligir dor a ela. Isso ficou claro na maneira que ele reagiu entrando em pânico quando ela foi esfaqueada.

Não há dúvida de que ele está lá fora lambendo seus ferimentos.

Em algum lugar.

E vamos encontrá-lo.

Capítulo treze

Breu

JADE

Fazia três dias que eu estava presa neste hospital. Minha mente passava quase todos os minutos desperta procurando pistas. Eu não quero que certas partes façam sentido, mas elas fazem. Total nojento sentido. Estou quase com medo de contar a alguém, porque depois da minha recente provação com Benny, eu não estou em um clima muito confiante.

Mas Dillon?

Meu coração dói. Ele tem sido tão cuidadoso. Tendo seus braços fortes envolvidos em torno de mim, preenchendo alguns buracos novos dentro da minha alma que Benny tinha conseguido abrir com seu abuso psicótico. Dillon é o único em quem posso confiar. A única pessoa que ainda consegue encontrar uma maneira de cavar fundo no meu coração endurecido.

Eu fui injusta naquele primeiro dia no hospital. Quando eu o acusei de não me manter segura. Senti como se seu coração fosse cair no chão. Sua ingestão de fôlego, afiada em meus ouvidos. Vendo o modo como seus dentes se juntaram em frustração. Ele tem trabalhado no caso desde então. Cada noite, ele tropeça em meu quarto e trava no sofá por algumas horas curtas. Sempre saindo antes de eu acordar, mas sua presença persiste, sua promessa pungente no ar, me colocando em uma bolha protetora. Benny nunca vai me pegar de novo. Ele não vai permitir. Minhas emoções estão tão caóticas, elas causaram uma divisão entre nós, e só fica pior. Eu sei, no fundo, ele não é o culpado aqui. A única pessoa que posso culpar é Benny. Aquele filho da puta está lá fora e assim que eu for capaz, vou acabar com ele. Vamos acabar com ele. Juntos.

Estou sentada quando a porta se abre. Instintivamente, meu corpo se torna rígido quando eu empurro minha cabeça para me

certificar de que não é Benny ou qualquer outra ameaça. Eu provavelmente vou sempre olhar por cima do meu ombro, pelo menos até ele estar morto ou apodrecendo em sua própria cela.

Quando os olhos castanhos machucados se encontram com os meus, relaxo. Dillon caminha com uma expressão sombria. Em sua mão está um saco branco com manchas de gordura. Eu luto com um sorriso. Tão Dillon. O menino vive de rosquinhas e café. E ao mesmo tempo... sexo. Um estremecimento me envolve com o simples pensamento de sexo. Com Dillon, nós realmente encontramos algo bonito e bom entre nós. Foi tudo arruinado em um piscar de olhos quando Benny tirou tudo de mim. Agora, a própria ideia de sexo me faz apertar minhas coxas para me proteger. Não que Dillon fosse me machucar... eu só não quero pensar sobre o ato agora. Porque Dillon vai desmoronar meus alicerces e Benny vai rastejar de volta para as rachaduras, engolir meus pensamentos, envenenar o meu coração, e roubar meu espírito.

Eu não tenho certeza se eu vou querer isso.

— Eu trouxe para você o seu favorito. — ele me diz enquanto coloca o saco na mesa ao lado da minha cama. — Açúcar em pó cheio de limão.

Eu faço um rosto azedo para ele e ele ri.

— Estou brincando. Eu tenho um par de chocolates. — ele pisca para mim e o simples gesto descongela meu coração em alguns graus.

Os donuts parecem mais apetitosos do que a porcaria que eles vêm me alimentando nos últimos dias, então eu abro imediatamente. Ele me observa atentamente o tempo todo. A tensão no quarto é espessa. Nenhum de nós fala. Finalmente, depois de terminar, ele me dá um olhar cansado.

— Eu sinto muito.

Emoção borbulha em minha garganta e eu balanço a cabeça. — Não sinta. Sou eu quem precisa se desculpar. Isso foi injusto, Dillon.

Ele está ao pé da minha cama, os braços musculosos cruzados sobre o peito. Seu cabelo quase preto está em várias direções diferentes, círculos escuros em seus olhos injetados de sangue, e eu acho que ele não se barbeia há dias.

Dillon parece como eu me sinto.

Cansado.

Então é isso.

Desesperado para matar Benny e acabar com o pesadelo de uma vez por todas.

Me lembro de um tempo atrás, ele alegando que nós iríamos passar por isso. Juntos. Foi a lembrança dele que me fez passar os piores momentos com Benny. E agora que ele está aqui, tão poderosamente perto de mim, mesmo em seu estado exausto, eu sinto como se ele também pudesse me fazer passar por esse momento.

— Jade. — ele começa, seus olhos disparando até o meu. As narinas dele inflam, como se ele estivesse segurando as palavras. Quando o pomo de Adão se agita em sua garganta, ele parece visivelmente sufocar sua emoção, o calor de minhas próprias lágrimas queimam em meus olhos.

Fungando, eu estendo uma mão trêmula para ele. Como se alguém tivesse derrubado a barreira que nos mantinha separados, ele entra em ação e circula a cama para pegá-la. Seu calor é um tiro direto em meu coração, queimando memórias ruins em seu caminho. Com minha mão frágil em sua forte, eu me sinto inteira novamente. Segura e protegida. Amada.

Ele se senta ao lado da minha cama e segura minha mão em seu peito. Seu pulso dança contra os tecidos moles, tão fracos, mas tão fortes, trovejando sob meu toque. O ritmo corresponde à maneira como o meu próprio coração bate quando ele chega ao meu alcance. Nossas almas reforçam a força um no outro.

— Você sente isso? — ele pergunta, seu olhar escuro em mim.

Eu aceno e pisco as lágrimas que ameaçam derramar.

— É seu, linda. E quando você se foi, você o levou com você. Nós estamos fundidos por essa conexão, Jade, e não importa onde você esteja ou o quão longe estejamos um do outro, eu estou sempre dentro de você. Não ele. — ele murmura. Ele arrasta minha palma para sua boca onde ele coloca um beijo quente na minha pele. — Eu fiquei sem nada, apenas com a absoluta esmagadora necessidade de ter essa batida de volta. Mas só se você viesse com ela. Meu coração não vale nada sem você, Jade. Você é quem faz isso bater assim. Você. Minha alma está amarrada a sua. Pensando em você. Querendo você. — ele fecha os olhos e solta um suspiro pesado. — Amando você. Sinto muito

por não estar lá para te proteger. Me mata saber o que você passou. A raiva me consome. — seus olhos reabrem e seu olhar é mais suave. — Mas com você aqui, em meus braços, nada no mundo importa. Só o fato de você estar viva e segura novamente. Farei o que for preciso para me certificar de que ele nunca mais te machuque. Que você permaneça segura e em meus braços. Não importa quanto tempo demore para você confiar nisso, e confiar em mim de novo.

Eu não percebo que estou chorando até que ele se inclina para pegar um lenço da mesa de cabeceira. Com toques delicados, ele toca as minhas bochechas. Quando ele termina, ele se inclina para frente e pressiona um beijo suave na minha testa.

Um gemido estrangulado escorre da minha garganta enquanto o mundo ao meu redor se desvanece. As emoções e mágoa do passado de vários dias passam em torno de mim como uma névoa tóxica, me matando lentamente no processo. Flashes dos horrores que eu experimentei continuam a correr pela minha cabeça, mas eu não posso bloqueá-los. Eles simplesmente me consomem.

Estou tremendo em soluços altos quando seu calor me encobre. Ele sobe na cama ao meu lado e me puxa em seu abraço. Seu próprio corpo treme e eu sei que meu belo, forte e destemido Dillon está chorando também.

Como chegamos a isso?

Os detetives mais duros de nossa delegacia superaram com emoção em uma cama de hospital. Partido. Abusado. Rasgado em pedaços. Fragmentos de quem nós éramos uma vez. Mas, sendo mantido de encontro a seu lado com tal desespero, eu não posso evitar sentir nós estaremos bem, contanto que nós tenhamos um ao outro. Dillon veio para mim. Ele perseguiu, e perseguiu, e de alguma forma encontrou a casa de Benny contra todas as probabilidades. Depois de não ter pistas para continuar durante oito longos anos, foi Dillon quem finalmente encontrou uma maneira de chegar a Benny. E enquanto ele não podia impedi-lo indefinidamente, ele foi capaz de me arrancar desse pesadelo.

Reconstruindo nossas peças até que possamos respirar.

Amar.

Viver.

Às vezes, uma garota dura que está acostumada a se salvar precisa de um herói.

E talvez um herói precise de uma garota para salvá-lo também.

Nós podemos fazer isso.

Dillon e eu vamos sobreviver a isso.

Juntos.

— Dillon. — eu engasgo, minhas palavras são nada além de um sussurro. — Eu também te amo.

Ele acaricia meus cabelos e beija minha testa. — Eu sei, baby. Eu sempre soube.

* * *

Dillon e eu não falamos por muito tempo. Ele simplesmente me segurou até que eu chorasse todas as minhas lágrimas. Eu sei que ele está desesperado por respostas, querendo saber o que Benny fez, mas ele leu meu arquivo anterior. A mesma dança, em dia diferente. Benny apanhou bem onde parou, pegando o que não era dele e abusando deles até perderem um pedaço de si mesmos. Exceto que desta vez, eu tive que assistir minha irmã assassinar meu ex-noivo e depois enfiar a faca em mim.

Um estremecimento ondula através de mim.

— Você está com frio? — ele pergunta, sua voz rouca e seca.

Eu balanço a cabeça. — Estou bem.

Alcançando em seu bolso, ele pega a foto, e meu coração contrai novamente ao ver. — Vamos discutir isso?

Engulo e viro a cabeça para olhar nos olhos dele. — Eu a peguei no caminho para fora da casa de Benny. Isso é grande, Dillon. Como podemos levar isso de uma maneira que não exploda bem na frente de nossos rostos?

Ele olha fixamente para ela por um momento mais longo antes de empurrá-la com segurança em seu bolso de traz. — Usaremos esse segredo para nossa vantagem. Isso nos dá mais pistas para explorar.

— Precisamos começar imediatamente. — eu digo a ele enquanto me sento. — Eu preciso sair deste hospital para que possamos caçar o traseiro dele. Eu sei que você vai querer que eu esconda isso, mas...

Ele aperta meus lábios juntos para que eu pare de falar, seus olhos cintilando com travessuras. Um olhar que eu senti falta. — Você não vai ser levada para qualquer lugar nunca mais, do que depender de mim. Todo o departamento pode rir da minha bunda. Eu não dou a mínima. Eu vou carregar você comigo para todos os lugares. Quando eu disse que o pegaríamos juntos, eu quis dizer isso.

Seus dedos se afastam e eu não pude deixar de sorrir para ele. — Eu senti falta do seu traseiro mandão.

— Eu senti falta dessa boca atrevida. — ele diz com uma risada.

Nossos olhos se fecham mais uma vez, e a cada segundo que passa, sinto nosso vínculo se fortalecer. Benny abusou do meu corpo. Ele tentou cicatrizar minha alma. Mas meu coração nunca foi seu para foder. Dillon possui isso agora.

* * *

— Para onde vamos? — pergunto, sem reconhecer as estradas.

Dillon olha para o meu lado do motorista. — Algum lugar seguro.

Quando ele retorna seus olhos para a estrada, eu franzo o testa. Eu meio que esperava voltar para meu apartamento. Uma vontade de vomitar vinha se infiltrando dentro de mim com o simples pensamento de deitar na minha cama, a mesma cama em que minha irmã estava comigo enquanto segurava os olhos de Papai. Bile sobe na minha garganta, mas eu a engulo. A velha Jade pode ter discutido sua tática, mas esta nova mulher foi quebrada vezes demais para tentar fingir que é forte.

Eu não sou corajosa.

Brava como o inferno com Benny? Absolutamente.

Devastada pelas ações da Macy? Sem dúvida.

Esmagada pela morte de Bo? Certamente.

Mas o medo ainda pulsa através de mim como a tensão de uma cerca elétrica. É poderoso e implacável. Não há como desligá-lo. Se eu examinar isso muito de perto, eu vou ser atingida.

— Vamos para a sua casa?

Ele sacode a cabeça. — Não, ele sabe onde moro. Vou levá-la para um amigo meu do colégio. Brent e eu somos velhos amigos. Fomos para a academia de polícia. Ele se juntou à Marinha. Brent se aposentou das forças armadas e reconstruiu todo o equipamento na fazenda. Sua casa está fora do caminho e protegida. O cara é um teórico da conspiração. Câmeras de segurança em todos os lugares. Armas suficientes para lutar a terceira guerra mundial sozinho. Ele a manterá segura.

— Você disse a ele sobre mim? — minhas palavras são um sussurro. Eu odeio como estou fraca.

Dillon sacode a cabeça. — Eu só disse a ele que eu precisava manter alguém segura por um tempo. Brent não faz perguntas. Só sabe que eu não pediria isso sem uma boa razão. Isso é suficiente.

Depois de mais alguns quilômetros, ele vira uma estrada de terra. Seguimos até uma linda casa de fazenda com um telhado verde. Uma dessas máquinas que puxa óleo da terra está situada na frente, a ferrugem descascando o metal. Uma camionete vermelha velha está estacionada em um celeiro ao lado dele. Quando estacionamos, Dillon corre para me ajudar a sair do carro. Queria afastá-lo e provar que eu posso fazer isso, mas a verdade é que a medicação me deixa aturdida e chego a apreciar sua força quando me rodeia.

Deixo meu belo herói me ajudar a sair do carro.

— E aí cara. — Dillon grita, e o ruído alto me faz estremecer, mas felizmente ele não vê. — Chegamos, cara.

Um homem coberto de graxa da cabeça aos pés sai do celeiro. Uma grossa barba preta horrível protege a maior parte de seu rosto. Quando seus olhos se encontram com os meus, eles são os mais azuis que eu já vi. Apesar de seu exterior áspero, parece ser um gigante delicado. Os dois homens dão um daqueles abraços viris e riem. Me aquece ver sua amizade, mas com esse pensamento, a realização me lava.

Eu não tenho amigos.

Não desse jeito.

Não alguém que eu possa ligar e pedir grandes favores.

Meu único amigo verdadeiro é Dillon.

O calor inunda minhas bochechas. Benny roubou as coisas mais básicas de mim. Uma dessas coisas é a capacidade de ter amigos. Durante nossos anos de formação, quando Macy e eu podíamos ter feito amigos normais, Benny nos enjaudou como animais. Ele abusou de nós de todas as maneiras que ele podia imaginar. Por causa disso, ele me atrofiou socialmente. Alguma vez vou ter amigos?

— Esta é minha namorada, Jade Phillips. — Dillon diz, uma pitada de orgulho em sua voz. Meus pensamentos irritados se derretem, afastando os vertiginosos. Parecia que a eminência da morte estava me rondando, mas Dillon me olha como se eu fosse a coisa mais linda que ele já viu. E ele me chamou de namorada.

Isso é o que eu sou, certo?

Somos um casal oficial agora?

— Brent Calhoun. — o corpulento homem cumprimenta. — Você é pequenininha. Magra como meu cão basset que deu à luz um par de meses atrás. Pequena e maltratada, mas com um fogo nos olhos.

Eu atiro a Dillon um olhar nervoso, mas ele simplesmente sorri para ele. A confiança neste homem é evidente. E porque eu confio em Dillon, eu confio neste cara, Brent.

— Alguém já te disse que você parece um grande urso? — pergunto com uma sobrancelha arqueada.

Ele ri. — Só minha esposa, Cassy. Vocês duas vão se dar bem.

Dillon pisa ao meu lado e me oferece o braço. Eu agarro nele para não desmaiar. De acordo com meu doutor, eu devo fazer exames até tirar os pontos.

Quando entramos na varanda, uma mulher negra e alta, extremamente curvilínea e de peito grande abre a porta. Seus olhos são da cor do mel e seu sorriso é brilhante como o sol. A pedra em seu dedo trava meu olho, me lembrando da que Bo tinha comprado para mim. Eu vou ter que dar a sua mãe um dia, quando este caos acabar. Talvez até mesmo no funeral que está marcado para daqui a alguns dias.

— Eu sou Cassy Calhoun. — a mulher cumprimenta. — E quem é você, preciosa?

Eu sorrio fracamente para ela. — Jade Phillips. Obrigada por me acolher.

Ela acena, como se o que eu disse fosse um disparate. — Não seja boba. Um amigo de Dillweed é um amigo meu. Venha e me deixe ajudar você. Parece que você pode cair a qualquer momento. Eu vou te preparar algo delicioso. Colocar um pouco de carne nesses ossos.

Seu calor genuíno derrete meu coração frio e quebrado. — Eu gostaria disso. — e eu realmente gostei.

* * *

Dillon sai do banheiro do quarto de hóspedes onde estamos, quase nu, mas com uma toalha. Gotas de água correm pelo seu peito esculpido e eu não posso deixar de abrir um sorriso. Eu senti falta do seu físico perfeito. Seu sorriso imperfeito.

— Você precisa de alguma coisa? Você parece com fome. — ele diz, uma risada escapando dele.

Eu balanço a cabeça. — Ainda estou cheia do banquete que Cassy preparou. Ela na verdade não tinha que cozinhar toda essa comida para mim.

Ele coloca um par de jeans, mas não antes de eu ter uma bela vista de sua bunda, e depois se deita ao meu lado na cama. — Você viu Brent? Ela tem que cozinhar assim todas as noites para alimentar essa besta.

Pego sua mão e encontro seu olhar. — Obrigada por tudo isso. Você não precisava.

Suas sobrancelhas franzem. — Mantê-la segura é tudo o que importa para mim.

Meu sorriso é imediato, mas então eu me lembro dele falando com alguém em voz baixa depois do jantar na cozinha. — Quem estava no telefone mais cedo?

Ele beija o dorso da minha mão. — Marcus. Ele finalmente recebeu uma resposta do advogado sobre o contrato de arrendamento.

— Sim?

— Nossas suspeitas foram confirmadas.

O medo escorre através de mim. Na parte de trás da minha mente, eu guardei a tira da dúvida que eu estava de alguma forma confundindo o homem da imagem. Não era alguém em quem eu respeitava e confiava.

— O tenente Wallis está por toda parte, exigindo atualizações sobre o caso. Graças a Deus Marcus é um bom policial. Ele sabe o que está em jogo aqui e até que ponto as raízes desta descoberta poderiam potencialmente ser. Os federais estão envolvidos agora no caso. Um de seus agentes está trabalhando ao lado de Marcus nesses novos detalhes. Atualmente, somos os únicos quatro que sabem sobre o contrato de arrendamento do terreno e da foto.

Se Wallis perceber que estamos escondendo informações, ele não terá dúvidas em despedaçar o departamento de polícia até que ele tenha respostas. Isso simplesmente não pode acontecer.

— Ele tem olhos em Wallis, certificando-se de que ele não saiba muito. — ele me assegura.

— Sobre o que...

— Ele não faz ideia, mas tenho certeza que ele está correndo atrás. Eu estava observando-o para notar qualquer reação. Eu o conheço o suficiente para reconhecer quando ele está desconfortável. O homem tem algumas explicações a dar. Só até que tenhamos mais para continuar. Isso poderia ser fechado antes mesmo de ter a chance de começar. Muita coisa deu errado. — ele passa os dedos pelo cabelo, e resmunga, — Outra razão pela qual você não vai sair da minha vista. Não podemos confiar em ninguém além de Marcus neste momento. Não tenho certeza até onde vai a lealdade no departamento, mas não vou correr riscos.

A medicação para a dor que tomei anteriormente faz com que meus olhos se fechem, apesar dos milhares de pensamentos que correm pela minha mente. Devo ter cochilado porque acordo quando os fortes braços de Dillon me colocam ao seu lado. Meu braço cobre seu peito quente no escuro, e pela primeira vez no que parece ser para sempre, adormeço sem medo.

Estou segura.

E eu durmo sem me preocupar.

Também não me preocupa o fato de que quando eu deslizo a minha mão para baixo de seu estômago tonificado há um metal grosso enfiado em suas calças.

Se Dillon não puder me manter segura, sua Glock com certeza irá.

Capítulo catorze

Aranha

BENNY

Sentado na frente de uma antiga casa abandonada a vários quilômetros da cidade, ignoro os gemidos de Macy na parte de trás do carro. A raiva atormenta meus pensamentos, não me dando nenhum alívio. Eu poderia sufocá-la até a morte com as minhas próprias mãos, apreciando o pulsar desvanecendo sob as pontas do dedo, e ver como sua pele empalidece e seus lábios se tornam azuis. Ela merece isso pelo que ela fez.

Em vez de machucá-la, a levei para dentro e tirei a porra da bala dela. Minha raiva e tristeza se misturaram em uma tempestade de desespero por ter que deixar aquele idiota de merda levar minha bonequinha suja. Depois de esperar tanto tempo para tê-la de volta, ela estava mais uma vez longe de mim, e além disso, agora também da nossa casa.

Recebi a chamada que um carro tinha sido deixado para mim, peguei meu carro e dirigi para uma parada de caminhão onde eu estanquei o sangramento dela e coloquei novos curativos no banheiro. A bala atravessou seu ombro superficialmente. Eu pensei que ela estava morta da maneira como ela caiu como uma bonequinha de pano. Sempre teve uma queda pelo o drama.

Deveria tê-la deixado morrer. Trazê-la comigo quando eu não tenho ideia de qual será o meu próximo movimento foi arriscado. Ela é imprevisível.

Meu olhar se fixa no espelho retrovisor e a vejo se contorcendo no assento. Ela está com dor, mas não merece qualquer medicação. A dor é o seu castigo e ela deve ser grata. Tudo está arruinado por causa dela.

Porra, eu deveria ter colocado uma bala em seu coração. Ela é uma enorme responsabilidade. O pensamento me incomoda, mas deixá-la morrer teria sido uma dupla perda. Ela tem sido uma parte da minha

vida por tanto tempo. Se eu fosse perder a minha bonequinha quebrada, depois de já perder a minha bonequinha suja, que propósito eu teria? Eu não sei como seria se eu perdesse as duas.

No entanto, tê-la de volta não é uma opção agora. Não quando minha bonequinha quebrada está tão fraca e minha casa comprometida. Mas meu coração ainda dói pela perda da minha bonequinha suja.

Por que ela não podia simplesmente se deixar amar por mim?

— Ela correu para a faca. — as palavras de Macy eram repetidas desde que eu a coloquei no veículo horas atrás. — Minha lesão é pior que a dela. Ela tentou fugir. Nós duas fomos ruins.

Recebi uma ligação me dizendo que eu precisava correr, isso veio com aborrecimento e alegria misturados, porque com essa ligação veio a informação de que minha bonequinha suja estava bem. Estava viva.

Dirigir sem ter uma direção ou plano é inquietante, razão pela qual eu não esteja ansioso para sair desta cidade. Eu nunca morei em qualquer outro lugar a não ser na casa que agora foi descoberta, tudo porque meu orgulho masculino precisa ver este Dillon de frente para saber se aquele bonequinho estúpido estava mentindo sobre eles. Eu criei um desejo sexual dentro dela e não estava por perto para satisfazê-lo, então ela se relacionou com Bo, e então encontrou uma melhor companhia em Dillon 'Logo Morrerá' Scott.

Meu interior zumbiu com raiva.

— Benjamin. — minha bonequinha gemeu no banco de trás.

— Cale a boca antes que eu a castigue tão duro que você não será capaz de andar. — eu estalo.

O reflexo do fogo pisca em seus olhos. — Como você vai me punir? Você vai me espancar de novo?

Ignorando-a, fecho os olhos e penso na minha linda bonequinha. Como ela estava bonita no vestido branco que era para ser usado em uma ocasião especial. Eu queria empurrá-la para o chão e foder com ela empurrando seus quadris. Em vez disso, minha bonequinha quebrada arruinou tudo.

Ela deveria ser punida. Ela nunca vai aprender se ela não for punida.

— Benjamin. — ela canta na parte de trás, me provocando de propósito.

Antes que eu consiga me segurar, eu já estou abrindo a porta para punir minha bonequinha quebrada. Quando abro a porta do quarto, ela está esperando por mim. O vestido que ela está usando está sujo e rasgado, pendurado pelo ombro que eu tive que remendar, descobrindo seu mamilo pontudo. Minha mão coça para esbofetear seu seio até que fique preto e azul.

— Eu fui tão ruim. — ela me lembra, abrindo as pernas.

Esta bonequinha me desagrada e não me deixa esquecer a bonequinha quebrada e feia, o que tem sido um teste para mim. Todos os meus instintos me dizem que ela está arruinada e deve ser destruída, mas ela me trouxe a bonequinha suja.

— Venha aqui. — rosno, agarrando-a pelo pulso. Eu a puxo para fora do carro e ela não resiste enquanto a arrasto para a velha casa com janelas quebradas. Eu passo pela porta e nós dois tossimos por causa da poeira. Está escuro e há um cheiro de mofo no ar condensado.

Sua outra mão desliza pelo meu braço e ela sussurra, — Eu sou sua bonequinha bonita. — um cacarejo deixa seus lábios, assombrando a casa que estamos. — Mas eu posso ser sua bonequinha suja também. Posso ser o que você quiser, Benjamin.

— Cale a boca! — eu rujo e a empurro para o chão, batendo meus punhos em minha cabeça. Pensar ouvindo esses loucuras, é impossível. Plano. Preciso de um plano. A miséria de não ter minha bonequinha suja já está me consumindo. Tudo o que tenho dentro de mim é o amor por ela e a raiva por todo o resto. Se eu não posso ter um, então eu vou satisfazer o outro.

Eu chuto a bagunça quebrada no chão que ela é, e ela solta um grito que me lembra de sua irmã. Quando ela não está cacarejando como uma maldita louca, ela tem o mesmo tom em sua voz que sua irmã, doce e caprichosa. Deixa meu pau duro. Eu fico cego com raiva e desejo quando eu rondo seu corpo rastejando. Quando eu a alcanço, eu pisoteio sua bunda até que ela fique estirada no chão.

— Bonequinha suja no chão sujo, — eu assobio quando eu arranco meu cinto. Chicoteá-la até que ela sangue é atraente agora. Bater até que ela feche a boca. Puni-la até que ela esteja inconsciente por arruinar tudo.

Ela arruinou tudo.

Eu a odeio.

Mas então ela geme e soa muito como minha bonequinha favorita. Com um rosnado, eu abro os botões em minhas calças jeans e puxo meu pau duro para fora. Empurro seu vestido imundo por suas coxas e por cima de sua bunda. Graças a merda, eu não consigo ver bem na casa escura. Eu não quero ver o que estou fazendo.

Eu só quero fazer isso.

Meu punho se torce em seu cabelo e eu empurro sua cabeça para trás com uma mão enquanto eu aperto meu pau latejante com a outra. Seu traseiro avança no ar, implorando para que eu a foda. Ela é uma prostituta.

É tudo o que ela sempre quis, e isso me enoja o suficiente para querer dar a ela uma lição. Estocar a torto e a direito em bonecos sem vida não é foder. Ela quer ser fodida. — Bem, foda-se! — eu rujo em seu ouvido.

Seus sussurros não soam como ela. — Você quer ser minha bonequinha suja. — eu rosno, dirigindo em sua buceta gotejante.

O grito dela é familiar e me faz gemer de prazer. Eu gosto de seus gritos. Eles são crus, reais, meus. Eu quero todos. Uma vez que meu pau está molhado, eu o puxo completamente. Ela choraminga e implora, silenciosamente implorando por mais. *Bem, foda-se.*

Não seria um castigo se eu a recompensasse, não é?

Eu penetro os apertados anéis de sua bunda. É a minha única advertência antes que eu a quebre. Ela quer ser igual a sua irmã? Bem, aqui está a sua maldita chance. Desta vez, seus gritos são estranhos e aterrorizados. Ótimo. Seus bonecos estúpidos nunca a foderam aqui. Ninguém a penetrou aqui.

— Benjamin! — ela grita, seu corpo se contorcendo para fugir.

— Você merece isso! — eu rujo, lutando contra a bile que quer derramar. Odiando-a. Me odiando.

Eu avanço em seu rabo apertado com toda a força que eu consigo, puxando seus cabelos até que eu sinto descolar da raiz, enquanto me forço dentro e fora viciosamente e impiedosamente.

Meu pau se torna lubrificado no seu ânus, quando é rasgado com a espessura do meu pau entrando brutalmente nela. Visões de minha dança com a minha bonequinha suja piscam na minha memória.

Tão bonita.

Tão perfeita.

Tão suja.

Lágrimas.

Lágrimas.

Lindas lágrimas da minha bonequinha que nunca chora.

— Chore, chore por mim, sua bonequinha de merda.

Isso me satisfaz e quase me leva a perder o controle. Quase. Com um rosnado de fúria, solto o cabelo dela e rasgo seu curativo. Ela uiva como uma pantera apanhada em uma armadilha quando eu cavo meu polegar no buraco de bala em seu ombro. Fazendo-a sentir a dor que sinto. Como é a sensação de ter um buraco enorme em sua alma fodida e alguém cutucando seu sofrimento.

— Você fez isso! — eu grito. — Você!

Ela soluça, mas concorda. — Eu fiz...

Minhas bolas se contraem e eu solto um gemido de desgosto quando meu pau amolece dentro de sua bunda maltratada. Gozar é impossível quando a realidade de quem eu estou fodendo me bate. — Eu sou uma boneca má. — ela lamenta. — Me puna um pouco mais, Benjamin.

Eu saio dela e a deixo cair no chão.

Eu estou pondo meu maldito pau insatisfeito para dentro das minhas calças quando ela começa seu riso maníaco. E isso apaga a imagem de sua irmã e me irrita pra caralho.

— Eu te amo, Benjamin, — ela grita.

Eu te odeio.

Eu me odeio.

Eu odeio que ela me forçou ir tão longe, e neste momento, com sua boca estúpida cacarejando, eu quero odiar sua fodida irmã por me deixar e nos levar a todos a este momento.

Batendo do lado da minha cabeça, eu tento expulsar o horror do que acabei de fazer.

Você é um pervertido, Benny.

Meu estômago está enjoado e acho que posso vomitar. O que eu fiz?

— Benjamin e eu, sentados em uma árvore. — ela canta. — FODENDO!

A raiva infesta cada molécula dentro de mim e eu a agarro pela garganta, arrastando-a até ela ficar de pé. O luar derrama de um buraco no telhado brilhando em seus olhos enlouquecidos. Todas as imagens de sua irmã se evaporam nas partículas de poeira.

— Eu não sou um pervertido. — lembro a ela, com todo o meu corpo tremendo de fúria. Matá-la e enviá-la em pedaços para a minha bonequinha suja seria um castigo adequado para ambas, mas eu não posso fazer isso.

Ela sorri para mim e eu rosno enquanto aperto sua garganta até que ela desmaie. Seu corpo quebrado se desmorona no chão no momento em que a solto e eu olho para ela.

— Eu não sou um pervertido, — eu assobio.

Você é um pervertido, Benny. Ela é apenas uma garotinha. Você é doente, doente, doente como seu Papai.

Minha palma não afasta a loucura, então recorro a usar meu punho.

— Eu não sou um pervertido!

Eu.

Não.

Sou.

Um.

Perverso.

* * *

— Ele me tocou. — ela estremece.

— O quê? — a raiva enrola meus músculos, tencionando todo o meu corpo enquanto eu olho para Bethany sentada em sua cama de solteiro. Papai apareceu do nada. Apenas sentou na nossa mesa de jantar como se ele fizesse isso há anos. — Olhe para você. — ele tinha assobiado para Bethany quando ela entrou usando o vestido novo que eu tinha feito pacientemente para ela, apesar de sua agitação. — Venha se sentar no joelho de seu pai, — ele cantarolou, e eu queria enrolar minha mão em um punho e dar em sua cara presunçosa.

Eu tinha crescido mais desde a última vez que nos víamos e, facilmente era maior que ele. Ele parecia gordo na área da barriga. Os olhos de Bethany se arregalaram quando ela digitalizou a mamãe e depois a mim. A mão de Papai bateu com força na frágil mesa de madeira, derramando as bebidas e a porcelana tilintou.

Eu vacilei e culpei o frio. Maldito seja ele e sua impressão duradoura sobre o garotinho escondido debaixo do corpo de homem que eu sou agora.

— Não deixe seu Papai esperando.

Bethany arrastou seus pés para onde ele estava sentado, olhando para mim antes de seu braço enrolar em torno de sua cintura e a puxar para cima dele.

Perverso nojento.

Ele saiu um pouco depois. Depois de pedir a mamãe um divórcio e mamãe jogar seu purê de batatas nele.

— Ele se foi agora. Ele não vai voltar.

Sua cabeça se inclina para cima e seus olhos grandes, verdes e expressivos se fixam nos meus. — Ele disse que voltaria no próximo fim de semana e ele quer me levar no carro da polícia. — seu corpo treme enquanto fala. — Na parte de trás porque eu sou ruim.

Uma lágrima cai na bochecha dela e as lembranças do tempo em que ele me levou com ele em seu carro invadiram minha cabeça. Não está claro, mas olhando para trás, eu agora sei que ele estuprou aquela garota

no banco de trás. Quantas outras meninas haviam sucumbido à forma como ele as abordava?

— Eu não quero perder minha virgindade desse jeito, Benjamin. Eu sei o que ele planeja. — minha respiração aumenta de raiva por aquele homem.

— Você não vai. — garanto a ela com um rosnado. — Eu vou dizer a ele que você não vai.

— Eu quero que você faça isso. — ela balança a cabeça e pega pelas minhas mãos, que estão estendidas nas minhas laterais.

Perverso.

As palavras corrompem meus impulsos e comicham a pele que está formigando. Minha cabeça treme. — Você não sabe o que está dizendo. Eu não sou um perverso, Bethany. — eu cuspi como um chicote e ela se encolhe enquanto ela responde.

— Tenho dezessete anos, Benjamin, — ela morde. — Isso é mais do que suficiente.

A guerra explode dentro de mim, os desejos de tomar seu corpo depois de dormir com ela e segurá-la, me invade, mas as palavras de mamãe ecoam pelos cantos vazios de minha mente.

— Ela é minha bonequinha bonita. Sua irmã.

Mas ela não é minha verdadeira irmã. E ela é minha linda bonequinha, mais do que ela é de Mamãe.

— Por favor. — ela implora. — Me deixe ter algo de minha própria escolha. Você me ama, certo?

Eu?

Sim.

Sim, mais do que deveria.

— Então me ame. — ela começa me puxando para mais perto, salpicando os lábios sobre minhas mãos antes de se levantar na ponta dos pés. — As palavras não ditas sempre estiveram aqui, Benjamin. Me ame como eu amo você. — pressionando seus lábios contra os meus, ela persuade minha boca e mergulha sua língua para dentro. O calor invade minhas coxas, engrossando meu pau.

— Ok. — eu respiro contra ela.

Recuando, ela sorri, e a mancha de batom vermelho em sua pele de porcelana acende o fogo em meu intestino, mas provoca uma contração na minha palma. Puni-la ou amá-la.

— Eu voltarei esta noite quando mamãe adormecer, juro.

** * **

As pessoas me irritam. Mesmo passando por mim, se seu corpo se aproxima demais, sua existência mundana me toca, isso me deixa louco. Eu mantenho minha distância e não faço contato visual com as duas meninas rindo uma com a outra enquanto elas continuam olhando para mim. Tudo o que posso pensar é pintar seus rostos da maneira correta, em vez da tentativa terrível que elas fizeram. Parece que elas têm lesmas nas sobrancelhas. Elas acham isso lindo?

— Diga a ela para tomar a pílula. — uma das garotas que vêm andando pelo corredor, avisa.

Eu viro a cabeça em sua direção, visões de esfregar seu rosto e corpo até que ela sangre, vem na minha mente.

— Oh Deus, ele está olhando para você. Talvez ele não tenha uma namorada. — a ruiva ri.

— Ele está comprando preservativos. — argumenta a loira.

A ruiva encolhe os ombros. — E daí?

— Eu estou tomando a pílula. — a loira se desvanece, ignorando sua amiga. — Estou salva usando essas coisas desagradáveis. — ela morde o lábio e eu estou esperando que seus dentes perfurem a pele.

Eles não perfuram.

Ela caminha na minha direção e os pelos do meu pescoço se arrepiam. Ela fede a perfume barato e ela está no meu espaço. Meu corpo se endurece quando ela se inclina e sussurra. — Venha para o Ace Roller Shack algum dia.

Seus cabelos parecem quebrados pelo excesso de spray de cabelo que ela usou para manter os cachos. Ondas de ansiedade inundam através de meu corpo. Impulsos fortes e impensáveis surgem em minhas veias. Eu quero lavá-la, limpá-la em seu próprio rio de lágrimas e sangue.

— Jess, vamos lá. — reclama a ruiva. — Ele está me assustando. — seu tom é suave, mas eu sinto uma ironia em sua voz.

Afastando-se de mim, elas deixam o corredor e tudo que eu quero fazer é sair daqui. Há caixas demais com merdas diferentes escritas nelas, para putas como estas. Com nervuras para seu prazer. Extra fino. Sabores.

Saindo de mãos vazias, eu pensei em seguir essas duas prostitutas para ensinar a ambas uma lição, mas o carro do meu pai estacionou junto à minha caminhonete, e precisei mover meus pés em direção a ele.

— Fique longe de nós. — eu lati antes que ele saísse do carro.

— O quê?

— Você me ouviu. Bethany. Ela está fora dos limites de sua perversão.

Sua mandíbula trava e o brilho em seus olhos cintila. Normalmente eu ficaria com medo, sabendo que eu não andaria por uma semana depois de sua punição, mas eu não sou mais esse garoto. Ele não me controla com medo. Eu poderia torcer o pescoço dele com metade do esforço que ele faria.

— Sua mãe acaba de assinar os papéis. Eu estou vindo de lá. — ele sorri para mim e há uma felicidade nele. O sorriso se estende mais no seu rosto, deixando as bochechas mais cheias que ele normalmente já tem.

— Se você a tocar, eu mato você. — eu aviso.

Seu sorriso cai e um dedo sujo escava em meu peito enquanto ele tenta me intimidar. — Cuidado com quem você está falando, garoto! — ele me repreende antes de fechar os lábios. — Ela é um pouco velha demais para meu gosto de qualquer forma. Entretanto, tem uma boca... ela precisa de punições mais duras.

— Vá se foder. — eu rosno. — Fique longe.

Soltando o suporte para a arma, seus olhos piscam de raiva. — Eu vou fazer o que eu quiser. Não se esqueça quem é o dono daquele lugar. Se você falar comigo dessa forma novamente, eu vou buscar sua bonequinha bonita. Vou fodê-la até que sua mãe a coloque no túmulo com o resto delas.

Ele levanta a mão e sorri satisfeito. — Ela grita demais. Não é acostumava com um pau grande, hein?

Filho da puta

Sem mais uma palavra para aquele idiota, eu vou para o lado do motorista da minha caminhonete, ligo e dirijo para casa. As rodas espalham a terra quando eu faço uma parada brusca na vaga improvisada. Dou longos passos para dentro da casa, os nervos comendo o meu estômago enquanto abro a porta e ouço soluços.

Mamãe.

Thud.

Thud.

Thud.

Meus pés se movem em câmera lenta pelo corredor até o quarto de Bethany, onde mamãe anda de um lado para o outro. Memórias piscam na parte de trás da minha mente de todos aqueles anos atrás, quando eu acordei com esta exata cena.

— Mamãe? — meu tom é irreconhecível para meus próprios ouvidos.

Ela se assusta e morde as unhas.

Thud.

Thud.

Thud.

Meu coração dispara quando me aproximo e empurro Mamãe para ver Bethany.

Minha alma é drenada de mim. As paredes se fecham e o teto cai sobre mim, me esmagando. O chão me devora, me afogando em suas profundezas escuras.

— Ele bateu nela. — ela murmura. — Marcou seu rosto bonito, Benny.

Ela está deitada na cama, seus olhos bem abertos, olhando para mim sem luz. — Ele disse coisas ruins para mim e bateu nela antes de cortar seu rosto. Ela está quebrada.

Uma fúria cega desfigura a minha sanidade, fervendo, incendiando a minha pele.

Ele a tirou de mim.

Ele matou Bethany novamente.

Um frenesi de tempestade se agita dentro de mim. Virando-me, agarro a mamãe pela garganta e a coloco contra a parede. Suas mãos prendem meus braços como um gato feroz. Olhos selvagens se arregalam e seu cabelo salta enquanto ela briga comigo.

Morra.

Merda, morra.

Filha da Puta, morra.

Eu te odeio.

Eu me odeio.

Eu a odeio por me deixar sozinho.

* * *

Um gemido da minha bonequinha quebrada me traz de volta de minhas memórias.

Temos o assassinato de nossas mães em comum. Todo mundo me deixa, mas não minha bonequinha quebrada e eu sei que é por isso que eu a mantenho por perto. Ela quer ficar comigo e ela preenche o vazio o suficiente para entorpecer a dor que sua irmã deixou. Ser livre nunca vai acontecer. Minha bonequinha suja nunca vai desistir do desejo de lutar comigo, fugir, então eu tenho que persegui-la e encontrá-la, mas se morrêssemos, poderíamos ser verdadeiramente livres, juntos. Ela não poderá escapar de mim se eu matar nós dois.

— Dói. Tudo dói. — minha bonequinha quebrada geme.

Sim. Tudo dói e precisa parar.

Precisa terminar.

Ela precisa ter um final.

— Vá dormir. Nós vamos ficar aqui por um tempo... até eu descobrir algumas coisas.

Capítulo quinze

Corvo

DILLON

O spray do chuveiro zumbe pela porta e eu estou lutando contra o homem em mim que quer abrir a porta e ver minha garota. E me juntar a ela. Minha ansiedade em curá-la e superar todo o resto. Sua cura mental, bem como fisicamente, vai levar tempo e paciência. Vou dar a ela tudo o que ela precisa. Eu só queria saber como seria isso. Ela me deixou segurá-la na cama ontem à noite e não se assustou nem tremeu. Seu traseiro balançado contra meu pau e ter que pensar em qualquer outra coisa foi um teste para minha força de vontade.

Tenente Wallis comia um sanduíche de atum e comparando-o com uma ex ele ainda estava fodendo - foi onde eu me forcei a parar meu pau a contra o lugar onde Benny fodidamente a violentou.

Minha pobre menina.

Eu mergulharia no mar mais profundo e viajaria para a estrela mais distante se eu conseguisse capturar seu estuprador.

Eu nunca quis mais uma coisa na minha vida inteira. Bem... talvez colocar um anel em seu dedo e nunca deixá-la sair de meus braços.

A porta se abre e uma parede de névoa se dissipa sobre minha pele antes que ela apareça. — Oh Deus. — ela se encolhe, segurando sua toalha tão apertada que os nódulos dos dedos ficaram brancos. — Você me assustou. O que você está fazendo?

Seu cabelo está molhado e adere a sua pele macia. Pequenas gotas de água escorrem ao longo do seu peito e eu resisto ao desejo de as lambar... apenas resisto. Fico lá, mudo, como um idiota de merda, sacudo a cabeça e aponto para o chuveiro. — Eu estava indo...

— Indo?

— Tomar banho. — eu minto. Melhor do que ela pensar que eu estava aqui fora tendo pensamentos libidinosos dela.

— Eu tirei o curativo. — ela morde o lábio e olha para mim por baixo dos cílios.

— Ok... — meu pau engrossa a cada segundo e não importa quantas vezes eu tente imaginar Wallis engolindo esse atum, eu ainda não consigo tirá-la da minha mente.

— Está cicatrizada. — ela quase sussurra.

Cicatrizes estavam sujeitas a aparecer, era esperado depois que o médico nos disse que poderiam aparecer. Ela parece quase se desculpar por isso. Meus olhos se abrem e eu tenho que segurar minha respiração quando ela abre a toalha e descobre toda a sua beleza para mim. Seus seios redondos e cheios com mamilos rosados se destacam, ganhando minha atenção primeiro, e depois sua buceta, limpa e depilada no chuveiro.

Porra. Ela está tentando me matar?

— Dillon. — ela me repreende em um tom brincalhão.

Eu arrasto meus olhos para cima para encontrar os dela e sacudo minha cabeça para limpar a pornografia travessa e a deliciosa brincadeira entre nós dois. — Desculpe, o quê?

— Estou te mostrando a cicatriz.

Oh... certo, a cicatriz.

Abro os olhos sobre seu corpo, tomando meu tempo para devorar cada centímetro. É como olhar para ela pela primeira vez a cada maldita hora?

Sua ferida ainda é recente. Há vermelhidão jorrando dela como uma flor. Tem pelo menos três centímetros de comprimento. Aquela puta louca da Macy tentou estripá-la. Sorte nossa que ela não teve chance. Eu odeio que ela ainda esteja viva lá fora.

— Vai ficar feio. — ela diz, sua expressão revelando entre a excitação e medo.

— Baby, nada em você poderia ser feio. É história escrita em sua pele. Ruim... uma fodida história ruim. — digo a ela em um baixo murmúrio. — Mas são suas, mesmo assim.

— Isso te incomoda? — ela pergunta, suas sobrancelhas juntas.

Ela estava brincando?

Meu desgosto e ódio por esse puto do Benny sangra em meus pensamentos, fazendo com que minhas mãos se apertassem e minha aversão de não tê-lo matado palpitam em minha cabeça. Ele realmente fez um número sobre ela.

— Você poderia estar coberta de cicatrizes e nada jamais me faria amá-la menos. Ou até pensar menos de você. Certamente não quero menos você. — eu me inclino mais perto, dobrando meus joelhos para que eu possa estar em seu nível, olhando em seus olhos. — Você é uma mulher linda, Jade. Não há como negar esse fato. Mas está aqui. — eu coloco minha mão sobre seu coração. — E aqui. — eu clico em sua testa. — E aquela alma fascinante que brilha através desses olhos. Isso é o que faz de você quem você é.

Seu sorriso com minhas palavras é rápido, mas pelo menos eu consegui vê-lo. — Alguns dias, eu desejo passar despercebida. — ela admite com uma carranca. — Sem nenhuma atenção. Nenhum elogio para minha beleza. E eu tinha isso. É... só que Benny me faz querer ser tão feia do lado de fora como ele me faz sentir por dentro. — ela diz, tremendo com sua declaração.

— As cicatrizes não te deixam feia. — digo a ela, franzindo as sobrancelhas. Inclino a testa contra a dela ainda molhada. — O que ele fez para você não deixa você feia por dentro, baby. Ele é o feio. E ele nunca pode tirar a verdadeira beleza que você possui. Isso é toda sua.

Eu esfrego suavemente seus braços onde os pelos picam sua pele. — Você não é o que ele quer que você seja, Jade. Isso está errado.

— O que você quer dizer? — seus cílios batem como borboletas tremulando sobre uma rosa.

— Ele quer uma bonequinha bonita, chata e genérica. Mas você é diferente. Não é chata. É uma flor selvagem crescendo entre o pandemônio e apesar de tudo, florescendo.

Colocando um pouco de cabelo atrás de sua orelha, ela empurra sua bochecha contra a minha mão, procurando meu conforto.

— Você é muito inteligente para que alguém crie regras para você seguir. Você é muito corajosa para se sentar trancada em um mundo que precisa de você. — eu continuo. Escovando meu polegar sobre seus

lábios, eu sorrio. — Você está cheia de fogo para ser apagado por um louco como ele.

Sua respiração aumenta e seus olhos cintilantes encontram os meus. — Amar você é o que me tirou dessa cela. Em toda a incerteza, você foi o que me estabilizou. Minha gravidade.

Uma risada me deixa. É suave e vulnerável, combinando o que estou sentindo por dentro. Tudo o que eu quero é ser a sua segurança, mas também me aterroriza que ela me veja dessa forma e eu já a deixei cair uma vez. — Você rimou. — eu disse a ela com um sorriso. Suavemente, eu a puxo contra meu corpo. Curvas suaves me pressionam. Seu calor e aroma se fundem, se tatuando em meus sentidos.

— Tenho medo que ele esteja lá fora. — ela admite contra meu peito.

Eu engulo o rosnado. Vou morrer antes de deixá-lo tocá-la novamente. — Nós vamos pegá-lo. Eu prometo. — desta vez, a promessa é aquela que eu não pretendo quebrar.

— Só não deixe que ele se perca na maré, afundando e me levando para baixo com ele enquanto você me vê afogar. — ela implora, e meu coração se contorce pelo quanto eu a amo. Quero protegê-la de todos esses sentimentos que a consomem.

— Eu afogarei o traseiro dele e construirei o maior barco de merda para nós velejarmos ao pôr-do-sol. — eu digo a ela levemente, esperando animá-la. — Eu me recuso a perder você ou deixá-lo tocar em você novamente. Se você fosse uma lágrima no oceano, eu ainda te acharia, baby. Porque você é minha e eu sou seu. — eu termino, minha voz baixando.

Uma batida na porta do quarto ganha nossa atenção.

— Seu amigo está aqui. — Cassy grita. — Fiz café. Desça quando você estiver pronta.

Com seus passos se distanciando, Jade olha para mim. — Vou me vestir.

* * *

Marcus se senta na minha frente com uma pilha de arquivos na frente dele e uma expressão cansada que estraga suas feições. Jade se senta à minha direita, mas ela saiu da cadeira para que ela estivesse quase sentada no meu colo, seus pequenos dedos entrelaçados com os meus.

Eu a faço se sentir segura. E eu adoro esse fato.

— Então? — eu pergunto. Eu já estou preparado para tudo.

Ele balança a cabeça e limpa a garganta. — Encontramos uma certidão de casamento, então temos o nome da mãe. Um corpo da casa combina com o DNA dessa mulher. — ele desliza uma foto e meus ombros endurecem. É a mesma mulher da fotografia. Marcus balança a cabeça em desgosto. — Eles tiveram dois filhos. Benjamin e Bethany.

— Quantos anos ele tem? — pergunto.

— Trinta e quatro.

Um silvo de ar me deixa. — Então, ele tinha vinte e dois anos quando roubou Jade e Macy.

— Havia dúzias de fotografias recuperadas de uma caixa de correio na propriedade. O que tinha nelas? — Jade pergunta, mudando de posição em seu assento.

— Fotos de meninas e mulheres. Algumas vestidas como bonequinhas. — ele esfrega as mãos sobre o rosto. — Isso não é tudo.

— Ponha pra fora. — eu lato.

Ele desliza outra fotografia sobre a mesa. Uma menina olha para mim no papel. Ela é familiar. É a garota que entrou na delegacia há alguns dias, mas saiu antes de receber ajuda. — Ela entrou com uma queixa oficial contra *ele*. — o policial corrupto esteve encobrindo seu filho por todo este maldito tempo.

— Que queixa? — pergunta Jade, sua voz treme de leve. Ela envolve seus braços ao redor de sua cintura, deixando minha mão vazia.

— Ela diz que ele a prendeu com a acusação de perturbação da paz e a agrediu sexualmente na parte de trás de um carro de patrulha.

Filho da puta

— Essa é a história que Benny me contou sobre ele também. — Jade estremece, se apertando.

— Ela tem quatorze anos. — Marcus acrescenta calmamente.

Uma fúria surge através de mim e eu aperto meus punhos. — Então, ele está sob custódia?

Nesse momento, seu rosto se desvanece. — Na verdade, ele está desaparecido.

Porra.

Capítulo dezesseis

Elcano

JADE

Já faz alguns dias desde que Marcus deu a notícia. Ele só confirmou o que Dillon e eu sabíamos, mas ainda era difícil ouvir em voz alta. Alguém em quem confiei durante oito longos anos mentia na minha cara. Ele me traiu. Ele sabia o tempo todo que seu filho tinha me mantido trancada? Ele fingiu ajudar na busca? Ele ficou me observando de longe a me tornar uma oficial bem debaixo do seu nariz? O destino pode ser uma cadela inconstante, mas o Karma vem para todos nós. Sua faca pode estar alojada firmemente nas minhas costas e meu silêncio pode ser confundido como fraqueza. Mas eu vou ter a minha vingança. Até que minha arma esteja em sua testa e sua culpa esteja exposta em sangue, eu não vou descansar.

Uma onda de enjoo rola em minha barriga, mas eu consigo me segurar

— Você está bem? — Dillon pergunta do lado do motorista.

Dou a ele um pequeno aceno de cabeça. O funeral de Bo merece minha atenção. Benny está fora do radar e sabemos que ele pode ficar dormente por anos sem aparecer, mas agora, ele está desprotegido de seu pai. Ambos estão fugindo e não demorará muito para se cansarem e cometerem um erro. Pegar Benny de uma vez por todas é imperativo para Dillon e para mim. Não seremos capazes de seguir em frente. Descansar. Relaxar, até que o homem que lançou sua sombra sobre minha vida seja expulso e banido completamente. A morte é a única solução para alguém tão demente quanto ele.

— Você está pronta? — Dillon pergunta, pegando minha mão e abrindo a porta do carro, suavemente me persuadindo por dentro.

Meus saltos afundam na grama enquanto ficamos lá ouvindo as pessoas falarem sobre Bo. Foi simples e agradável, como Bo. Eu arruinei tudo e lhe custou a vida.

Sua mãe se assegurou de que não poupasse nenhuma despesa para seu único filho. É difícil vê-la enquanto ela se separa na frente de seu caixão. Eu tentaria confortá-la, mas me manter firme está tomando todas minhas forças, e que direito eu tenho para oferecer tal conforto? Ele está apodrecendo em um caixão porque ele me amava. Se não fosse por Dillon me segurando, eu provavelmente iria desmoronar no chão, no auto ódio que me queima de dentro para fora. As feridas cruéis do que eu testemunhei, ainda me afastam como insetos escavando profundamente, rastejando sob a pele, penetrando o osso e poluindo a medula. Será que as pessoas nunca realmente superam provas desta magnitude?

Um frio levanta as folhas caídas e as roda em volta dos meus pés. O vento persegue minha pele, carregando o cheiro de todas as flores trazidas para Bo. Ele merecia mais do que eu nunca lhe dei. Mas posso lhe dar justiça. Benny vai pagar com sua vida e eu vou ter certeza que Macy ficará institucionalizada. Dillon me deu todas as informações sobre um lugar chamado Blue Water, uma instituição para criminosos insanos. Ele disse que tinha um amigo detetive, Blake, que tinha colocado seu próprio irmão lá dentro. Vai ser difícil, mas será melhor do que eu tirar a vida dela. Saber que Macy está muito longe para trazer de volta é uma coisa, mas matá-la não é algo que eu possa fazer, não importa que ela me mataria sem sequer vacilar. Minha mente ainda se lembra da menina dançando, e apenas querendo uma bonequinha nova para brincar, até que ele nos roubou. Sua imagem inocente desaparece do pensamento e a bonequinha de olhos loucos pulando em cima de Bo rouba minha mente. Não podemos deixá-los machucar ninguém.

* * *

Eu olho para a cara do homem que enganou a todos nós por muitos anos, a ferida goteja através das minhas veias. Digitalizando o tempo que ele esteve livre para ficar com seus filhos quando ele era normal e não um pedaço de merda. O balanço fica em frente ao estaleiro. Assim como no de Benny, ele começou novamente, deixando seu filho doente para trás para infligir a escuridão que ele criou nele, aos outros.

Desgraçado.

Ele apenas se mudou e começou novamente, deixando sua criação, sua fodida primeira esposa enlouquecida para abusar e matar. A raiva dentro de mim está me consumindo, eu desejava poder gritar.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — eu digo enquanto Dillon olha para mim. De alguma forma, ele parece mais lindo do que o habitual em seu terno preto de funeral com o rosto barbeado. Ele está há muito tempo precisando de um corte de cabelo, mas parece bom este estilo bagunçado na sua cabeça.

Mais jovem.

Brincalhão.

Sinto falta do seu toque.

Seu amor.

Nós ainda não fizemos sexo, mas estou desesperada para me conectar com ele. Para apagar Benny do meu corpo para sempre. Cada vez que eu acho que Dillon vai fazer um movimento, ele hesita. Eu ainda estou muito frágil mentalmente para iniciar as coisas entre nós.

— A única maneira de obtermos respostas é falar com ela. Marcus tem tentado e ela tem o evitado. Se a pegarmos de surpresa, acho que podemos levá-la a falar. — eu digo a ele, com meu tom confiante.

Conheço Maryann há muitos anos. Ela me convidou em várias ocasiões para jantar com eles, mas eu sempre recusei. Eu não sou realmente do tipo social. Eu não acho que ela esteja envolvida nas ações do marido, mas a única maneira de ter certeza é pegando seu depoimento. Nós dirigimos para longe de casa e fizemos nosso caminho para o trabalho dela.

— O que faz você pensar que vai te ver? — ele pergunta enquanto estacionamos na frente da clínica.

Dou um sorriso para ele. — Eu marquei uma hora com um nome diferente. Ela não saberá até eu entrar.

Seus lábios se erguem de um lado e ele pisca. — Você foi desonesta.

Nós rimos quando saímos do carro, e parece bom rir. Dillon torna a vida mais fácil. Assim que ele rodeia o carro, sua mão envolve a minha. Eu gosto de como seu calor parece afugentar as sombras que

sempre permanecem ao meu redor. Com ele, eu posso relaxar. É uma sensação refrescante.

A recepcionista não reclama por minha falta de seguro uma vez que eu paguei 200 dólares à vista no balcão e disse que pagaria minha conta em dinheiro. Quero dizer, quem honestamente finge ir a um ginecologista? Ninguém. Ela pega meu dinheiro e dez minutos depois, eu estou em um vestido com um Dillon muito tenso sentado em uma cadeira em uma das salas de exame.

— Eu não vejo por que você teve que se despir. — ele resmunga. — E, além disso, eu não sei por que você teve que deixar a enfermeira tirar sangue e colher sua urina. Isso é estúpido. — sim, eu não esperava deixá-la chegar tão longe, mas a enfermeira faz tudo isso antes mesmo de você começar a ver o médico e eu não queria levantar suspeita, dizendo que não.

Dou a ele um sorriso reconfortante. — Tudo ficará bem. Confie em mim.

Sua mandíbula apertada e ele parece estar prestes a dizer algo quando a porta se abre.

— Senhorita Jones, fico tão feliz em conhecê-la. Eu sou a Dra. Holt. — ela diz enquanto rodeia a mesa. Seu cabelo louro estava puxado em um coque simples e seus óculos de borda preta colocados na parte inferior de seu nariz. Eu sempre achei que ela era muito bonita e muito calma para estar com um homem como seu marido. Não me falhou que ela usa seu nome de solteira em eu trabalho. Assim que seu olhar encontra o meu, seu sorriso cai. — J-Jade?

Dillon se levanta atrás dela, sua proteção quase sufocando nós dois. Sua ameaça tácita contra ela é sentida em cada respiração que damos.

— Você estava evitando Marcus. — eu digo a ela. — E nós temos perguntas para você. Algumas importantes.

Seu rosto empalidece quando ela se senta no banquinho e lança um olhar preocupado para Dillon. — Ok, mas eu não sei nada. Estou muito chateada pelo desaparecimento súbito do meu marido. — suas sobrancelhas se juntam.

— Por que você não está lá fora procurando por ele? — ela pergunta. Se ela não soubesse que ele é um policial sujo, então sua atuação era bastante convincente.

— Oh, confie em mim, nós estamos procurando por ele. — eu digo a ela, um sarcasmo ao meu tom.

— Ele te disse por que ele estava indo embora? — Dillon pergunta. Deus, ele está bonito em seu terno. Eu amo a forma como seu poder parece sair dele.

Maryann puxa o estetoscópio em volta do pescoço distraidamente. — Não. Ele não me explicou nada sobre por que ele tinha que sair tão urgentemente. Nem mesmo um bilhete. Ele estava tão fora de si. Ele apenas pegou uma bolsa. Ele levou roupas suficientes e me disse que ele não voltaria. Alguma coisa está errada. — lágrimas saem de seus olhos e ela as limpa apressadamente. — Eu não entendo por que ele simplesmente nos deixaria. Tem que haver mais e seu colega não estava com informações, então eu também não estava. — ela endireita as costas.

— As meninas mencionaram se ele disse alguma coisa para elas? — Dillon pergunta, e minha alma treme. Ele tem duas filhas com Maryann. E se ele estiver abusando delas como fez com Bethany?

— Não, nada. Ainda estou tentando convencê-las de que ele está a negócios e estará em casa em breve.

A postura de Dillon relaxa e ele se senta, apoiando os cotovelos nos joelhos e se inclinando para ela. — Você já sabia sobre a família dele antes dele se casar com você?

Ela engole e balança a cabeça. — Ele me disse que tinha filhos com sua esposa anterior, mas eu nunca conheci a criança ainda viva. Sua filha morreu há muito tempo. Sarampo, eu acredito.

Aquele idiota mentiroso.

— Nós nunca falamos muito sobre eles. Aparentemente, o filho não queria nada com ele e eu nunca o pressionei para continuar esse relacionamento. Tivemos as gêmeas não muito tempo depois que casamos e sempre estávamos ocupados. O que é? — ela diz.

Eu fico tensa com a menção das gêmeas novamente. — Ele nunca... — eu falo, tentando manter as lágrimas em meus olhos. — Ele nunca tocou nelas, não é?

— Tocar nelas? — suas sobrancelhas se juntam.

— Sexualmente. — eu esclareço.

O horror lava suas feições. — Deus, não! Eu o mataria. O que exatamente você está falando? Por que você está perguntando essas coisas? Há algo acontecendo? Ele é um de vocês. — ela grita em voz alta. — Não um molestador de criança! — seu pescoço fica vermelho brilhante e suas mãos tremem com sua súbita explosão de emoção.

Dillon solta um suspiro. — Maryann, estamos simplesmente esgotando todas as possibilidades. Você entende. — ele diz com um bufo, torcendo as mãos. — Temos bom razão para acreditar que ele pode ter abusado sexualmente e possivelmente estuprado algumas meninas menores de idade. Sei que não é o que você quer ouvir, mas temos provas irrefutáveis que afirmam o contrário.

Ela cai para trás na cadeira e deixar cair a caneta que ela estava mexendo no chão. Qualquer cor que ela teve uma vez em suas bochechas é drenada, deixando-a pálida. Sua cabeça faz sutis movimentos de agitação. Dillon não desiste, entregando todas as más notícias de uma só vez.

— Nós também sabemos que o filho dele é responsável por muitos outros crimes, incluindo o sequestro e estupro de... — ele diz.

Seus olhos encontram os meus. O rosto de Maryann se desvanece quando um grande soluço sai dela.

— Não. — ela estrangula através de suas lágrimas. — Você está enganado. Isto é um erro. Certo, Jade?

Minha testa aperta com tristeza, afogando as lembranças felizes que sem dúvida ela tem do homem de quem falamos.

— Sinto muito, Maryann. Não é um engano.

— Não... — suas mãos tremem quando ela cobre sua boca, tentando colocar seus gritos de volta para dentro.

Uma lágrima minha sai e eu rapidamente deslizo para longe.

— A verdade é difícil de ouvir, e sabemos que isso é um choque para você. Foi para nós também, mas acreditamos que ele vem encobrindo seu filho todos esses anos. Quando consegui escapar do cativeiro na casa de Benny, vi uma foto emoldurada dele e de sua velha família. Explicando muitos outros casos com falta de evidência e outros acontecimentos incomuns. Sinto muito, mas precisamos de sua ajuda para prendê-lo.

Dillon mostra a ela o retrato e explica mais sobre a menina que veio recentemente. Enquanto ele fala com ela, eu me retiro da conversa. Eu odeio que ele seja tão doente quanto seu filho e tem se aproveitado de meninas o tempo todo. Ele usou sua posição de poder para fugir dos crimes hediondos.

Eles continuam a falar, mas eu só estou meio que ouvindo. Eventualmente, ele traz o tópico da medicação, que me assusta.

— Seu marido já te pediu remédios? — ele questiona. — Pílulas anticoncepcionais? Pílulas do dia seguinte? Pílulas para dormir? Algum outro medicamento que devemos saber?

Seu rosto brilha e ela engole seco, pegando suas unhas compridas e arrumadas.

— Está tudo bem. — eu insisto, esperando manter a minha voz calma.

— Fora do registro. — ela diz, decididamente. — Sim. — Dillon acena com a cabeça para ela continuar e ela pega um lenço antes de esfregar debaixo dos olhos. — Ele me disse que lidava com um monte de casos de abuso sexual e era um pesadelo passar por toda a burocracia, especialmente se elas eram menores de idade, para ter o que elas precisavam. De cada dez, nove tinham atraso e as meninas teriam gravidezes não desejadas nas mãos de seus estupradores. Me senti horrível por essas garotas e lhei as receitas naquele momento. Oh Deus. — ela engasga. — Eu vou perder minha licença por praticar medicina assim. Só queria ajudar.

Eu bufo e balanço a cabeça. — Está fora do registro, certo, Dillon?

Ele geme, mas acena com a cabeça depois de um momento. — Sim.

— Além disso, se você não tivesse prescrito alguns desses medicamentos, as coisas poderiam ser muito piores para essas garotas. — como eu. — Benny regularmente me dava medicação através da minha comida ou água. Normalmente para me nocautear por qualquer razão, mas o controle de natalidade fazia muito sentido. Se ele me dava, talvez ele estivesse dando a outras garotas. E o mesmo vale para o seu marido.

Dillon franziu o testa. — Eu pensei que você disse que não poderia engravidar por causa do que Benny tinha feito com você.

— Não posso. — asseguro a ele. — Há muita cicatriz no meu colo. Quando escapei pela primeira vez, o médico na época me disse que era altamente improvável que eu pudesse levar uma gravidez até o final.

— Altamente improvável, mas não impossível, — Maryann diz calmamente.

Arrasto meu olhar para ela e franzo a testa. — O que você quer dizer?

— Apenas que nossos corpos são máquinas surpreendentes e têm uma maneira de se curar. — seus olhos lacrimejam, fixos nos meus. Um arrepio me lava.

— Detetive Scott, espero ter dado informações suficientes. — ela diz finalmente.

Ele olha fixamente entre nós dois e sacode a cabeça para limpar quaisquer pensamentos que esteja segurando.

— Na verdade. — ele resmunga, — Eu tenho outra pergunta. Há algum lugar onde você possa pensar que ele iria? Você tem alguma propriedade na família que está vazia?

— Não. Ele gosta dos bosques e lagos. A pesca é um hobby dele.

— Obrigado por falar. — Dillon diz quando ele se levanta. Caminho atrás dele, mas Maryann pega meu braço para me impedir de sair. — Posso falar com você em particular por um minuto?

A testa de Dillon franze, mas eu lhe ofereço um sorriso reconfortante, silenciosamente dizendo a ele que vou ficar bem.

Ele permanece calado por um segundo mais do que o que a maioria acharia aceitável, mas depois fecha a porta atrás dele enquanto sai.

— Sente-se. — ela me diz, e as borboletas revoltam em meu estômago em seu tom sério. Se ela disser que seu marido está tocando suas meninas, eu posso perder a calma e dar um tapa na cara dela. Talvez devêssemos levá-las para interrogatório. Não, mas o envio de um assistente social é um protocolo em situações como esta. Vou fazer a chamada assim que eu sair daqui.

— Jade, testamos a sua urina.

Suas palavras me atordoam. Não era o que eu esperava que ela dissesse, mas tudo bem.

— E o que exatamente isso quer dizer?

Oh Deus. Se esse animal me passou um vírus transmitido sexualmente ou algo assim, eu vou reanimá-lo quando eu o matar apenas para matá-lo outra vez.

— Quero dizer que antes de perceber que era você, eu estava prestes a felicitá-la. — seus olhos vermelhos e cheios de lágrimas penetraram nos meus e os ácidos me lavam. — Os níveis de hCG estão altos na sua urina. Você está grávida.

O silencioso zumbido da luz acima de mim é tudo o que pode ser ouvido. Isso não pode ser.

— É muito cedo para saber. — assobio. — Eu não posso estar grávida do bebê dele! — eu me levanto, mas minhas pernas se sentem muito fracas para me segurar e eu caio de volta no assento.

Não posso ter filhos. Crianças nunca foram parte de um futuro para mim. De jeito nenhum eu vou carregar uma criança daquele monstro.

Não, não, não.

A sala gira e lágrimas entopem meus olhos e garganta.

Ela balança a cabeça. — Jade, respire. Está tudo bem. Os níveis em sua urina indicam que você está de várias semanas em sua gravidez. Podemos confiantemente dizer três semanas ou mais, mas precisa fazer um ultrassom para confirmar isso. Você esteve sexualmente com seu sequestrador há quantos dias ou semanas atrás? Não foi há três semanas.

Ela vê as notícias.

Eu concordo, lágrimas escorrem pelo meu rosto. Se morrer fosse uma opção agora, eu faria isso por estar grávida do filho de Benny. As mulheres têm os filhos de seus estupradores o tempo todo, mas como posso amar uma criança que eu temeria? O medo iria envenenar tudo, e isso não seria justo para a criança ou para mim.

— Os níveis seriam menores se esse fosse o caso. É incrível o que podemos fazer com testes de urina hoje em dia. — ela me assegura. — Com base no seu último período, de acordo com o que você escreveu no

gráfico, tudo corresponde a você ter engravidado há três ou mais semanas.

Minha mente gira com o medo esmagador e amor colidem dentro do meu peito.

A linha do tempo coloca Dillon como o pai? Uma paz se instala sobre mim, mas é de curta duração. Não consigo entender tudo o que ela me diz. Isso era algo que eu nunca pensei que poderia acontecer, e agora, entre todo este pandemônio, um milagre foi possível?

— Então, não é do Benny? — eu esclareci, minha voz rouca de emoção.

— É altamente improvável. Há um namorado? — ela pergunta, inclinando a cabeça para o lado.

Ela não sabe sobre Dillon e eu. Por que ele?

Quando eu arrasto meu olhar para a porta que ele deixou, ela segue meu rastro e o canto de sua boca levanta ligeiramente. Bile rasteja de volta a minha garganta. Isso certamente explica o enjoo que tenho sentido ultimamente.

— M-mas o hospital tirou meu sangue e urina quando eu fugi dele. — eu discuto.

Ela bate no meu pé. — Alguns dias podem fazer a diferença dos níveis de hCG estarem altos o suficiente para aparecer no teste. Eu poderia fazer um ultrassom vaginal para nos dar uma linha do tempo mais clara.

Oh Deus. Eles queriam me examinar e me limpar no hospital e eu recusei. Isso poderia ter causado um aborto espontâneo. É este o destino? Uma coisa boa para vir de todos os males? O que Dillon vai dizer?

Porque agora?

Meus pensamentos flutuam para Bo.

— Por que você acha que eu nunca fiquei grávida no tempo todo que eu estava com meu ex-noivo? — eu murmuro. — Porque agora?

Ela levanta uma sobrancelha na porta que Dillon saiu. — Talvez seus espermatozoides fossem mais rápidos. Ou talvez houvesse algo de errado com a contagem de esperma do seu ex-noivo. Ele já teve alguma doença na infância? Caxumba ou sarampo?

— Me lembro claramente de ter sete anos e minha mãe me proibir de ir a casa ao lado. Eu a tinha ouvido resmungar sobre pais que se recusavam a vacinar seus filhos e o que aquela mulher esperava que acontecesse. Algumas semanas depois, quando eu tinha visto Bo, ele me disse que ele tinha tido sarampo. — eu digo a ela.

— Bem, ai está. Mais do que provável, isso o teria deixado estéril. Não é incomum. — ela me entrega um panfleto para olhar. — Nós somos capazes de detectar um batimento cardíaco em algumas semanas ou assim. Você precisará começar a tomar uma vitamina pré-natal.

Olho brevemente para o panfleto. É tudo demais para aceitar. Eu preciso saber com certeza que não é de Benny antes que eu possa me deixar acreditar que isso realmente está acontecendo. Entrego o panfleto de volta para ela. Eu não posso olhar para isto agora.

— Posso voltar para uma avaliação quando estiver sozinha? — eu pergunto em um tom suave.

Suas mãos alcançam a minha e ela balança a cabeça. — Claro. Tem sido um dia chocante para nós duas. — deixando cair minhas mãos, ela me olha nos olhos novamente. — Acho que preciso ir a delegacia e ver Marcus. Preciso saber tudo, e preciso proteger minhas filhas de tudo isso.

Assentindo com a cabeça, eu exalo. Isso será difícil para ela e sua família. No entanto, não tenho dúvidas de que ela vai passar por isso. Ela é uma mulher forte.

* * *

Dirigimos da clínica de volta para a casa de Cassy e Brent quietos. Dillon dá um aperto de morte em uma das minhas mãos e eu tenho na outra a receita de vitaminas apertada firmemente. De alguma forma, com ele, isso não parece tão assustador.

O que é assustador é o aviso de Maryann de que eu precisava com certeza manter meu abdômen hidratado, especialmente sobre a cicatriz, porque, meu abdômen iria crescer, ele iria esticar a pele macia e sem dúvida seria doloroso. Bem como quando as mulheres ficam grávidas após uma abdominoplastia.

Ela tinha tratado a notícia das ações nefastas de seu marido como uma profissional e prometeu nos ajudar em nossa investigação de qualquer maneira que pudesse. A própria ideia de que ele tinha tido pensamentos de ter feito alguns atos sexuais terríveis com meninas menores de idade, especialmente porque eles têm duas filhas, parecia ser o que a fez querer ajudar. Ninguém quer ficar do lado de um monstro.

Quando chegamos a Calhoun, sua caminhonete não está na entrada, mas está escurecendo e mais do que provavelmente foram jantar. Meus nervos começam a tirar o melhor de mim. Cada sombra parece se mover além do vidro. Estou tão ocupada que quando a porta do meu carro abre, eu solto um grito.

Dillon se inclina e olha para mim. — Você está bem?

Aceito sua mão oferecida, rapidamente acenando com a cabeça. — Desculpe. — eu murmuro, balançando minha cabeça. — só preciso me deitar, eu acho.

Uma vez que estamos em segurança lá dentro com a porta trancada atrás de nós e fazemos o nosso caminho dentro do quarto de hóspedes, Dillon tira seu blazer preto. A camisa branca que ele usa por baixo se estende sobre seus músculos volumosos e minhas emoções vão de um a oitenta mais uma vez. Eu estava querendo que ele tirasse todas as suas roupas.

— Dillon. — eu começo, mas ele dá três longos passos até que ele esteja bem na minha frente. Seu calor aquece a frente do meu peito enquanto ele olha para mim. Não posso deixar de sorrir quando ele lança uma mão possessiva em meu cabelo.

— Eu nunca precisei muito de uma família ou uma vida... — ele murmura, e *lambe* seus lábios. Eu quero *lamber* eles também. — Até você. Se podemos ter uma ou não, você é minha família agora, Jade.

Minha frequência cardíaca acelera e eu mastigo meu lábio inferior. Tudo dentro de mim grita para ele explodir através do pequeno muro de segurança que ele criou entre nós e fazer amor comigo, mas eu não posso dizer isso. Eu nem sei o porquê. Então eu concordo implorando com meus olhos.

— Você está me fodendo com os olhos, detetive. — ele rosna.

Seus lábios deslizam sobre os meus por um segundo suave antes de me beijar tão duramente que não consigo respirar. Eu senti falta da

necessidade mal contida que parece rodear Dillon sempre que estamos juntos. Quero que ele perca o controle. Preciso que ele apague tudo.

— Dillon...

Ele rosna de novo e minha calcinha fica encharcada. Se eu não me sentisse tonta, eu o escalaria como uma árvore e rasgaria suas roupas.

— Eu preciso de você, babe. — ele respira contra meus lábios. — Diga que precisa de mim também.

Sua mão é gentil em seu aperto no meu quadril não ferido quando desliza para a minha bunda. Ele arrasta o tecido do meu vestido de uma forma lenta e tortuosa.

— Sim. — asseguro a ele num assobio. — Eu também.

Tirando meu vestido, ele o puxa acima da minha cabeça e seus dedos acariciam minha carne como se eu fosse uma das bonequinhas frágeis de porcelana de Benny.

Eu não sou quebrável.

— Eu não sou feita de vidro. — eu digo um pouco mais áspero do que o previsto.

Ele sacode as minhas palavras e olha para mim. Entendendo que é algo que Bo e eu nunca tivemos, passa entre nós. Dillon simplesmente me pega. Com uma mandíbula apertada, ele arranca meu sutiã de mim, embora seja mais gentil quando ele desliza minha calcinha pelas minhas coxas. Seu olhar é duro enquanto ele rasga suas roupas em velocidade recorde.

— Na cama. — ele diz brincando.

Eu sorrio para ele e deito no edredom macio. Ele permanece um momento ao lado da cama, observando minha aparência, seu pau saindo e parecendo apontar para mim.

— Você é minha, Jade. Você nunca foi de ninguém. Nunca. — ele me diz, sua voz ronronando com possessividade. — Mesmo quando você não está comigo... — ele bate em seu peito sobre seu coração com seu punho. — ...você está comigo. — a estaca de sua reivindicação pode ser sentida em cada extremidade nervosa em meu corpo. Estou quase tremendo de necessidade quando ele sobe em cima de mim.

Por um breve momento, eu congelo. A brutalidade de Benny ameaça levar minha mente como refém enquanto eu me esforço para afugentar a memória de seu abuso. Sua carne quente parece chiar a minha própria quanto mais perto ele fica. O quarto gira e eu temo que eu possa desmaiar. Mas antes que eu possa entrar em pânico, ele cai na cama ao meu lado. Com suavidade, mas forte aderência, ele move meu quadril e me coloca em cima dele.

— Você está no controle. — ele murmura, seus olhos escuros no meu. — Pegue o que quiser, mulher.

Eu afasto as lágrimas persistentes e dou a ele um aceno de cabeça embaraçado. — Eu sinto muito.

Ele rola os olhos e uma risada me escapa. Palavras não são necessárias quando eu lentamente me abaixo em seu pau endurecido. Espero que dor ou flashes de terror ou o rosto de Benny se materializem bem na minha frente de repente.

Estou agradavelmente surpresa quando nada disso acontece. O olhar amoroso de Dillon está no meu. Suas pontas dos dedos estão correndo para cima e para baixo em minhas coxas nuas de uma maneira quase preguiçosa que alimenta minhas terminações nervosas. E seu pau parece perfeito enterrado profundamente dentro de mim. Meu corpo ainda dói da minha lesão, mas não é nada que eu não consigo segurar.

— Eu vou tocar seu lindo clitóris, Jade. — ele me diz, seu olhar nunca deixando o meu. — Eu vou esfregar e beliscá-lo até que você goze em todo o meu pau, baby. Entendeu?

Eu aceno e solto um grito no momento em que ele faz jus a sua promessa. O prazer cresce através de mim. — É bom. — eu murmuro. Estes somos nós. Isso era o que eu temia que Benny tivesse roubado de mim, mas ele não o fez. Eu não estou com medo ou enjoada pelo ato porque Dillon e eu... nós fazemos amor. Temos uma ligação destinada a ser explorada e partilhada entre os nossos corpos.

Seus quadris se agarraram em mim e eu sou grata porque estou impotente para me mover, não quando seu polegar e seu dedo estão punindo meu clitóris da maneira mais intensa. Eu caio para frente e mal me seguro com a palma da mão na cama ao lado da cabeça dele. Sua outra mão encontra um dos meus peitos macios. O beliscão e a provocação lá é mais suave, mas aumenta o prazer que ele já está distribuindo.

Estou perdida neste momento com Dillon. Esse momento é nosso. Nosso precioso bebê escondido em segurança entre nós. Somos uma família.

Por favor, que seja verdade.

Eu posso ter perdido meus pais e minha irmã de certa forma, mas eu tenho essa família agora, e vou lutar por ela com tudo o que sou.

— Dillon...

Seus golpes provocam meu núcleo e me deixa louca. Estão apenas alimentando a chama e não me levando onde eu preciso. Eu não quero estar no controle. O que eu quero é que Dillon cuide de mim. Pela primeira vez na minha vida, quero desistir desse controle porque confio, sem sombra de dúvida, que ele não abusará dele.

— Fale comigo, baby. — ele geme, seu rosto ficando mais vermelho com cada estocada dos quadris.

Ele aperta meu clitóris de tal maneira que as estrelas brilham em toda a minha visão e roubam seu rosto perfeito por um momento. Minha buceta aperta em torno de seu pau e eu solto um grito.

— Ahhh!

Seu gemido é animalesco. Pelas suas feições e seu aperto, posso dizer que ele está se segurando por um fio. Eu anseio entregar a ele a tesoura assim que puder cortar através dela.

— Me foda, Dillon. — eu imploro. — Sou sua.

Meu mundo gira quando ele nos vira. Sempre em sincronia, nós dois, dois pedaços irregulares de algo que se encaixa maravilhosamente. Sua boca se conecta com a minha em um profundo beijo, consumindo quando ele penetra em mim. Sinto dor em torno de meu ferimento, mas eu não ousa pará-lo. Em vez disso, eu agarro seu cabelo perfeito e o puxo, incitando-o sobre mim.

Este homem doce, sexy, bonito perde o controle. Ele não tenta me impedir de quebrar. Ele não tenta me preservar, então serei algo puro e intocado. Não, não Dillon. Dillon me possui com seu corpo. Ele dirige cada pedaço de seu amor em mim. Suas emoções me inundam livremente, amor e devoção tudo demonstrado na maneira como ele me fode tão loucamente.

— Deus. — ele geme, seus dentes beliscando meu lábio inferior. — Eu te amo tanto.

Suas palavras são como um bálsamo na minha alma queimada. Ele cauteriza partes de mim que eu não percebi ainda que estavam sangrando. Dillon me cura.

— Eu também te amo. — eu falo apenas um segundo antes de ser roubada dele por outro orgasmo.

É quando seu calor inunda dentro de mim que eu sei que ele ainda está aqui comigo. Com cada batida de seu coração pressionado contra o meu, eu sei que estamos sempre conectados. E em breve, outro coração baterá com o nosso.

— Isso é para sempre, babe. — ele murmura contra a minha boca. — Você estava perdida, mas eu te encontrei e nunca mais vou perdê-la.

Suas palavras fazem uma promessa ao meu coração.

E desta vez, meu coração sabe que é verdade.

Um amor tão poderoso não pode ser quebrado.

Ele pode ser esmagado e queimado, mas contanto que nós temos um ao outro, vamos continuar nos remendando novamente.

Porque o amor vale a pena.

Dillon e eu valemos a pena.

Nosso bebê vale a pena.

* * *

Viatura 2039.

Eu li a escrita novamente e balanço a cabeça. Uma risada sem humor me escapa, fazendo com que todos na sala parem o que estão fazendo e olhem para mim.

— Ele deu a Benny um fodido carro de polícia? — eu lamento descrente.

— As câmeras de segurança mostram que ele pegou essa viatura no dia de seu resgate. — afirma Marcus.

Inacreditável. — Como ele pensou que ele poderia fugir com isso?

Marcus dá de ombros. — Bem, se não fosse pelo que você encontrou e o fato de que outras pessoas vieram e o relataram por pura coincidência, nós não teríamos questionado.

Ele tem razão.

Ele tem todo o poder, filho da puta.

— Então, Benny está dirigindo um carro de polícia. — eu bufo. — Ele poderia pegar qualquer um que ele quisesse. Quem iria questioná-lo?

Marcus coloca sua xícara sobre a mesa na frente dele. A sala de trabalho está cheia de pessoas pesquisando por meio de registros e velhos relatórios policiais até o início dos anos oitenta. — Nós estamos esperando que ele esteja em um deles. Ele não matou novamente depois de sua primeira fuga por muitos anos.

— Isso era diferente. — eu respiro. — Ele perdeu tudo dessa vez. Ele vai cair, se levantar, e vir atrás de mim novamente, ou ele vai ficar completamente louco e começar seus assassinatos.

— E Macy? — ele pergunta, e eu hesito ao mencionar seu nome.

— Benny ficará zangado com ela. — murmuro. — Ele a manterá quieta.

Dillon pega minha mão. — Se ele puder. — acrescenta, e meu pulso dispara.

Ele tem razão. Macy pode estar farta de ser boa para ele. Ela gosta da matança. Do jogo.

— Estamos chegando. — ele me assegura. — Não há muitos lugares que possam se esconder.

A porta chia quando ela é aberta e Jefferson fica ali segurando um pedaço de papel. — Temos algo. — ele anuncia, e meu sangue zumba. A porta se fecha atrás dele enquanto bate o papel na mesa. — Um endereço. — diz ele.

— E? — grita Marcus, batendo a palma da mão na mesa.

— Diamond Glitter disse que a levou lá algumas vezes. A vez se vestir como uma menina da escola. — estremeço.

— Diamond Glitter? — eu bufo, balançando a cabeça em confusão.

— Ela é uma stripper. — Dillon anuncia, ficando de pé e pegando o pedaço de papel. — Uma cabana. Maryanne não mencionou que tinham outra propriedade.

— Ela não sabia que ele era um maldito pervertido também. — eu argumento em sua defesa.

Com um grunhido, Marcus aponta a porta. — Vamos verificar.

O espaço está quase vivo com a atmosfera respirando na sala. Todos nós queremos ele e seu filho doente. Isso é pessoal. Ele é um de nós sob nosso nariz todo esse tempo fazendo o oposto de tudo o que defendemos.

Capítulo dezessete

Fato

DILLON

Esse é seu fodido carro. Filho da puta. Você pensaria que com todos os seus anos na polícia, que ele fosse melhor em cobrir suas pistas. Diamond o entregou por uma nota de 50 dólares.

Minha arma está firme em minha mão quando eu paro sobre a porta do carro, e fico olhando os outros cercando o lugar. Sou muito rápido no gatilho para aquele desgraçado lá em cima. A morte é o que o policial sujo merece, mas precisamos de informações dele, temos que esperar. Prisão será um castigo muito melhor para ele. Ele não vai durar cinco minutos antes de provar o abuso sexual em si mesmo e, sem dúvida, uma facada depois. Policiais são fodidos lá dentro. Odiados por todos.

— Leve-o vivo. — a voz de Marcus passa em nossos fones de ouvido.

Uma janela é quebrada e a fumaça sai de uma granada disparada para dentro. A porta abre e os gritos soam. — Não se mova.

Bang.

Não!

— Precisamos de uma ambulância.

Me afastando da segurança do meu carro, e corro para a cabana. Diamond chama um taxi. Eu entro pela porta da frente e na sala de estar, onde Marcus e outros cinco oficiais estão com armas apontando para um corpo gemendo no chão. Ele segura seu braço sangrando, e eu exalo.

— Scott? — ele geme, se contorcendo como o verme que é.

Eu sorrio para ele, a fúria e a satisfação em pegá-lo ondula através de minhas emoções. — Você está preso, filho da puta. Você tem o direito de permanecer em silêncio ou chorar de dor, a escolha é sua. Se você disser algo, pode ser usado contra você em um tribunal. Você tem o direito de ter um advogado presente durante qualquer questionamento. Se você não puder pagar um advogado, será nomeado um para você, se assim o desejar, mas não vai ajudá-lo a escapar da minha ira. — eu improviso.

Sinto-a antes de vê-la. Jade queria permanecer no carro e não fazer parte da prisão. Ela não disse o porquê e eu não a forcei. Ela tem esse direito.

— Eu confiei em você. — ela assobia, sua voz mal é escutada sobre o som de atividade e vozes.

Ele estreita os olhos para ela. — Ele é meu filho.

Ela ri, e é sombrio. — Você não podia se importar com ele. Você se importava que se ele fosse pego, entregaria tudo, mas você perdeu de qualquer maneira.

Ele zomba dela. — Me poupou o trabalho de você trabalhar para mim, sabendo onde você estava nesses oito anos. — ele cospe sangue no chão através do seu lábio machucado. — Eu fui lá uma vez e vi você nua e sangrando pela buceta, com uma garrafa deitada ao lado de seu corpo encurvado, inconsciente.

Ele vai morrer, porra.

— Ele me deixou gozar. — ele esfrega seu pau. — Me mostrou por que ele gosta tanto de você.

Cada músculo se contraiu quando eu me atirei para frente, mas fui parado quando fortes mãos e braços me agarraram, me segurando. Ele está morto. Eu vou arrancar membro por membro.

— Dillon. — murmura Jade, fazendo com que meu corpo fique imóvel quando ela se aproxima dele. — Está tudo bem.

Ela estreita os olhos para ele. — Benny é um pedaço de merda. Mas ele não deixaria seu velho e nojento traseiro perto de mim. Eu sei disso com certeza. Então, você quer tentar fazer com que eu acabe com sua vida miserável, mas eu não vou. — ela levanta a perna e o chuta com força no rosto, derrubando-o. — Mas eu farei isso.

Arrasto meu olhar para longe da expressão satisfeita que ela está fazendo para considerar o bundão esparramado no chão. — Você vai pagar por seus crimes do jeito certo. — eu murmuro para seu corpo imóvel. — Chefe.

Olhando para Stanton, o sangue jorrando de seus lábios e nariz, eu engulo o desejo de chutar sua cabeça também.

No entanto, minha garota precisava disso.

Ela fez bem.

O fechamento de um ciclo pode curar algumas feridas, e nós estamos finalmente dando algum alívio e ela. O mundo de Benny está ficando cada vez menor, e em breve, vamos esmagá-lo.

* * *

Dois dias e ele ainda se recusa a falar. O hospital diz que ele pode sair hoje, então ele vai estar muito melhor para falar.

— Sem mais adiamentos. — eu rosno.

— Eu quero um acordo. — seu nariz quebrado o faz soar como se ele tivesse um resfriado. O idiota deve estar com altas doses de medicação se ele acha que vai fazer algum acordo. Temos provas e acusações suficientes para colocá-lo preso para o resto de seus dias. — Eu te entrego Benny e eu tenho o acordo.

Meu coração balança em meu peito. Poderia ele realmente entregar Benny a nós?

— Você não tem um monte de cartas para jogar aqui. — eu estalo.

— Mas eu tenho essa. — seus olhos se apertam.

Eu arranho a barba começando a crescer em meu rosto. — Benny sabe que você tem outros filhos? — eu estou genuinamente curioso e não me oponho a usar táticas que normalmente seria inferior a mim.

Seus olhos se contraem. Filho da puta. Da mesma forma que seu filho faz. Eu sabia que eu sentia alguma familiaridade com Benny.

— Ele não sabe? — eu sorrio.

Seus ombros ficam tensos. — Deixa as gêmeas fora disso.

Inacreditável.

Ele se importa com elas. Depois dele ter abusado e causado a morte de sua primeira filha, ele realmente sente um afeto paternal por suas outras filhas. Por que elas? O que fez sua outra filha diferente, tanto que ela se tornou sua vítima, mas ele queria proteger as outras? Era difícil ouvir Jade quando ela compartilhava as histórias que Benny contou a ela sobre sua irmã, Bethany.

— Eu estou pensando que nós podíamos lançar um apelo através de suas filhas para que seu irmão se entregasse. Talvez as vesti-las como bonequinhas bonitas. Realmente chamaria sua atenção para elas, — eu aviso, sorrindo de orelha a orelha.

Eu nunca iria colocá-las em perigo realmente, mas este porco não precisa saber disso.

Ele exala em voz alta. — Eu não sei onde ele está. Eu deixei um carro para ele e foi isso. Não ouvi falar dele.

— Como você se comunicou com ele?

Sua mandíbula aperta e ele segura as cobertas de sua cama de hospital. — Tenho um número para ligar para ele.

Marcus balança a cabeça para mim e abre o bloco, tirando o número. — Eu vou colocar um rastreador nele para ver se o GPS está ligado.

— Não vai estar. — Stanton bufa. — Ele só liga uma vez por dia ao meio-dia.

Que porra é essa?

— Eu sou o único que tem o número e nós só entramos em contato um com o outro se houver uma razão.

Um rápido olhar para o meu relógio me diz que são quase duas e meia.

— Nós ficaremos em contato. — eu digo a ele em um tom mais brando, quando Marcus e eu saímos do quarto.

— Cheque isso de qualquer maneira. Se não, vamos esperar. — digo a Marcus.

— E se não tivermos uma pista? — ele questiona. — Poderíamos chamar Jade. Tentaremos fazer com que ele entre em contato com ela.

— Ele não entrará a menos que seu corpo de merda esteja em um saco. — andando pelo corredor, eu atiro por cima do meu ombro. — Leve esse merda para a prisão.

O tempo de Stanton acabou. Ele não tem mais nada para oferecer e um monte de crimes para pagar.

* * *

O aroma de doces assados enche o ar e invade meus sentidos enquanto abro a porta da casa de Cassy e Brent. Eu ouço uma risadinha e sei que é minha garota. Parece música.

— O meu não parece assim. — Jade ri.

Cassy fala quando eu viro no corredor. — Garota, as coisas boas vêm em todas as formas e tamanhos e ainda com gosto tão doce. Não é verdade, querido? — diz ela para Brent, que está de pé junto às portas corrediças do pátio com os braços cruzados e um amplo sorriso nos lábios.

— Porra, mulher.

— O que cheira a céu? — eu pergunto, passeando e dividindo o trio.

— Eu assei um bolo. — Jade diz antes de vir para mim, jogando seus braços em torno de minha cintura. — Senti sua falta.

— Nós podemos levá-lo para Jasmine. Ela ficará emocionada. — eu esfrego minhas palmas para cima e para baixo em seus braços, inalando seu cheiro doce.

Separando de mim, ela estremece. — Não está bonito.

Eu olho para os dois bolos colocados lado a lado. Um está perfeito, enquanto o outro está todo torto e manchado com muito glacê. Eu não posso evitar e começo a rir. — Está malditamente perfeito, Jade.

Ela esfrega o nariz e eu vejo glacê na ponta. Puxando-a para mim, eu lambo seu nariz. Ela ri pelo meu atrevimento.

— Deus. — eu digo com um estrondo, — Eu te amo tanto.

Eu não consigo parar de falar pra ela. Se ela não se iluminasse como se ouvisse pela primeira vez toda vez, eu me apavoraria por eu estar sendo um medroso.

— Vá se preparar, babe. — eu instruo com um tapa suave em seu traseiro. — Temos um lugar para ir.

Soltando-a, eu a observo enquanto ela sai da sala. Com um sorriso em meus lábios e eu olho para cima para encontrar Brent e Cassy sorrindo para mim.

— Sim... sim... — eu resmungo e os dois riem.

Capítulo dezoito

Alcaçuz

JADE

Cassy me dá um rápido abraço e o cheiro de amêndoas da cozinha emana dela, oferecendo conforto. Ela é roubada de mim quando o enorme corpo de Brent aparece por trás dela e a puxa para dentro dele, seus braços fortes embrulham possessivamente ao redor de sua cintura. Ela ri como uma adolescente e mergulha para acariciar seu pescoço. Eles são um belo casal e me sinto abençoada por Dillon me apresentar a eles.

— Ela vai te amar. — Cassy me assegura com uma piscadela.

Eu aceno com a cabeça antes de me apressar em direção a Dillon, que está sentado em seu carro olhando para nós.

Uma vez que eu escorrego para dentro, eu fico nervosa, mexendo com a barra da minha blusa.

— Você está linda, babe.

Eu rolo meus olhos brincalhões e sigo seu olhar de volta para Brent e Cassy, que estão acenando.

— Eles são um ótimo casal, sabe? Obrigada por me trazer aqui.

Seus lábios pressionam em uma linha firme e ele me olha pensativamente. — Eu quero isso, Jade.

Eu me viro para olhar para seus olhos. Sua mão desliza na minha, fechando seus dedos ao redor dos meus.

— Eu realmente nunca tive ninguém que eu queria *mais*... — seus olhos me acompanham e me seguram reféns dele. — Até você. — sua mão aperta. — Eu quero tudo com você. Tudo isso. Eu quero te dar tudo o que você sempre sonhou. Um lar. Uma família. Um futuro sem

medo. — ele me dá um sorriso torto que transforma meu interior em geleia. — Quero lhe dar meu sobrenome.

A emoção me choca. Ser esposa dele? Eu sempre pensei que seria uma esposa terrível, mas talvez eu fosse apenas uma esposa terrível para quem não fosse Dillon. Para ele, eu poderia ser uma boa esposa. Somos da mesma raça. Ele acordou algo dentro de mim que eu nunca pensei que existisse.

Mas é tudo muito cedo?

Não.

Eu tenho certeza disso.

O que nós passamos é mais do que qualquer um tem que lidar em uma vida - inferno, mil vidas. Nós fomos para o inferno e voltamos juntos. Qualquer tempo sem ele é o tempo que eu não quero.

— Eu quero isso. — sai rapidamente, meu tom sério. — Eu quero casar com você.

Ele pisca um sorriso malicioso. — Nós, os garotos do sul, geralmente gostamos de fazer a pergunta antes de termos a resposta. — sua piscadela me faz rir.

O constrangimento cai sobre mim. Ele não tinha realmente perguntado, não é?

— Oh, Deus. Eu sou tão...

Ele me corta com um rosnado. — Não se atreva a voltar atrás, linda.

Solto um gemido quando ele me arrasta pelo console para seu colo. — Você realmente quer ser minha esposa? — a descrença colore sua pele. Seus olhos castanhos brilham com excitação e sua mão acaricia carinhosamente minha bochecha. — *Por favor*, seja minha esposa? — ele me faz a sua melhor cara de cachorrinho, e Jesus, isso nunca funciona.

— Você pode apostar sua bunda que eu vou. — o sorriso em meu rosto dói. Um tipo bom de dor.

Seus dedos se enroscam em meu cabelo e ele me puxa até que nossos lábios apenas pressionam um contra o outro. — Boa resposta, detetive. — ele respira.

Eu solto um gemido quando ele me beija com ternura. Quando finalmente nos separamos, eu sorrio para ele. — Boa pergunta, detetive.

* * *

— Tem certeza que ela vai gostar de mim? — eu sondo quando eu olho no espelho do visor do carro pela milionésima vez. É a primeira vez que eu coloco maquiagem pelo que parecem anos.

Dillon ri do lado do motorista. — Ela vai te amar. Esse é o problema. Apenas espere. Até o momento em que saímos, ela vai ter planejado uma data de casamento e que vai dar nome para cada um dos nossos filhos.

Data do casamento?

Crianças?

— Dillon. — eu choramingo. — você vai contar a ela sobre o casamento?

Ele estaciona na calçada de uma casa modesta com um pátio imaculado. — Mamãe tem sentidos de aranha. Você verá. Não teremos que lhe contar. Ela vai saber.

Com essa declaração, ele sai do carro e eu arranco atrás dele. Quando ele chega ao meu lado, ele envolve um braço em volta de mim. — Vai ficar tudo bem, Jade. Eu prometo.

Estou entrando em pânico quando a porta se abre e uma linda garotinha com óculos e tranças tortas vem descendo os degraus. Eu mal consigo me afastar do aperto de Dillon antes que a menina se lance em seus braços.

— Tio Dill Pickle! — ela grita.

Ele a lança no ar como se ela não pesasse nada antes de apertá-la em seu peito largo. — Ei, kumquat. O que eu perdi?

Ela começa a conversar sobre como ela ajudou a fazer biscoitos e depois se queixa sobre um valentão na escola. Finalmente, ela lhe fala sobre uma scooter nova que ela quer de Natal.

Enquanto isso, estou congelada como uma estátua, olhando para seu relacionamento fácil. Dillon será um grande pai. Ele faz a

paternidade parecer fácil. Esta menina é tudo em seus olhos e derrete meu coração. Isso me dá esperança de que, com meu parceiro destemido, talvez eu possa ser uma boa mãe também.

— Ela é linda. Você é uma princesa?

Eu assusto ao perceber que ela está falando comigo. — Quem, eu?

Ela ri e se contorce até o chão. Sem hesitação, ela salta para mim e abraça minha cintura. — Eu sou Jasmine.

Eu sorrio para ela. Sua felicidade é infecciosa. Faz meu coração quebrado bater violentamente em meu peito. — Eu não sou uma princesa. Estou mais para uma assassina de dragões. — eu provoco. — Jade.

— Como as pedras de cor verde que aprendemos na aula de ciências?

— Exatamente assim. — eu digo a ela. Quando olho para Dillon, ele está ao lado de uma mulher mais velha que se parece muito com ele. Ambos estão olhando para mim como se eu fosse algo especial.

Eu.

Especial.

Meu coração bate no meu peito em tal noção.

— Você vai brincar comigo? — ela pergunta, seu nariz bonito esfrega em mim.

— Vocês duas podem brincar mais tarde, Jazzy. — a mulher grita. — Estamos prestes a comer o jantar.

Eu me aproximo dela e Dillon agarra minha mão para me puxar contra seu peito. — Mãe, esta é Jade Phillips. Minha parceira e namorada. Jade, esta é minha mãe, Brenda Scott.

Apertamos as mãos e seus olhos se estreitam contra mim antes de olhar para seu filho. — Namorada, hein? Parece um pouco mais sério pelo jeito que você não a larga. — seus olhos caem para onde eu estava distraidamente esfregando meu estômago. — Muito mais sério.

O calor me queima, mas Dillon salva o dia.

— Vamos nos casar. Então, sim, muito mais sério. Como permanentemente sério. — ele olha para mim e me pisca um sorriso de felicidade.

Os olhos de Brenda se iluminam com alegria e logo sou puxada para um abraço maternal. — Estou emocionada de finalmente te conhecer. — ela murmura contra o meu cabelo. — Ele é um bom homem. Você tem sorte de tê-lo encontrado.

Eu aceno em compreensão. — Ele é o melhor, Brenda.

— Com certeza ele é. — ela diz com uma risada. — E me chame de Mãe.

Suas palavras deviam me fazer tremer, mas não. É como se ela fosse a que dotou seu filho desses poderes especiais de amor e aceitação. Mais uma vez, sinto como se uma pomada tivesse sido aplicada a uma ferida dolorida no meu coração.

— Eu gostaria disso. — digo a ela.

E era verdade.

* * *

Dillon e Brenda tagarelam muito tempo após os pratos estarem feitos e a comida colocada na mesa. Ela está o interrogando sobre seus planos para o nosso futuro, agora que vamos estar casados, mas eu não ouço suas respostas. Minha atenção é focada através da janela onde Jasmine está brincando de costas. Tudo o que sei é que Dillon parece certo e satisfeito. Pensamentos de como ele vai reagir sobre esta gravidez surpresa não me faz sentir como um fardo depois de tudo o que ele disse antes sobre querer tudo comigo.

Por favor, faça este bebê ser dele.

Jasmine brinca com uma bonequinha que é quase tão grande quanto ela. Agarra em suas mãos, a gira para fora no quintal e eu não posso evitar me sentir nostálgica. Tudo sobre ela me lembra o quão inocente Macy foi uma vez. Sinto falta do jeito que minha irmã costumava ser, antes que Benny a infectasse com sua doença.

— E quanto ao seu trabalho na delegacia, você está bem o suficiente para trabalhar? — ela questiona, tirando minha atenção de Jasmine.

— Tenho certeza que uma vez que eu esteja um pouco curada da minha cirurgia eu vou voltar. — eu digo a ela, mas eu não menciono que eu já estou envolvida na investigação em curso.

Eles continuam balbuciando um para o outro e minha atenção volta para Jasmine. Ela está mais distante no quintal, perto de um galpão. A porta está aberta e ela está olhando para dentro.

— Você vai ter que vir mais vezes, filho. — Brenda repreende. — Sua pobre namorada não passa de pele e ossos. Vou engordá-la.

Eu pisco um sorriso apreciativo antes de olhar de volta para Dillon e deixá-lo pegar minha mão.

— Ela precisa de um anel. — Brenda diz com uma sobrancelha levantada.

Dillon acena com a cabeça. — Você está certa. Na verdade, eu ia te perguntar sobre isso.

Saltando, ela bate palmas. — Não diga mais. Você sabe que eu quero que você o tenha. — ela se afasta e nós a ouvimos se arrastando para uma sala a direita da sala de jantar.

Quando algo cai na outra sala, eu dou um sorriso tímido. Ele sorri para trás antes de me puxar contra ele. Seus suaves lábios roçam os meus antes que ele me devore com um de seus beijos que consome a alma, e que eu sinto por todo o caminho até o meu coração. Quando ele se afasta, estou sem fôlego e embaraçosamente necessitada dele.

— Você precisa de ajuda, mãe? — Dillon chama antes de piscar um olhar sombrio que diz que ele está tão ansioso quanto eu.

— Está aqui. — ela grita do outro lado. — Tudo está apenas uma bagunça. Jasmine está obcecada com bonequinhas ultimamente e as vesti com minhas roupas velhas.

Bonequinha bonita.

Ela aparece de volta na sala segurando uma pequena caixa de joias.

— Ela chegou até a ter um amigo imaginário no galpão chamado Dolly. Acho que é um mecanismo de enfrentamento para lidar com todo

o bullying em sua escola. — ela conta, mas eu estou congelada, e Dillon está apertando minha mão tão forte que eu acho que os ossos se quebram sob ele.

Meus ossos chocalham sob a pele quando eu fico de pé. A sala é pequena demais. Muito quente. Ele gira enquanto sussurro. — Não...

— Jade? — Dillon, que normalmente está na mesma página que eu, parece estar a dois passos atrás de mim.

Meus pés começam a pisar o tapete antes que eu ganhe o controle suficiente de meus membros para começar a correr.

— Jasmine! — assim que o ar quente do ar exterior gira em torno de mim, eu procuro no quintal por ela. — Jasmine! — seu nome é gritado por mim quando eu vou para o galpão onde eu a vi pela última vez brincando. Dillon está chamando meu nome e eu consigo enviar um olhar aterrorizado antes de ir para o pequeno edifício de metal.

— Nãooooo! — eu grito, meus pés bombeando o mais rápido que eu posso.

Passos pesados trovejam atrás de mim e Dillon logo me passa correndo em direção ao galpão. Quando eu viro a esquina, ele já está correndo através de uma porta. No momento que eu o vejo, eu posso ouvir o barulho dos pneus.

Estou em choque.

Déjà vu.

Dillon se agacha, o peito se levantando com o esforço e pega o pequeno par de óculos dela. Quando seu brilho cheio de raiva encontra o meu, eu estremeço. — Ela se foi.

— Não.

— Ela se foi. — ele cai no chão de joelhos e olha para mim com incredulidade, sua cabeça tremendo.

— Oh Deus, o que está acontecendo? — Brenda chora enquanto ela atravessa o portão, suas palavras sopradas de esforço. — Dillon?

Isto é minha culpa.

— Eu vou encontrá-la. — eu juro, a pequena pontada de felicidade e esperança são drenadas do meu coração quando ele se quebra aos seus pés.

Não permitirei que isso aconteça novamente.

Capítulo dezenove

Black

BENNY

Eu olho para a mensagem que a minha bonequinha quebrada me deixou e bolhas de fúria explodem dentro de mim. Estou tão exausta, mas a agressão ainda inunda meu sistema. Eu gosto de jogos, mas só quando sou eu quem está fazendo as regras.

Volte para casa, mestre. Eu tenho um presente para você.

Eu saí para conseguir o que eu precisava para colocar meu plano final em ação. Aparentemente amarrar minha bonequinha quebrada no radiador não foi suficiente para ela entender que eu queria que ela ficasse aqui. Ela está ficando muito além do meu controle e isso a torna mais perigosa para mim, eu posso ser pego.

Eu corro meus dedos através do meu cabelo grosso em frustração. Estou pensando agora. E se tivessem policiais ainda patrulhando a casa, caso voltemos? Não. Eles não pensariam que seríamos tão estúpidos.

Ainda é um risco.

Porra!

Pego minha bolsa e saio do buraco onde estamos escondidos. Quando entro no vagão, me pergunto por que não tenho notícias de Papai há algum tempo. Isso também faz com que meus nervos fiquem desgastados.

Mas talvez contatá-lo seja muito arriscado.

Tem que ser isso.

Com meus ombros tensos e meus olhos correndo por todo o lugar, dirijo em alerta para minha casa velha que está há uma hora de

distância. O que uma vez me ofereceu uma pequena sensação de conforto só oferece uma sensação de fracasso agora.

Eu deixei minha guarda baixa e confiei que minha bonequinha quebrada não faria qualquer coisa estúpida.

Maior erro da minha vida.

Enquanto eu dirijo no trânsito, os faróis do carro da polícia iluminam na brisa delicada. O silvo através das árvores é familiar. Escaneando os arredores, é evidente que não há ninguém aqui observando o lugar.

O que acontecerá agora?

Esse lugar será deixado para decair? Frio? Mofo como o buraco de merda empoeirado que nós estamos enfurnados?

Depois que eu saio, eu caminho a passos lentos em direção a casa.

E se for uma armadilha?

Fantasmas atormentam meu interior. Empurro a porta da frente e a tristeza me aflige. Há lamacentas pegadas por todo o chão. Objetos estão derrubados e tudo o resto está faltando. Eles a esvaziaram quase tudo.

Meu peito dói.

Ouçó um movimento acima de mim e subo as escadas até o sótão. Meu coração dispara com memórias.

— Eu estou aqui. — eu anuncio por trás da bonequinha quebrada enquanto ela se inclina sobre uma cadeira.

Virando com um sorriso polido brilhante em seu rosto, ela fica de lado e gesticula com as mãos. — Ta-da!

Meus olhos caem para uma menina sentada na cadeira. Lágrimas em seus olhos jovens. Ela está em um belo vestido e seu cabelo está penteado em tranças.

— O que é isso? — eu exijo, uma mordida ao meu tom.

Os olhos quebrados da bonequinha cintilam com orgulho. — Eu trouxe uma nova bonequinha suja.

Eu olho entre as duas e dou passo para trás.

Ela está falando sério agora?

— Ela é uma criança! — eu estalo. *Eu não sou um perverso.*

— Ela não é muito mais nova do que eu quando você me levou. — ela argumenta, a sua voz mordaz. Seus olhos penetraram nos meus, como ela pudesse me destruir sozinha.

Ela nunca ficou brava comigo por tê-la levado.

Ela sempre gostou de me agradar.

Ansiosa para obedecer.

Ansiosa para ser amada.

Então, por que diabos ela parece chateada agora?

A raiva dentro de mim é quente demais para controlar. Está cegando e escoando pelos meus poros. — Eu não quero que *você* comece. — eu assobio.

Seus olhos piscaram abertos e fechados, confusão transformando seus traços. — O que você quer dizer? — ela choraminga, brincando com a bainha de seu vestido.

Eu dou um passo para frente, balançando a cabeça em desgosto. — Eu só te peguei porque queria sua irmã.

— Você é um mentiroso. — raiva ondula através dela e seus olhos parecem brilhar com fúria. — Você é um mentiroso! — ela grita, agarrando a garota pela cabeça. — Eu te trouxe uma nova boneca. — a menina grita por ter o cabelo puxado. — Eu a peguei *deles*. Para você, Benjamin. Para nós.

— De *quem* você a pegou? — exijo.

Ela sorri para mim. — De Jade e seu detetive sexy. — o brilho em seus olhos me diz que ela está me provocando chamando Dillon ‘próximo defunto’ de sexy. — Ela é a sobrinha dele. — ela acaricia o rosto de lágrimas da menina e sorri para mim. — Uma nova bonequinha suja só para você.

A menina é jovem. Realmente jovem. Sua pele é impecável como uma porcelana não pintada.

— Eu não sou um maldito perverso. — eu digo. — Eu não quero uma criança.

Suas costas se endireitam e ela olha para mim. — Você não quer ninguém além *dela*. E *ela* não quer você.

— Está bem. — ela grita, — eu vou te encontrar uma nova! — ela puxa uma tesoura afiada de uma mesa próxima e mergulha sua arma em direção ao pescoço da criança.

Em três passos rápidos, eu consigo agarrar seu braço antes que ela a apunhale. Se ela está dizendo a verdade sobre a criança ser sobrinha de Dillon, então eu posso usá-la para recuperar minha bonequinha. Mas uma criança morta não me conseguiria nada além de uma bonequinha suja e zangada.

— Quero ir para casa. — a menina soluça.

Macy se esforça para se libertar de mim, enquanto eu contorno a cadeira e puxo seu corpo contra meu peito, sua frente virada para fora. Ela se contorce e luta, ficando histérica. — Eu a matarei se você não a quiser. E então eu vou matar Jade! — ela grita, agitando em meus braços. — Eu vou matar todo mundo e você só vai ter a mim para amar. — seu corpo se contorce em meus braços, mas eu a seguro mais apertada para que ela não se solte.

Esta bonequinha está muito quebrada.

Eu nunca vou consertar sua pequena mente atormentada.

Lágrimas queimam meus olhos pela primeira vez e eu não sei por quanto tempo. Luto e raiva se agitam em mim enquanto eu luto para segurá-la.

— Você me ouviu? — ela grita, jogando seu braço em mim e arranhando minha perna. — Eu vou cortar Jade em um milhão de pedaços e então ela vai embora para sempre.

Eu sei que ela faria isso também.

E eu não posso permitir isso.

— Feche os olhos. — eu grito para a menina sobre meu ombro.

Um rugido dolorido rasga meu peito quando eu puxo seu braço e aperto seu punho segurando a tesoura. Usando todas as minhas forças, eu trago a mão dela através de sua garganta, adicionando pressão para garantir que as lâminas cortem profundamente, a fim de acabar com a sua vida rapidamente.

Minha bonequinha quebrada.

Muito quebrada para consertar.

Seu corpo para de lutar e eu a viro em meus braços para que eu possa olhar para ela. Uma vez que os olhos maliciosos se apagam, suas pálpebras se fecham. Ela tenta dizer meu nome, mas sai como nada mais do que um sussurro minúsculo. O sangue bombeando de sua garganta está saindo muito rápido. Muito rápido. O buraco em seu pescoço é catastrófico.

Um meio para um fim.

Ela pode ter sido quebrada e feia, mas o brilhante sangue derramando dela é lindo. Ele nos impregna, como se manchasse minha mente para sempre com sua cor.

Assim que ela fica completamente amolecida, a ficha cai.

Eu fiz isso.

Eu quebrei minha bonequinha indefinidamente.

Não a consertarei novamente.

Você vai ter uma nova bonequinha.

Meu peito dói. Apesar de arruinar tudo, eu realmente gostava dela. Eu caio no chão com ela no meu colo e a balanço quando os soluços sufocados da menina encham a sala atrás de mim.

‘A senhorita Polly tinha uma boneca que estava doente, doente, doente.

Então ela telefonou para o médico para que fosse rápido, rápido, rápido.

O doutor veio com sua bolsa e seu chapéu

E bateu à porta com um toc-toc-toc.

Ele olhou para a bonequinha e ele balançou a cabeça

E ele disse: — Senhorita Polly, coloque-a na cama!

Ele prescreveu em um papel uma pílula, pílula, pílula

— Estarei de volta pela manhã sim, vou, vou, vou.

Capítulo vinte

Onix

JADE

Dillon está inconsolável.

Nada chega até ele quando Brenda relata tudo o que Jasmine tem dito sobre sua amiga, Dolly. Passaram-se cinco horas desde que ela foi levada e não temos pistas. Nada para seguir.

Macy.

Jesus Cristo.

Minha própria irmã sequestrou a sobrinha de Dillon, e isso nos aterroriza. Ela é instável, e se trabalhar sozinha, imprevisível.

A culpa surge através de mim. Isso tudo é minha culpa. Mas eu consigo consertar isso. Vou corrigir.

Me desculpo e saio do quarto para tentar o número que Stanton nos deu para Benny novamente, mas não há nada. Meu coração dói e eu me sinto impotente. Tão malditamente desamparada.

Eu teclo a rediscagem e endureço quando o toque soa no meu ouvido. Minhas mãos tremem e eu me apresso para sentar na cadeira no canto da sala para não cair no chão.

Por que ele ligaria o telefone?

A linha é atendida e ouço uma respiração.

— Benjamin? — eu pergunto humildemente.

— Bonequinha Suja?

— Sim. — eu respiro.

Meu Deus. Ele realmente atendeu.

É isso.

— Eu tenho algo que pertence ao seu parceiro. — ele resmunga, mas há algo diferente em seu tom.

Derrota?

— Ela está bem? — eu sufoco.

Ele bufou. — Eu não sou um perverso. Eu ia ligar para você. Como você conseguiu esse número? Acha que eu a tocara? Ela é uma criança. — suas palavras e frases são desvendadas, assim como sua mente. — Não sou um perverso.

— Eu sei. Eu sei. — eu digo, me sentindo mal.

— Este não era o meu plano. — ele me diz. Sua voz é triste, quase perdida. — Eu nunca poderia te substituir.

Eu engulo meu medo. — O que você quer, Benjamin? Deixe Jasmine em casa segura. Ela é inocente, como Bethany. Só é uma garotinha, — murmuro. — Você não vai ficar com ela porque você não é um perverso.

— Eu não sou um perverso. — ele ecoa. — Eu só quero você. Se você voltar para casa, posso soltá-la.

Casa.

— É onde você está, Benjamin? Você foi para casa? — apenas o lembrete de sua casa me fez estremecer.

Ele solta um sopro de ar como se estivesse chorando. — Eles destruíram tudo. Venha para casa. Por favor.

— Certo. — eu garanto a ele. Qualquer coisa para tirar Jasmine dele.

Eu não posso acreditar que ele voltou para lá. Ele quer ser pego? Talvez ele esteja cansado de fugir.

— Sozinha. — ele rosna. — Venha sozinha. Se não... — suas palavras morrem e outro arrepio aterrorizado ondula através de mim. — Vou matá-la antes que alguém possa invadir o local.

E ele vai.

Isso tem que ser só nós dois.

Vou terminar isso agora.

— Onde está Macy? — pergunto, minha voz rouca de emoção. — Eu tenho medo que ela possa me machucar novamente. Você pode dizer a ela que eu a amo e quero voltar para casa?

Eu não posso arriscar Macy vir até mim novamente. Este bebê tem que ser protegido.

— Eu nunca deixaria que ela te machucasse. — ele promete, e sua promessa é uma coisa em que eu realmente acredito. — Isso estava fora do meu controle antes. — ele parece fraco e cansado. — Vocês foram todas más e tudo foi para merda como sempre. Como é que nenhuma de vocês aprende?

— Eu não serei malvada agora. — eu digo a ele, apertando meus olhos fechados. — Estou voltando para casa, Benjamin.

* * *

Me afastar de todos seria fácil. Eles estavam muito distraídos com o sequestro de Jasmine para notar o minha saída.

Eu sabia que era assim que deveria acabar.

Um confronto entre o monstro que meu pai me avisou... e eu.

Jade Phillips.

Detetive.

Sobrevivente.

O que Benny não sabe é que eu posso ser um monstro também. Ele criou seu próprio pior pesadelo. Vou acabar com ele de uma vez por todas. Nenhuma menina será prejudicada novamente por esta família maligna.

Dirigir de volta para o lugar que detém tantos pesadelos para mim é estranhamente terapêutico. Não há como voltar. Não há como mudar de ideia.

Apenas destruir e seguir em frente em paz.

É a única maneira.

A única maneira para que eu me sinta segura com meu filho.

Benny nunca mais terá outra bonequinha.

Eu serei sua primeira, e sua última.

Quando eu dirijo para a entrada de automóveis, eu estaciono ao lado da estrada em vez de dirigir diretamente até a casa. Preciso do elemento surpresa. Quando saio do carro, uma brisa gira em torno de mim, fazendo com que os pelos dos meus braços se arrepiem. Meus sentidos estão em alerta máximo.

Eu não posso falhar.

Falha não é absolutamente uma opção.

Agarrando minha arma no coldre, solto um suspiro. Eu não vou falhar com esse menino no meu ventre.

A caminhada em linha reta até a casa de meus pesadelos é tranquila, além do barulho das minhas botas no cascalho. Eu levanto minha arma enquanto eu subo os degraus da varanda da frente.

Fazendo uma pausa, eu tento escutar qualquer som de vida lá dentro. Estranhamente, não há nenhum ruído. Nem um soluço de Jasmine. Nem um grito maníaco da minha irmã. Nem uma ordem rosnada de Benny. Nada.

Engolindo seco, empurro meu medo enquanto giro a maçaneta. A porta faz um leve rangido e eu me encolho. Ainda não há som lá dentro.

Eu faço o meu caminho para a casa o mais silenciosamente possível. Meus passos são leves quando eu verifico todos os cantos em cada cômodo antes de fazer o meu caminho até o temido sótão.

De jeito nenhum eu vou ser emboscada e drogada como muitas vezes antes. Não dessa vez. Desta vez, estou no controle.

Uma imagem do rosto bonito de Dillon pisca em minha mente e eu extraio força dele para seguir em frente.

As escadas rangem a cada passo que eu dou. Minha arma permanece levantada na minha frente. Ele não vai me pegar de surpresa desta vez.

Thud.

Thud.

Thud.

O cheiro empoeirado do sótão é familiar e só causa medo e dor. É quase paralisante estar aqui por minha própria vontade, mas não deixo que isso me torne impotente.

Eu estou no controle aqui.

Quando eu coloco minha cabeça ao virar da esquina, meu coração cai no chão. Há uma cadeira no meio do espaço e a pequena Jasmine sentada sobre ela. Seus braços estão atrás de suas costas e seus tornozelos amarrados às pernas. Seu rosto está vermelho e manchado, e ela está tremendo. Benny está atrás dela segurando uma tesoura. Nossos olhos se encontram e eu tento segurar meu tremor. Seu olhar escuro é aterrorizante e de outro mundo.

Ele pertence ao inferno.

Eu entendo seu aviso tácito e abaixo minha arma. Ele acena com a cabeça para o chão, então eu a largo e fico de pé, minhas mãos levantadas na minha frente.

— Certo, Benjamin. — eu murmuro. — você tem o que quer. — meus olhos se dirigem para a pobre criança. Os valentões de sua escola provavelmente parecem mosquitos irritantes em comparação com o monstro que a tomou. — Ei, Jasmine. — eu digo, tentando desesperadamente manter minha voz calma. — Sou eu, Jade. Tudo vai ficar bem, querida. — eu não tenho certeza que minha tentativa de soar tranquila convenceu. Seu rosto desmorona e soluços agitam seu pequeno corpo.

Benny não abaixa a arma. — Você está sozinha?

— Sim.

Ele levanta um par de algemas da mesa ao lado dele e as joga em minha direção. Eu as pego e gancho um lado em meu pulso.

— O outro na barra da cela. — ele late. Seu cabelo é selvagem e bagunçado em todas as direções. Olheiras escuras pintam a carne sob seus olhos ocos.

Eu evito olhar em direção à cela para não tirar meus olhos dos arredores ou dele. Quando eu chego à minha antiga cela, meus olhos percorrem o corpo de Benny. Sangue seco o cobre. Do pescoço aos pés. Está manchado por toda a sua pele e cabelo.

Que porra é essa?

— De quem é esse sangue? — exijo, deixando cair minha mão antes de ter a chance de obedecer a seu comando. Um estrondo de golpes ressoa através dos meus ouvidos do meu sangue pulsando.

— Jade. — diz ele, rouco e quebrado. Meu nome verdadeiro. Por que usar meu nome verdadeiro?

Não.

Eu me aproximo e seu corpo imita o meu. Meu coração me diz a resposta antes que a verdade assalte minha mente.

— Onde está Macy? — eu engasgo em um tom agudo. — Onde ela está?

Eu o empurro em direção a sua porta aberta, apesar de suas tentativas de me agarrar. Estou mais perto dela do que ele. Assim que entro no quarto dela, meu mundo se inclina em volta de mim.

Não.

Thump.

Não.

Thump.

Não.

Thump.

— Macy. — eu ofego. — Não... — meu corpo se dobra sobre si mesmo enquanto os olhos arregalados de minha irmãzinha olham fixamente de sua cama. Não há mais um colchão ou qualquer de seus pertences bonitos. Tudo o que já esteve aqui foi tirado pela polícia forense.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas enquanto observo seu corpo imóvel. Limpa e pálida, seu corpo repousa nas molas. Descartado. Como se ela não significasse nada.

Ela significava tudo para mim.

Seu vestido está encharcado de sangue, seu pescoço dilacerado. Ela ficaria tão zangada se estivesse viva sabendo que ela estava tão suja. O desejo de limpá-la me consome e soluços borram

minha visão. Eu caio de joelhos na frente da cama e acaricio seus cabelos ensanguentados.

Minha irmã.

Ela se foi.

Braços fortes e indesejáveis envolvem em torno de mim por trás e o desejo de vomitar é esmagador. De alguma forma, eu consigo controlá-lo, mas apenas um pouco.

— Desculpe. — ele murmura. Eu posso ouvir a tristeza em sua voz e me corta como uma lâmina afiada. — Ela ia matar a criança e você. Eu não tive escolha. Ela estava tão quebrada.

Com um rugido animal, eu me afasto do corpo dela para ficar de pé. Pego a porta da cela e a fecho, nos fechando. Quando me viro para olhá-lo, ele está de pé de novo.

— O que você está fazendo? — ele pergunta, confusão que estraga suas características enganosamente bonitas.

— Eu estou nos fazendo enfrentar o que nós fizemos. — eu silvo. — Estamos trancados aqui para nos redimir.

Ele aperta os olhos e começa a bater no lado de sua cabeça. — Mas ela estava quebrada. Não conseguimos consertá-la.

Eu rosnei para ele. — Você é o maldito quebrado, Benny. Você. Está. Quebrado.

Sua postura se enrijece e ele olha para mim com um olhar severo. — Não ouse dizer isso.

Um soluço me rasga. Meus joelhos querem dobrar novamente enquanto eu me esforço para conter minha alma cansada sendo aleijada com tristeza. A tristeza é o preço que devemos pagar pelo amor. É um fardo, mas entorpece e isso só faz de você o cadáver.

— Nós pegamos seu pai. — eu cuspo nele através das minhas lágrimas. — Ele tem estuprado garotas por anos e você deixou aquele pervertido viver. Depois de tudo o que ele fez a Bethany. — eu acuso, apontando um dedo para ele.

Ele olha para o meu dedo como se tivesse o poder de puni-lo.

Sacudindo a cabeça, eu tento não olhar para minha irmã morta novamente. Não era assim que eu imaginava brincar com ela. Falhar

com ela foi tudo que eu fiz. Como eu poderia ser mãe se eu falhei como irmã mais velha?

— Ele foi útil. — ele morde de volta.

— Você me dá nojo.

— Bem, isso vai mudar.

— Não. — eu estalo, levantando minha mão para parar seu avanço. Ele olha para o meu pulso, suas sobrancelhas juntas em confusão quando ele percebe que as algemas não estão mais penduradas lá.

Eu sou uma maldita policial.

Eu guardo uma chave no bolso.

— Isso acaba hoje à noite, bonequinha suja.

— Você está certo. — eu aceno com a cabeça e solto uma risada áspera. — Sim.

Ele se curva para recuperar algo de sua meia e eu pego a segunda pistola que tenho amarrada às minhas costas e aponto para ele antes dele ficar de pé novamente. Tenho uma terceira e quarta pistola também. Uma nunca é muito para esse maníaco.

Quando nossos olhos se encontram novamente, eu percebo que ele está segurando uma seringa.

— Que diabos é isso? — exijo, apontando para ele.

Seus olhos estreitam quando ele olha de relance através das barras atrás de mim. Jasmine não está mais amarrada a uma cadeira. Eu sei disso porque sou detetive. Presto atenção às pistas. Nos sons. Eu vejo através das distrações.

Ao contrário do pobre Benny. *Bonequinha muda.*

— Você não veio sozinha? — ele pergunta. Ele é honestamente uma dor na bunda. O tom dele cheira a uma sensação de traição.

— Nunca mais voltarei a ficar sozinha. — digo a ele. — Dillon é parte de mim. Ele é a quem eu pertencço. Nunca foi você, Benjamin.

Sua mandíbula aperta e seus olhos escurecem. — Eu nunca vou deixar você sair dessa cela. — sua voz treme. — Nunca.

Eu agito a arma na minha mão. — Sou eu quem segura a arma. Você não tem mais poder sobre mim.

Segurando a seringa, ele sorri. — Mesmo se você ganhar um round, eu ainda vou avançar e enfiar isso em você. Vamos ir juntos. A eternidade será tempo suficiente para você perceber que sou eu quem você ama.

Porra.

O que há na seringa?

Ele se move um pouco e eu solto minhas palavras. — Estou grávida.

Seu braço cai e eu puxo o gatilho, disparando uma bala em seu ombro.

— Maldição! — ele rosna. — Você atirou em mim! — A agulha bate no assoalho e rola até que para na cama com o corpo da minha irmã.

— Com certeza sim. — eu ando em direção a ele. Com um aperto sob minha bota, eu piso na agulha até que fique inutilizada. Isso não foi tão fácil assim.

— Você está grávida? — seus olhos castanhos brilham de emoção. — Nós fizemos um bebê...?

Eu aperto a algema em seu pulso, e ele não luta comigo. A bala não pode causar tanta dor a um homem como ele, mas minha confissão parece tê-lo atordoado. Eu clico a outra parte no lugar em torno de seu pulso esquerdo antes de empurrá-lo para o chão.

O olhar de Benny permanece colado ao meu, apesar de ter sido empurrado para fora da cama. O amor brilha em seus olhos detestáveis. É um amor fodido... isso é certo.

A porta atrás de mim se abre, e logo a presença poderosa de Dillon está atrás de mim, me escondendo com sua segurança e calor.

E seu amor.

O amor de Dillon é real. É puro e inquebrável. O amor que Dillon e eu temos é compartilhado. Não é forçado ou unilateral. É nosso e ninguém vai tirar isso de nós.

Especialmente Benny.

— Nosso bebê. — Benny murmura, seus olhos vidrados em orgulho.

Dillon coloca uma mão forte em meu ombro e eu dou a ele um rápido aceno. Ele se esquivava ao meu redor e pega o corpo de minha irmã. Assim que ele está em segurança fora da cela, eu olho para Benny.

— O bebê não é seu, Benny. — eu cuspo. — A morte não pode existir na vida. E não importa quantas maneiras você tente aniquilar minha existência com suas monstruosidades, você nunca terá sucesso. Você pertence ao inferno. Seu tempo aqui na terra terminou. Este bebê é vida. Este bebê não é parte de você.

Benny me olha do chão como se eu tivesse cortado seu coração negro em seu peito. Com minha arma apontada em Benny, saio da cela. Uma vez que a porta está fechada e trancada, Dillon pressiona um beijo na minha cabeça.

— Tudo bem. — eu garanto a ele. — Eu estou bem.

— Eu sei que você está. — ele murmura antes de sair para me deixar com a minha vingança. Este é o meu encerramento. Minha merda de final feliz.

Benny parece sair de seu torpor. Seu corpo contrai e a atmosfera em torno de nós aquece como se o próprio diabo viesse nos visitar. Ótimo. Ele precisa levar esse idiota de volta para onde ele pertence. — Você está mentindo.

Eu olho para ele enquanto ele luta com as algemas. Com seu ombro ferido, ele luta para voltar a se levantar. — Me deixe sair, — ele rosna ordenando. — Agora!

O riso que me escapa é louco, muito parecido com o da minha irmã. — Você não tem poder. Vou deixar você apodrecer aqui. Assim como você fez com a gente. Espero que o fedor do sangue da minha irmãzinha te assombre até morrer de fome.

Ele puxa novamente as algemas e grunhi. — Me deixe ir, merda. — eu nem sequer me encolho quando ele chacoalha a porta, jogando seu corpo contra ela. Ela não se move. Eu sei disso porque eu fui uma prisioneira na minha própria cela por quatro anos. Estas portas são impenetráveis. — Eu disse, me deixe ir!

— Você nunca *me* deixou ir. — eu o lembro. — Adeus, Benny.

Saio da casa, ignorando seus gritos de liberdade. Espero que os vermes o comam vivo. Quando chego lá fora, vejo Dillon colocando o corpo de Macy sobre a grama.

— Você vai levar Jasmine para o hospital e fazer com que ela seja examinada? — ele pergunta antes de me puxar contra ele em um breve abraço. — Vou levar o corpo de Macy. — ele tem seu próprio negócio inacabado aqui e não quer que Jasmine testemunhe.

Inclino meu queixo para cima e considero o homem bonito ao luar. Meu parceiro tanto dentro como fora do crime. Meu buscador de vingança. Minha rocha.

Seus lábios pressionam contra os meus e eu deixo que ele me devore. Nosso beijo é necessitado e rápido, mas, no entanto satisfatório. Eventualmente, ele parte e caminha de volta. — Vá, babe. Eu vou encontrar você lá

Eu lhe dou um pequeno sorriso antes de começar obedientemente a caminhar em direção ao seu carro, puxando o fio que ele colocou em mim do meu peito. Estou quase lá quando ele me chama.

— Jade...

Eu me viro e o observo. Ele é magnético e o desejo de correr de volta para seus braços é forte.

— Por que você lhe disse que está grávida? Isso não fazia parte do nosso plano.

Nosso plano, uma vez que eu estivesse com Benny, era para eu entrar como isca e para Dillon me apoiar. Nós seguimos o plano à risca. Além da minha menção à gravidez.

— Eu precisava improvisar. — digo a ele com um encolher de ombros.

Sua testa se levanta, incrédula. Sempre um maldito detetive. — É verdade? Você está realmente grávida?

Eu mastigo meu lábio inferior e embalo minha cintura, incapaz de encontrar as palavras. Se ele soubesse que eu estava grávida, ele nunca teria me permitido vir aqui.

— Jade... — seu tom é mais firme.

Eu olho para ele. — Maryann disse que pelo cronograma não pode ser de Benny, mas... — eu digo, já com lágrimas brotando em meus olhos. — mas eu ainda preciso ter certeza.

Esfregando as mãos pelo rosto, ele encolhe os ombros e se aproxima. Antes que eu possa respirar novamente, seus braços estão ao meu redor e ele está me levantando dos meus pés.

— Baby. — ele murmura contra meu cabelo. — nós estamos nisto juntos. — o tom firme em que ele diz que me relaxa um pouco. — Eu posso praticamente ouvir essas engrenagens girando em sua cabeça. Não importa o que. Juntos, tudo bem?

Eu soluço em seu pescoço e aperto nele para a vida. — Juntos.

Depois de um longo abraço, onde ele consegue juntar todos os pedaços de mim em um abraço, ele finalmente me solta.

Mas não muito.

Nunca por muito tempo.

* * *

— Eu recebi um telefonema de Benny me dizendo para vir encontrá-lo. Quando cheguei, Jasmine estava lá fora na floresta e a casa estava queimando. — eu minto para Marcus enquanto estamos no corredor do hospital.

Ele sabe que eu estou mentindo também. Suas sobrancelhas erguem ceticamente, mas ele sorri e acena com a cabeça. — Ok. Bom o suficiente para mim. Os vândalos sempre incendiam lugares como este. Vou mandar um carro de bombeiros verificar enquanto eu volto para a delegacia. Não tenho pressa.

Meu coração aquece.

— Como ela está? — ele pergunta, acenando para a sala onde Jasmine está sendo examinada.

— Ela vai precisar de tempo e alguma terapia, mas nós garotas somos resistentes. — asseguro a ele. — Ela vai sair disso bem. Porque ela tem um tio e avó que a amam e fará qualquer coisa para garantir que ela se recupera disso.

Dillon se junta a mim uma hora depois, cheirando a fumaça, embora ele tenha mudado de roupa.

— Você deveria ir tomar banho. — eu aviso quando o abraço. — Tudo correu bem?

Marcus está escrevendo notas em um caderno, então ele não está prestando atenção em nós.

— Eu estacionei o carro de policia que Benny estava usando há um quilômetro daqui. — Dillon sussurra. — O corpo de sua irmã está no banco de trás para que eles a encontrem. — ele esfrega meus braços. — Como você está lidando com tudo isso? É muito, Jade. Você perdeu tanto.

Eu perdi tudo. Mas também ganhei muito. Dillon. Nosso bebê. Felicidade.

E sabendo que Macy pode ter um pouco de paz finalmente é uma bênção também. Prendê-la seria cruel. Não foi culpa dela que ela tenha terminado daquele jeito.

— Eu vou ficar bem. — eu lhe asseguro com um sorriso. É genuíno e fica bem em meus lábios. — Vamos buscar o ultrassom, Dillon.

Ele apalpa minhas bochechas e olha para mim. O amor brilha lindamente em seus olhos castanhos. — Eu te disse que não importa sobre a linha do tempo. Somos uma família, não importa o que aconteça.

Eu aceno com a cabeça e meu sorriso vacila. — Não importa o quê. — eu concordo, mesmo que minha frequência cardíaca suba com a possibilidade de que o bebê possa ser de Benny.

— Ligue para mim quando o médico terminar. — Dillon ordena a Marcus. — Minha mãe estará lá com ela, mas fique de olho nelas até eu voltar. Estamos entendidos?

Marcus sorri. — Cristalino, cara.

* * *

Maryann nos encontra em seu consultório. Ela está afastada por alguns dias, mas eu liguei para ela do hospital e ela estava disposta a fazer isso por nós. Ela tinha sido extremamente útil com a investigação e até implorou para falar com as meninas que ele tinha estuprado e abusado para dizer a elas que sentia muito por não saber quem era o monstro do seu marido. Ela se culpou, o que estava fora de lugar. Esperemos que depois de algum aconselhamento ela irá se curar.

— Você está tomando suas vitaminas? — ela pergunta enquanto entramos.

— Eu acho que ela tem o suficiente em seu corpo. — Dillon começa.

— Claro. — ela diz, o constrangimento transformando suas bochechas em cor de rosa. — Isso pode esperar, Jade. Podemos fazer isso outro dia, se preferir.

— Não. Eu quero fazer isso. Estou pronta para fazer o ultrassom. — eu engulo seco e então encontro o olhar de Dillon.

— Tem certeza? — suas sobrancelhas se reúnem em preocupação.

— Eu preciso saber de uma maneira ou de outra. — minha mente gira. E se não for de Dillon ou de Benny? E se for o bebê do Bo? De repente, me sinto como uma prostituta descuidada.

Não, eu não tinha estado com Bo há séculos. Não é dele. Tenho certeza.

— Baby. — ele murmura enquanto Maryann prepara seu equipamento. — Este bebê é *nosso*. — seu tom me acalma. — Eu posso ver essas rodas girando em sua cabeça. Não importa o que. *Nosso*. Parceiros, lembra?

Outra lágrima escorre pelo meu rosto. Emoções estúpidas! Tudo o que posso fazer é assentir.

Este homem. Meu parceiro. Meu amante e meu amigo. Ele segura minha mão durante os próximos vinte minutos enquanto Maryann me mostra que estou realmente grávida. Ela novamente diz que não é possível Benny ser o pai, e eu não posso deixar de ser grata. Ela toma medidas e aponta todas as partes minúsculas. Parece um feijão.

— Ele tem o tamanho de quatro a cinco semanas. — ela sorri, e Dillon aperta minha mão. — Você realmente deve começar a usar esse

hidratante agora como discutimos. Vou até o meu consultório e farei uma receita para os enjoos que você está sentindo também. — ela remove seu equipamento e me cobre. — Voltarei com alguns folhetos e algumas amostras de vitaminas. Vá em frente e se vista.

Ela sai da sala e eu olho para as fotos.

Bebê Phillips.

As minúsculas palavras digitadas acima das fotos fazem meu coração inchar. E com ele, um forte desejo de proteger o que é meu derrama sobre mim. Eu posso não ter sido capaz de me proteger, e eu certamente não pude proteger minha irmã, mas eu serei condenada se eu não proteger este bebê.

— Isso é uma coisa boa. — Dillon me segura antes de roubar um beijo. — Nós somos uma coisa boa.

Meus olhos brilham com uma emoção não disseminada. — Somos mais do que uma coisa boa. Nós somos a melhor coisa.

Ele pisca e me dá um sorriso emocionado. — Certo, detetive. E não se esqueça disso.

Eu puxo seu braço até que ele esteja perto para um beijo. — Eu poderia precisar de ajuda, só te lembrando. — eu o provoco com um sorriso.

Seus dedos entrelaçam no meu cabelo em ambos os lados da minha cabeça e ele rosna. — Eu vou te ajudar a lembrar *a noite toda*. — adverte em um tom brincalhão quando raspa os lábios contra os meus, — no momento em que voltarmos para casa.

Casa.

Um conceito tão estranho.

Já não sou uma bonequinha perdida.

Eu fui encontrada.

Dillon me encontrou.

E juntos, nós vamos ficar bem.

Epílogo

Preto muito preto

JADE

Três anos depois...

Eu olho para o quadro carbonizado da casa que me manteve presa por tanto tempo. Voltar aqui todos os anos se tornou uma tradição para mim, apenas para me lembrar de tudo que eu vivi. Para ver ao que eu sobrevivi. Para reconhecer até onde eu cheguei. Eu sou capaz de reconhecer não só tudo o que eu perdi, mas também o que eu ganhei desde então.

Filhos.

Um marido.

Uma vida realmente feliz cheia de amor e risos.

Marcus ‘esqueceu’ de ligar para o departamento de bombeiros naquele dia fatídico e o fogo eventualmente queimou tudo. O corpo de Benny nunca será descoberto e ele pode apodrecer nas cinzas de sua própria criação até o fim da eternidade.

Um sorriso toca meus lábios.

Minha mão esfrega a pequena protuberância em meu abdômen. Eu nunca tinha pensado em crianças antes de Dillon, mas agora nós estamos dando à MJ um irmão. A paternidade veio naturalmente para nós dois. O medo e a dúvida ficaram comigo durante toda a gravidez, mas quando eu segurei minha filha em meus braços pela primeira vez, eu sabia que daria a terra e a lua para ter certeza de que eu seria uma boa mãe.

Um estremecimento ondula através de mim, roubando meu sorriso tão feroz e repentino. Não importa quanto tempo passe, e não importa quantas vezes eu me diga que ele se foi, ainda sinto como se

seus olhos estivessem em mim sempre que chegamos aqui. Isso provavelmente nunca me deixará.

Sempre estarei vigilante.

Por meus filhos. Pelo meu marido. Por mim.

Monstros espreitam por toda parte, eu não sou alheia a esse fato.

Um ganso grasna entre as árvores, me assustando. Dillon está logo após o arbusto esperando. Eu cuidadosamente faço o meu caminho até o carro voltar à vista.

Seu sorriso perfeito irradia através da janela para mim, e brilha mais do que o dia ensolarado que estamos experimentando. Eu subo em meu assento no lado do passageiro e seu calor imediatamente me envolve.

MJ se senta em seu assento no carro brincando com uma bonequinha, seu cabelo marrom escuro puxado em duas chiquinhas bonitas. Quando ela sorri para mim, meu coração se derrete. Ela se parece com Dillon.

— Outro brinquedo novo? — eu repreendo ao vê-la segurando seu brinquedo mais novo.

As mãos de Dillon se levantam no ar em submissão quando eu lhe lanço um olhar. Ele a mima. — Não. Pensei que você tivesse comprado.

Nós dois levantamos nossos pescoços para olhar nossa filha que está sorrindo de volta para nós. Seus olhos castanhos combinam com Dillon e brilham perfeitamente de prazer.

— Baby canta. — ela diz, e então grita. — Baby canta. — com um brilho em seus olhos, ela aperta a barriga da bonequinha.

A música enche o carro quando a bonequinha, de fato, canta. — **Senhorita Polly tinha uma bonequinha que estava doente, doente, doente.**

FIM